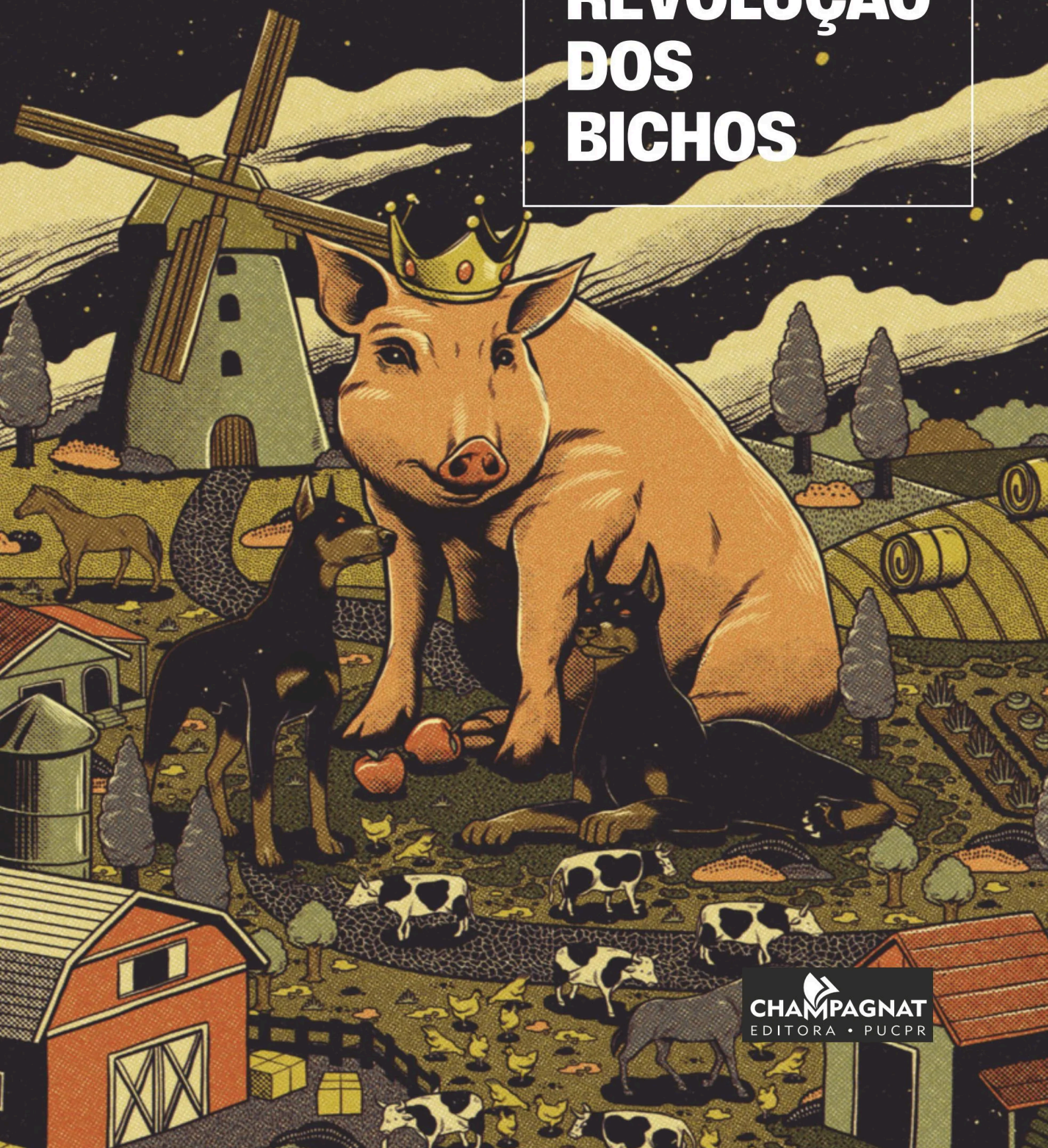
TRADUÇÃO
MARINA COLASANTI
ILUSTRAÇÕES
PEDRO CORREA
George Orwell
A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
CHAMPAGNAT
EDITORA • PUCPR

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

George Orwell

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

TRADUÇÃO
MARINA COLASANTI

ILUSTRAÇÕES
PEDRO CORREA

1ª edição

Curitiba – 2022

EDITORA UNIVERSITÁRIA CHAMPAGNAT
Rua Imaculada Conceição, 1155 — Prédio da Administração — 6º andar
Campus Curitiba — CEP: 80215-901 — Curitiba — PR
Tel. (0-XX-41) 3271-1701

Editora assistente Camila Saraiva
Revisoras Lívia Perran e Marina Nogueira

Tradução de *Animal Farm*, George Orwell, Penguin Classics, 2008, ISBN 978-0141-0361-37.

GEORGE ORWELL nasceu em Motihari, no norte da Índia, em 25 de junho de 1903 e faleceu em 21 de janeiro de 1950, em Camden, Londres. Filho de funcionário da administração britânica do comércio na Ásia, foi jornalista, ensaísta político e escritor de romances, entre eles *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949).

MARINA COLASANTI nasceu em Asmara, na Eritreia, em 26 de setembro de 1937. É artista plástica, jornalista, contista e escritora com mais de 80 livros publicados e premiados, entre eles *Breve história de um pequeno amor* (FTD, 2013) e *Um amigo para sempre* (FTD, 2017).

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

Orwell, George, 1903-1950
O79r A revolução dos bichos / George Orwell; tradução de Marina Colasanti;
2022 ilustrações de Pedro Correa. – 1. ed. – Curitiba, PR: Champagnat, 2022.
160 p.

Título original: *Animal Farm*
ISBN: 978-65-89590-18-7 (Livro do Estudante Impresso)
ISBN 978-0141-0361-37 (Ed. Original)

1. Ficção inglesa. I. Colasanti, Marina. II. Correa, Pedro. III. Título.

22-132 CDD 20. ed. – 823

7 **A chave para descobrir os clássicos**
por Heloisa Jahn

12 **Almanaque**

29 **Convite à leitura**
por Jotabê Medeiros

33 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**

139 **Paratexto**

A chave para descobrir os clássicos

Por Heloisa Jahn

O clássico é um texto que deu um salto. O autor — romancista, contista, poeta, fabulador, cientista, filósofo... — se senta para escrever uma coisa que lhe vai pela cabeça — uma ideia, um projeto, uma inspiração — e escreve, sem que saiba como, sem que tenha planejado (porque é impossível alguém planejar que vai escrever um clássico), escreve um clássico! Um livro que diz mais ao leitor do que o autor pensou que ia dizer. Que talvez diga coisas que o autor nem tenha percebido que disse. Um livro que o leitor tem vontade de ler e reler ao longo da vida e que lhe parece, a cada leitura, ao mesmo tempo novo — porque abre novos caminhos de entendimento, de conhecimento ou de prazer — e conhecido — porque reitera coisas que passaram a fazer parte da constituição mental, da estrutura psicológica e do jeito de estar no mundo do leitor.

E por que o leitor volta aos clássicos? A chave está justamente no fato de que aquela obra — com aquelas palavras, aquele clima, aquelas ideias — passou a fazer parte da estrutura de pensamento do leitor. Ela o acompanhará em suas experiências de vida para dar nitidez ao conteúdo de suas alegrias e sofrimentos, de seus medos,

interrogações e descobertas. Apesar de conhecido, o clássico não cansa, ele tonifica. Não é como uma história que perde a graça porque sabemos como acaba: sua graça está justamente no fato de ser conhecido e infinitamente novo — como a natureza e um mergulho no mar.

O clássico. Um autor e um leitor. Um leitor que se apossa do que o autor escreveu e o torna seu para sempre: torna-o massa do seu ser. Um clássico é ao mesmo tempo rede e barco. Rede que embala, reassegura e encorpa, pela reflexão sossegada, o pensamento. Barco que se afasta na direção do horizonte e leva para outros mundos.

O clássico não tem idade. A *Ilíada*, do poeta grego Homero, por exemplo, nasceu no século VIII a.C., na Jônia. As *Histórias*, do historiador e geógrafo grego Heródoto, foram escritas entre 440 e 430 a.C., marcando o nascimento da história como campo do conhecimento. *Os elementos*, do matemático grego Euclides, foi escrito por volta de 300 a.C. Os contos árabes reunidos em *As mil e uma noites* começaram a ser compilados no século IX (quem nunca ouviu falar de Sherazade?!). Os contos reunidos no *Decameron*, do poeta italiano Giovanni Boccaccio, foram escritos entre 1348 e 1353, durante a peste negra que dizimou milhares de pessoas e mudou as convicções morais do Ocidente. *Os Lusíadas*, do português Luís de Camões, saiu em 1572, e *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes, em 1605. O inesquecível *Moby Dick*, ou romance da baleia-branca, do norte-americano Herman Melville, em 1851. Logo depois, em 1856, foi publicado *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert, que ofendeu a moral e a religião ao desvendar aspectos do comportamento social que a sociedade se esforçava por não ver — e mudou a visão dessa sociedade. *A origem das espécies*, escrito pelo naturalista britânico Charles Darwin, saiu em 1859 e mudou a concepção de como os seres vivos se modificavam ao longo do

tempo. *A interpretação dos sonhos*, do médico vienense Sigmund Freud, publicado em 1899, mudou o mundo ao iluminar o universo interior das pessoas. *A metamorfose*, publicado em 1915, assim como outros romances de Franz Kafka, retratou situações que aprisionam as pessoas sem que elas consigam entender o sentido do que lhes acontece. No Brasil, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado em 1899, e o poema "No meio do caminho", de Carlos Drummond de Andrade, de 1928, também estão entre os exemplos de textos clássicos.

O clássico não tem gênero nem estilo: poesia, drama, ciência, teatro, campos variados do conhecimento — todos têm seus clássicos. Se fosse possível reuni-los num painel, num afresco, formariam um retrato maravilhoso do engenho e da arte humanos. Talvez de um bicho estranho chamado alma humana.

E seu leitor não tem idade: há clássicos para todas as idades, para serem lidos em todas as idades. *As aventuras de Tom Sawyer*, do norte-americano Mark Twain, por exemplo, publicado em 1876, com o regime escravista em pleno vigor e cujos temas centrais são o racismo e a violência, foi classificado como "literatura infantil" e tem sido lido e analisado há mais de um século por estudiosos da literatura.

E que idade têm os leitores das sagas nórdicas, escritas quase sempre na Islândia, em língua nórdica antiga, nos séculos XIII e XIV? São histórias para crianças e para adultos, contadas ao pé do fogo no clima gelado da Escandinávia medieval, e inspiração para inúmeras outras obras em diferentes épocas e estilos — inclusive para composições musicais, como as óperas épicas de *O Anel do Nibelungo*, do maestro alemão Richard Wagner, um dos introdutores da música moderna, e ainda para o personagem Thor, dos quadrinhos da Marvel, "nascido" em 1962 a partir do deus Thor dos trovões e das batalhas, um dos personagens principais das

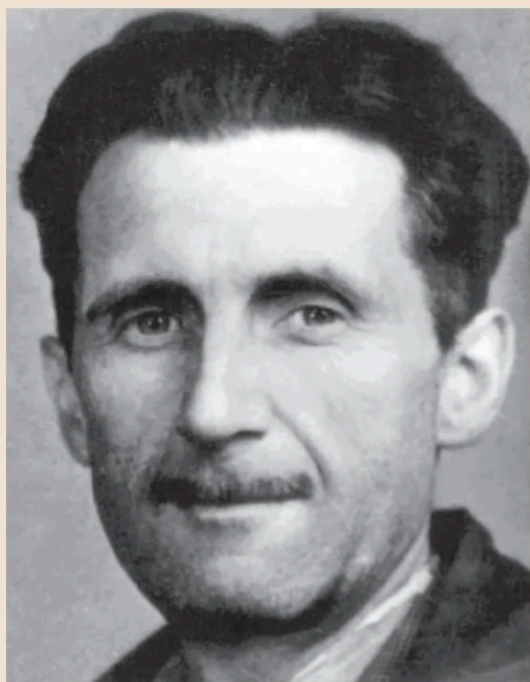
sagas nórdicas. Outro personagem dos quadrinhos que incorpora várias mitologias é o poético Sandman, criação do britânico Neil Gaiman publicada a partir de 1988. No Brasil, as histórias do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, publicadas na década de 1930, povoam a infância e a memória dos brasileiros de todas as idades e continuam cutucando a imaginação dos leitores.

Os clássicos são assim férteis porque condensam uma quantidade muito grande de conhecimento, experiência e magia: são uma espécie de reservatório do humano, e por isso inspiram tantas outras obras e servem de ponto de partida para reflexões de muitos tipos. Eles contêm protótipos que podem ser desenvolvidos de infinitas maneiras, com as mais variadas ferramentas.

Ler pela primeira vez um clássico é descobrir um mundo: aquele que está ali e que prontamente passa a fazer parte de nós. Reler um clássico é constatar como o pensamento e a percepção se transformam infinitamente, pois o clássico é infinitamente novo.

ALMANAQUE

UM ESCRITOR POLÍTICO

Eric Arthur Blair nasceu em 25 de junho de 1903, em Motihari, Índia. Seu pai, Richard Walmesley Blair, era funcionário do Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, uma agência do governo britânico que administrava os serviços públicos da colônia.

Richard fazia parte do grupo de britânicos que deixaram a terra natal para trabalhar na Índia colonizada. Da mesma forma que sua esposa, Ida Mabel Limouzin-Blair, com quem se casou em 1897. Tiveram juntos três filhos: Marjorie Frances Blair, a mais velha; Eric Arthur Blair, o do meio; e Avril Nora Blair, a caçula.

Quando Eric tinha apenas 1 ano de idade, em 1904, a mãe voltou para a Inglaterra com os dois filhos, a fim de dar-lhes uma educação melhor. Estabeleceram-se em Henley-on-Thames, uma cidadezinha à beira do rio Tâmisa, ao sul de Oxfordshire. O pai continuou na Índia até sua aposentadoria, em 1911. Entre 1904 e 1911, viu a família apenas uma única vez, tendo sido uma figura ausente na criação dos filhos.

Aos 8 anos de idade, Eric foi enviado para a St. Cyprian's School, em Eastbourne, uma conceituada

O escritor George Orwell, em 1943.
CRÉDITO: BRANCH OF THE NATIONAL UNION OF JOURNALISTS/WIKIMEDIA COMMONS

escola preparatória para admissão nas concorridas escolas públicas da Inglaterra e do País de Gales. O ambiente opressor e esnobe do colégio deixou marcas profundas na personalidade de Eric. Foi ali que nasceu o sentimento de revolta contra sistemas autoritários que o acompanharia pelo resto da vida.

Da escola preparatória, Eric conseguiu uma bolsa para a prestigiada Eton College, um internato particular para rapazes da elite. Seu desempenho acadêmico, no entanto, entrou em declínio, por negligência. Como suas notas não eram suficientes para manter uma bolsa e os pais não tinham dinheiro para bancar o ensino superior, frequentar a faculdade ficou fora de cogitação.

Aos 19 anos de idade, Eric decide então se alistar na Polícia Imperial Indiana, na Birmânia (atual Mianmar), onde trabalhou durante cinco anos como policial e guarda carcerário. A experiência de atuar como repressor, praticando inclusive a tortura, foi definitiva para intensificar em Eric sua repulsa ao imperialismo e a todas as formas de opressão.

Do testemunho de uma execução na Birmânia, nasceria um de seus ensaios mais famosos, "Um enforcamento" (1931). Os anos de trabalho na polícia também renderiam, mais tarde, o romance *Dias na Birmânia* (1934).

Em 1927, abandona a polícia para viver como escritor. Muda-se para Londres e vai viver entre os pobres e desvalidos nas favelas da cidade, chegando a passar necessidade. Um ano depois muda-se para Paris, em busca de um estilo de vida mais barato e boêmio. Escreve muito nessa época e começa a colaborar com a imprensa. Esse período é retratado em *Na pior em Paris e Londres* (1933), obra que assina pela primeira vez como George Orwell, pseudônimo que o consagraria.

Em 1936, casa-se com Eileen O'Shaughnessy. Praticamente uma semana depois eclode a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e o casal decide ir até a Espanha para ajudar no combate aos fascistas. Orwell adere ao Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), um grupo armado de orientação socialista trotskista. Em uma batalha em Huesca, em 1937, é atingido por uma bala que lhe atravessa a garganta. Enquanto se recupera, vê os stalinistas perseguirem não apenas os fascistas, mas também seus companheiros trotskistas. Ele e Eileen conseguem fugir ilesos para a Inglaterra.

Depois do que viu na Espanha, Orwell, que já não simpatizava com a figura e o discurso de Josef Stálin (1878-1953), consolida sua posição antistalinista. Para o autor, um socialista declarado, o stalinismo significava um desvio do socialismo para o totalitarismo.

A experiência o inspira a escrever uma história de fácil compreensão que denuncia o regime totalitário soviético. Em 1943, a ideia se materializa na fábula *A revolução dos bichos* (*Animal Farm* no título original em inglês), que seria publicada em 1945, mesmo ano em que perderia sua esposa.

Com a saúde debilitada pela tuberculose, doença diagnosticada em 1938, Orwell se retira com o filho de 3 anos para uma ilha isolada na Escócia, em 1946. Ali escreve *1984*, sua grande obra, seu ataque mais agudo ao totalitarismo, publicada em 1949. Poucos meses depois, em decorrência da tuberculose, Orwell faleceria, em 21 de janeiro de 1950, aos 46 anos de idade, em Londres.

Isso é muito *orwelliano*

George Orwell é um desses autores que conseguem criar metáforas, alegorias e analogias tão potentes para descrever nosso mundo que seu nome acabou virando adjetivo. Frases como "Todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que os outros" e termos como "Big Brother" já estão tão incorporados em nosso imaginário que os reproduzimos sem nos darmos conta de suas origens. Assim como *kafkiano* nos remete a uma realidade absurda e claustrofóbica, *orwelliano* nos faz pensar em um estado totalitário e vigilante. **Orwell foi capaz de prever um sistema de aparelhos televisivos que serviam tanto para transmitir informações quanto para espionar seus usuários.** Algo muito semelhante com o que acontece hoje com nossos *smartphones* e extrapola muito as funcionalidades da TV, que, no tempo de vida do autor, ainda era uma tecnologia rudimentar e para poucos. Para não falar nas previsões dos usos da língua como forma de dominação, na proliferação de mentiras como tática de obliteração dos fatos, entre muitos outros elementos. As semelhanças entre as imagens distópicas *orwellianas* e a realidade contemporânea são assombrosas.

UM INIMIGO DO TOTALITARISMO

Não se sabe ao certo o que teria despertado no jovem Eric Blair a vontade de se juntar à Polícia Imperial Indiana aos 19 anos de idade. Sabe-se apenas do despertar de uma certa fantasia com o Oriente. Em 1922, Eric desembarca na Birmânia, onde nascera e onde a avó ainda morava, para atuar por cinco anos como membro da polícia colonial. Ali teve a experiência do opressor. Trabalhou como guarda de prisões, exercendo a força contra um povo colonizado.

Não se pode dizer que esta tenha sido sua primeira experiência de desgosto com o aparato opressivo. Os anos no internato foram terríveis para ele. Mas na Birmânia, depois de testemunhar uma execução, a revolta contra a violência do Estado sobre um cidadão se firmou.

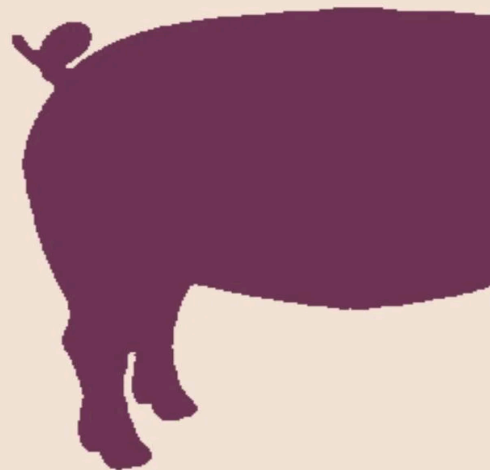
Em 1936, poucos meses depois de ter eclodido a Guerra Civil Espanhola, juntou-se à milícia trotskista para combater os fascistas. No conflito, viu seus companheiros serem perseguidos também pelos stalinistas. De volta à Inglaterra, no início da guerra contra a Alemanha, alistou-se no Exército para combater os nazistas, mas foi dispensado devido à fraqueza de seus pulmões.

A vida toda combateu regimes totalitários, tanto com armas quanto com ideias. Foi opositor do imperialismo, do fascismo, do nazismo e do stalinismo. A este último, dedicou-se especialmente. Socialista declarado, Orwell considerava o stalinismo um desvio dos princípios do socialismo. *A revolução dos bichos* é uma sátira explícita à Revolução Russa (1917-1923).

A METÁFORA DOS BICHOS

George Orwell voltou da Guerra Civil Espanhola, em 1937, decidido a escrever um livro que desmontasse o mito soviético. Precisava ser uma história de fácil compreensão e de linguagem direta. Passou anos pensando numa trama, até que um dia, ao ver um garoto no campo chicoteando um cavalo, a ideia veio. Ocorreu-lhe que, se os animais tivessem consciência de sua força, jamais aceitariam o tratamento que recebem.

Cada animal em *A revolução dos bichos* representa um tipo social. O cavalo Tufão é o trabalhador parrudo, disciplinado e obediente. As ovelhas são a massa de manobra, repetem acriticamente o que lhes é ditado e abafam as vozes dos outros bichos. Os cachorros são a guarda violenta do regime autoritário. Os porcos são os líderes da revolução que depois se convertem em ditadores. Além de representarem arquétipos, fazem referência direta a personagens históricos. O porco Major seria Marx; o porco Napoleão, o ditador, Stálin; Bola de Neve, o porco líder expulso, Trótski.

Cada animal em *A revolução dos bichos* representa um tipo social.

FÁBULAS MODERNAS

A maior parte da produção literária de George Orwell se deu entre as décadas de 1930 e 1940, período marcado pela ascensão do fascismo e do stalinismo, que culminou na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No campo da historiografia literária, podemos falar no predomínio do Modernismo, movimento que, em linhas gerais, questionava o Positivismo Realista e buscava uma aproximação maior com experiências mais subjetivas. Todavia, quando analisamos de perto a literatura desse período, vemos o quanto ela é rica e variada.

Orwell nunca se considerou um bom ficcionista. Seus primeiros escritos foram ensaios e reportagens, gêneros que, para muitos críticos, eram sua especialidade. Mas, ao fundir a realidade política com a fábula, criando universos distópicos, o autor inaugurou um caminho próprio que o consagraria mundialmente.

Quando falamos em distopias, universos que são o contrário do mundo idealizado das utopias, marcados por regimes totalitários opressivos, o nome de Orwell é um dos primeiros que nos vêm à memória. Ao mesmo tempo, ele era um grande fã de *Ulisses*, de James Joyce (1882-1941), uma das obras mais complexas da literatura, marcada pelo mergulho profundo na psicologia dos personagens, ícone do Modernismo.

Todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que os outros.”

“Sabemos que ninguém jamais toma o poder com a intenção de largá-lo.” George Orwell.
CRÉDITO: GDJ/PIXABAY.COM

MODERNISMO

O Modernismo surge como uma resposta do século XX ao modo de vida do século anterior. A crença na razão humana fora fortemente abalada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e pelas ideias a respeito do inconsciente promovidas por Sigmund Freud (1856-1939). A urbanização, os horrores da guerra de trincheiras e a industrialização avançada tornam obsoletas as narrativas do progresso e do sujeito racional. A literatura modernista procura expressar a complexidade desse novo mundo através de uma linguagem não linear e que se aproxima ao máximo do fluxo de consciência de seus personagens. Uma das obras mais emblemáticas do Modernismo é *Ulisses*, de James Joyce, que narra, com uma linguagem fragmentada e densa, um dia na vida de três personagens.

Comemoração do Dia da Bastilha nas ruas, no dia 14 de julho de 1912, em Paris.
CRÉDITO: BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA/WIKIMEDIA COMMONS

JAMES JOYCE

James Joyce nasceu em 2 de fevereiro de 1882, em Terenure, nos arredores de Dublin, Irlanda. Estudou Línguas Modernas na University College Dublin, onde se envolveu com o meio literário e teatral. Passou a maior parte da vida adulta vagando por diferentes países da Europa, mas seus pensamentos nunca abandonaram a terra natal. Joyce escreveu poemas, contos e romances e obteve reconhecimento em todos os gêneros, embora se considerasse um poeta frustrado. *Ulisses*, sua obra mais famosa, é uma transposição da *Odisseia* de Homero à Dublin de sua época. Considerado um dos maiores romances da história da literatura, é um marco do Modernismo. **Suas inovações linguísticas e sua densidade psicológica influenciaram autores no mundo todo, como Orwell, que chegou a dizer que Joyce o interessava tanto que ele era incapaz de parar de falar sobre o autor quando começava.** James Joyce morreu em 13 de janeiro de 1941, em Zurique, Suíça.

RUDYARD KIPLING

Rudyard Kipling foi um jornalista, poeta e prosador inglês nascido em 30 de dezembro de 1865, em Bombaim, Índia. Foi um dos autores mais populares no Reino Unido entre o final do século XIX e início do XX, sendo especialmente reconhecido por seus livros infantis, como *O livro da selva*, que narra as aventuras do menino Mogli. Foi o primeiro escritor de língua inglesa a ser premiado com o Nobel de Literatura, em 1907. Apesar de reconhecido, havia muita controvérsia sobre sua obra devido às posições políticas conservadoras. Orwell mantinha uma atitude

O escritor anglo-indiano Rudyard Kipling, em retrato de 1914.
CRÉDITO: WIKIMEDIA COMMONS

bastante crítica em relação à orientação ideológica de Kipling, mas admirava sua escrita. Para Orwell, Kipling foi "o único escritor inglês de sua época que acrescentou frases à língua". Kipling morreu em 18 de janeiro de 1936, em Londres.

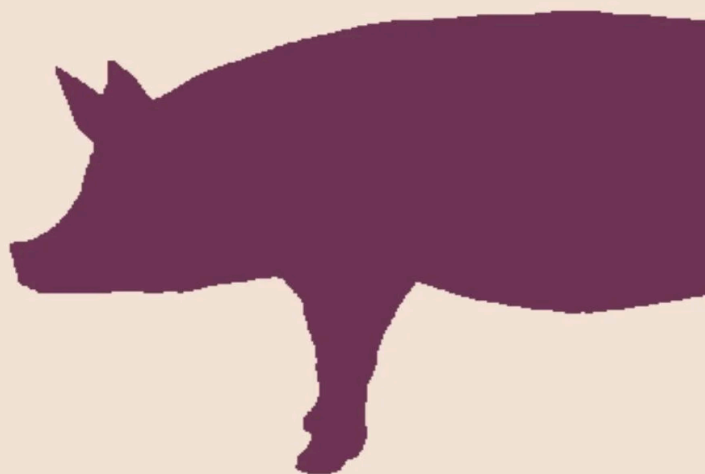
JONATHAN SWIFT

Jonathan Swift nasceu em 30 de novembro de 1667, em Dublin, Irlanda. Órfão de pai aos 7 meses, foi entregue pela mãe para ser criado pelo tio, que financiou seus estudos. Enquanto cursava a universidade, teve de fugir para a Inglaterra devido a conflitos na Irlanda. Envolveu-se ativamente na política inglesa, tendo atuado pelos dois partidos que existiam na época. Nesse período, começou a destacar-se pela escrita de panfletos políticos. Foi também poeta e prosador prolífico, tendo se destacado, especialmente, pelas suas ácidas sátiras. A mais conhecida delas, *As viagens de Gulliver* (1726), fez bastante sucesso em seu tempo e ainda hoje é influente. É o livro favorito de Orwell, que tem em Swift uma de suas maiores referências, apesar das divergências políticas. Jonathan Swift morreu em 19 de outubro de 1745, em Dublin.

Retrato de Jonathan Swift por Charles Jervas.
CRÉDITO: NATIONAL PORTRAIT GALLERY/ WIKIMEDIA COMMONS

A REVOLUÇÃO NOS CINEMAS

Não demorou muito para que surgisse a primeira adaptação da fábula de Orwell para as telas. Em 1954, a produtora britânica Halas and Batchelor fez sua versão animada do clássico. Uma equipe de 80 animadores trabalhou no filme e um único dublador fez a voz de todos os animais. Em 1999, outra adaptação, com atores e animais de verdade, foi feita para a TV britânica. A produção dividiu opiniões por fazer algumas mudanças significativas na trama.
Em 2018, uma produtora de filmes e séries em *streaming* anunciou que estava trabalhando numa versão da obra dirigida pelo ator Andy Serkis, especialista em *motion capture*.
A técnica permite transformar a performance de atores em animações muito mais realistas.

Uma equipe de 80 animadores trabalhou no filme e um único dublador fez a voz de todos os animais.

Bandeira da União Soviética pintada em um muro.
CRÉDITO: THEDIGITALARTIST / PIXABAY.COM

Bandeira americana.
CRÉDITO: THEDIGITALARTIST / PIXABAY.COM

GUERRA IDEOLÓGICA

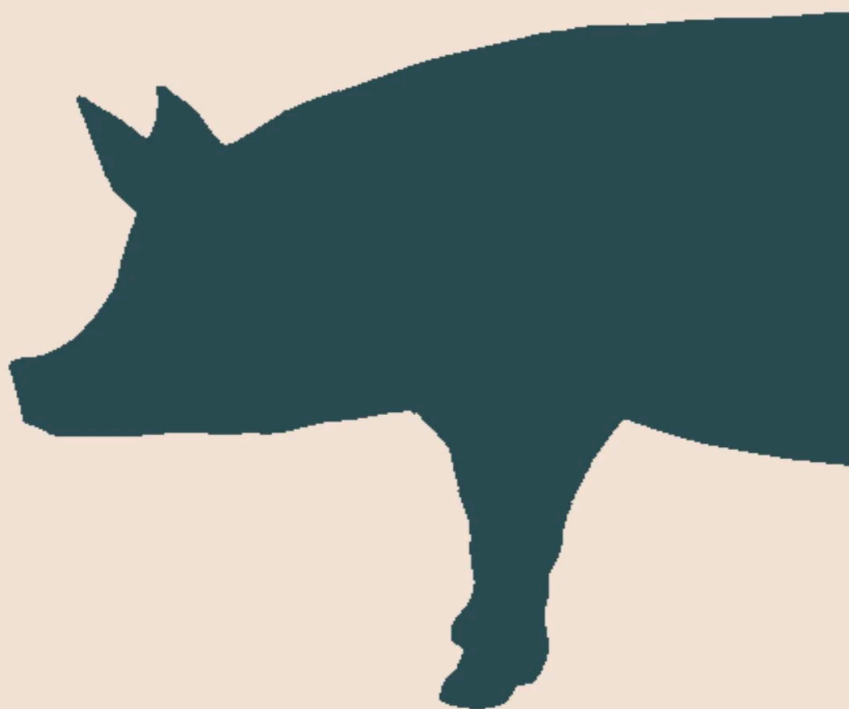
A crítica à Revolução Russa e, em especial, ao stalinismo fez com que *A revolução dos bichos* fosse rapidamente apropriada pelos Estados Unidos e seus aliados no contexto da Guerra Fria. Em sua campanha contra o comunismo, os norte-americanos financiaram edições do livro e até a produção da primeira adaptação cinematográfica, de 1954.

No Brasil, a primeira tradução da obra contou com o subsídio da United States Information Agency (USIA). A agência da diplomacia norte-americana cedia os direitos autorais e de tradução de obras com teor anticomunista para os então chamados "países de terceiro mundo".

O responsável por verter o clássico para o português foi Heitor Aquino Ferreira, tenente do Exército, membro do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), que tinha um departamento dedicado à produção clandestina de publicações anticomunistas.

Algumas escolhas da tradução deixam bem claro seu viés ideológico. A começar pelo título. A tradução literal do inglês, *Animal Farm: A Fairy Story*, seria *Fazenda dos animais: Um conto de fadas*. A escolha da palavra "revolução" dá mais ênfase à questão comunista do que existia no original. O uso de "bicho" no lugar de "animal" também foi deliberado, pois fazia uma alusão à gíria utilizada pelos estudantes para se referirem uns aos outros. Também optou-se por traduzir *rebellion*, cujo termo equivalente em português seria "rebelião", por "revolução" em diversas passagens do texto. Além disso, a patente do tradutor, o subsídio da USIA e a participação do IPES foram omitidos dos créditos da publicação.

Apesar de seu caráter anticomunista, *A revolução dos bichos* também foi reivindicada pela esquerda. O próprio Orwell se declarava um socialista democrático. Por ser uma alegoria, a história pode sempre ser lida como uma crítica às dinâmicas do poder e contra qualquer tipo de dominação.

Por ser uma alegoria, a história pode sempre ser lida como uma crítica às dinâmicas do poder e contra qualquer tipo de dominação.

CRONOLOGIA

1903
Nasce no dia 25 de junho Eric Arthur Blair, em Motihari, cidade da Índia Britânica, situada na margem de um lago, no estado de Bihar, entre Patna e Katmandu. Seu pai, Richard Walmesley Blair, é funcionário do Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, agência do governo britânico responsável pelo serviço público na colônia.

1904
Com 1 ano de idade, é levado pela mãe, Ida Mabel Limouzin-Blair, para a Inglaterra, onde será educado na pequena cidade de Henley-on-Thames, num ambiente de classe média alta.

1911
É enviado pela família, aos 8 anos de idade, para estudar na St. Cyprian's School, em Eastbourne, uma conceituada escola preparatória para admissão nas concorridas escolas públicas da Inglaterra e do País de Gales. O ambiente esnobe e autoritário do colégio deixará marcas na personalidade de Blair, que, mais tarde, se revoltará contra a ideologia e os privilégios das classes dominantes.

1917
Torna-se bolsista na escola de Eton, onde ficará até 1921, tendo como professor de francês, por um breve período, Aldous Huxley. A não obtenção de boas notas fará com que sua admissão numa faculdade se torne ainda mais difícil, já que seus pais não têm dinheiro suficiente para bancá-lo no ensino superior. Então Blair começa a fantasiar com uma vida no Oriente.

1922
Chega à Birmânia para trabalhar na Polícia Imperial Indiana. Blair tem família na região: a avó mora em Moulmein.

1924
Depois do treinamento para tornar-se policial, em Mandalay, é enviado para o posto da fronteira de Myaungmya, no Delta do Irrawaddy. Durante esse período, vai crescendo na carreira e se transfere para diferentes lugares, sendo responsável pela segurança em prisões.

1925
Em setembro, vai para Insein, onde se localiza a segunda maior prisão da Birmânia. Nas prisões do país, ele atuará como torturador, repressor e executor do povo colonizado, como um braço do Estado colonizador. Essa experiência será definidora para a formação de seu caráter anti-imperialista.

1927

É transferido para Katha, contrai dengue e decide antecipar sua licença de retorno para a Inglaterra. Durante o recesso, acaba decidindo abandonar a carreira na Polícia Imperial Indiana para viver como escritor. Muda-se, então, para Londres, onde começa a viver entre os pobres da cidade, chegando a passar necessidade.

1928

Muda-se na primavera para Paris, em busca de um estilo de vida mais barato e boêmio. A capital francesa atrai muitos artistas e escritores. Nesse período, sua produção literária e jornalística é intensa, embora conclua apenas um romance, *Dias na Birmânia*, que será publicado seis anos depois.

1929

É acometido por uma grave pneumonia. Pouco tempo depois, todo o seu dinheiro é roubado na pensão onde mora. Trabalha como lavador de pratos num hotel de luxo em Paris.

1931

Publica o ensaio "Um enforcamento", no qual relata uma execução que testemunhou quando trabalhava como policial na Birmânia. O episódio é um marco importante na visão de mundo do autor.

1933

Publica *Na pior em Paris e Londres*, um relato sobre os anos em que passou dificuldades financeiras nas capitais francesa e inglesa. É a primeira vez que assina com o pseudônimo que o consagrará, George Orwell. A mudança no nome, escreverá mais tarde, foi uma forma de se livrar do passado pequeno-burguês que ele tanto desprezava.

1934

Publica seu primeiro romance, *Dias na Birmânia*, uma tentativa de se livrar da culpa dos dias como policial na Birmânia. O romance é um ataque às políticas e práticas imperialistas do Reino Unido na Birmânia.

1936

Casa-se com Eileen O'Shaughnessy. Poucos dias depois do casamento, irrompe a Guerra Civil Espanhola. Orwell e a mulher decidem ir para a Espanha para lutar ao lado do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM) contra os fascistas. Passam cerca de seis meses lutando na frente de Aragão.

1937

Em conflito contra os fascistas, em Huesca, na Espanha, Orwell é atingido por um tiro que lhe atravessa a garganta. Os comunistas stalinistas tomam o controle do governo espanhol e

passam a perseguir, além dos fascistas, os socialistas trotskistas, grupo do qual Orwell faz parte. A partir desse momento, a desconfiança que o escritor já nutria em relação aos stalinistas atinge outro patamar. Para ele, o movimento de Stálin desviou-se completamente do socialismo para o totalitarismo. A reprovação ao stalinismo o acompanhará pelo resto da vida, culminando na escrita de *A revolução dos bichos*. Fugindo do cerco na Espanha, Orwell e a esposa voltam para a Inglaterra.

1938

Orwell é diagnosticado com tuberculose. Seu frágil estado de saúde faz com que seja reprovado no exame clínico de admissão para o Exército, que combaterá a Alemanha nazista no ano seguinte, uma grande frustração para Orwell. Começa a elaborar uma história de fácil compreensão para desmontar o mito soviético. Publica *Lutando na Espanha*, sobre sua experiência na Guerra Civil Espanhola.

1943

Após observar um garoto no campo chicoteando um cavalo, encontra finalmente a ideia de que precisa para dar forma a sua fábula contra o totalitarismo soviético. Escreve *A revolução dos bichos*.

1944

Orwell e a esposa Eileen adotam seu único filho, Richard Blair.

1945

Em 29 de março, morre a esposa, Eileen O'Shaughnessy, na mesa de cirurgia. Em 17 de agosto, a primeira versão de *A revolução dos bichos* é publicada pela editora Secker and Warburg.

1946

Com a saúde debilitada, muda-se com o filho adotivo para Jura, uma ilha isolada e pouco habitada na Escócia. Começa a trabalhar no grande romance de sua vida, *1984*. Seu estado de saúde continua a se deteriorar.

1949

É publicada em 8 de junho a primeira edição de *1984*, pela Secker and Warburg.

1950

Morre de tuberculose em 21 de janeiro, aos 46 anos de idade.

Convite à leitura

Quando foi publicado, em 1945, *A revolução dos bichos* abriu uma clareira instantânea na consciência de milhares de leitores com sua inequívoca advertência de como as relações de poder afetam o nosso destino. Mas, para além dos leitores, fascinou também diferentes criadores do universo *pop*, como se tivesse aberto um portal entre linguagens.

Nas décadas que se seguiram ao seu lançamento, diversos artistas revisitaram o sentido de denúncia alegórica do livro de George Orwell, atualizando o debate que o autor propôs e valendo-se das formas livres e simples do teatro antropomórfico. Da música ao teatro, do cinema à TV, aquela história esquemática passou a facilitar a materialização estética de um arcabouço de artefatos com brilho de consciência social e política.

Em 1968, no clássico filme distópico *Planeta dos Macacos*, o orangotango congressista Dr. Zaius (Maurice Evans) pergunta ao humano cativo George Taylor (Charlton Heston): "Diga, por que todos os macacos são criados iguais?". Com ironia, Taylor responde citando uma das frases estruturantes de *A revolução dos bichos*: "Alguns macacos, me parece, são mais iguais que outros".

Também em 1968, a referencial banda inglesa The Kinks lançou o álbum *The Kinks are the Village Green Preservation Society*, inspirado em uma visita às origens rurais do guitarrista, vocalista e compositor Ray Davies. Entre as faixas do disco, pontificava "Animal Farm": "Você me mantém longe dos apuros / Você mantém meus problemas longe / Você mantém o demônio longe".

O baixista, cantor, produtor e compositor Roger Waters, do lendário grupo britânico Pink Floyd, vem se valendo dos enunciados de Orwell no arcabouço de sua obra desde 1977, quando sua célebre banda lançou o álbum *Animals*, cenográfica e estruturalmente baseado nas conclusões do autor inglês. Tal influência não permaneceu somente nos anos 1970; Waters trouxe seu *insight* aos dias de hoje, materializando no ex-presidente estadunidense Donald Trump a denúncia simbólica da indistinção ética entre homem e porco, entre porco e homem. Em seus shows, é apoteótica a figura de um porco inflável que voa nos estádios sobre a cabeça dos espectadores, com nomes de flagelos políticos e institucionais grafitados em seu dorso.

Muitos juram que Bob Dylan, lá em 1965, já tinha untado o célebre verso do clássico "Ballad of a Thin Man" ("Do you, Mr. Jones?") em uma inspiração na leitura de Orwell — Mr. Jones, nome do fazendeiro do romance, seria seu tributo ao autor. Essa referência nunca foi confessada pelo cantor.

Em 1978, a mais politizada banda do *punk rock*, The Clash, também inglesa, lançou em seu segundo disco a canção "English Civil War", declaradamente inspirada em Orwell: "Enquanto nós olhamos o discurso de um animal berrando / O novo partido das armas está marchando sobre nossas cabeças". Grupos de grande relevo na música, como R.E.M. (na canção "Disturbance at the Heron House") e Radiohead (na faixa "Optimistic", do seminal disco *Kid A*), viveram sua rendição ao romance. Bem mais recentemente, o Coldplay, grupo mais *pop*, também foi seduzido pelo universo orwelliano e fez

um videoclipe da música "Trouble in Town", no qual um alce sem-teto lê o livro do autor enquanto se aconchega na calçada junto a outros animais *homeless*.

Nas últimas décadas, é possível achar citações de *A revolução dos bichos* nos gibis de Robert Crumb — o papa dos quadrinhos *underground* —, como em *Fritz the Cat*, e de Gary Larson, em *Far Side*; em *videogames* como *Nation States, Nancy Drew* e *Mass Effect*; no desenho animado de Johnny Bravo e no canal de culinária Food Network. Sua contundência levou a diversas atualizações, como a de Art Spiegelman na *graphic novel Maus*, notável exame existencial do pesadelo nazista.

A explicação do fascínio deste livro parece evidente. *A revolução dos bichos* examina, em um texto de clareza desconcertante e aguda eficácia, o princípio de manipulação das massas, sempre aptas a bradar *slogans* e a aderir a causas de forma quase automática, mas não a pensar longe das fórmulas prontas dadas por seus dirigentes.

As figuras mais proeminentes do romance, cuja ambiência se dá numa fazenda bucólica, são porcos. Porcos espertos, um dos quais, Napoleão, tem tendência a ser malévolo, paranoico e com certa ânsia pelo poder. Na interpretação clássica, o substrato de tudo é a revolução russa. Napoleão é claramente inspirado em Stálin, assim como seu parceiro, Bola de Neve, seria inspirado na figura de Trótski. O ideal utópico (uma vida livre da exploração), manuseado pelo velho porco sábio Major, serve como a fagulha para a ignição da revolução coletiva.

Há também uma inspiração em *A República*, de Platão, e no seu *insight* da estrutura do Estado, de formulações de classes e hierarquias. Os porcos dão as ordens e os cães fazem o papel da milícia que serve para manter o restante sob controle — cavalos, bodes, burros, ovelhas, galinhas. Os bichos, a população, tomam do opressor, os seres humanos, o controle da fazenda. No entanto, progressivamente, o núcleo central do antigo explorado vai se transformando

no explorador humano, os fazendeiros, e os porcos passam a andar sobre duas pernas, a vestir roupas, a dormir em camas e a tomar cerveja, assumindo o papel que pertencia ao antigo déspota. Não há nenhum *spoiler* aqui, pode acreditar.

No subtítulo original da história, *A Fairy Story*, o autor escancara a sua intenção irônica. É na força da escritura, no talento narrativo que os personagens passam a ocupar planos de comparação com a vida real. A interpretação mais constante que se dá ao "conto de fadas" distópico de Orwell é que *A revolução dos bichos* projeta uma inevitável circularidade política nos grandes atos revolucionários que os impele, inevitavelmente, para o autoritarismo. Assim, seria um romance niilista, pessimista. Não parece adequado, entretanto, confundi-lo com uma obra antirrevolucionária: nele, não existe a famosa "ditadura do proletariado", mas o perigo dos totalitarismos da cúpula, da representação indigna.

Trata-se de uma narrativa fundadora não apenas pela proposta de um debate sociopolítico, sempre atual, mas pelo desafio que suscita, o que alarga as fronteiras de sua contribuição para os territórios da imagem, da coreografia, da visualidade, da música.

Jotabê Medeiros,
escritor e jornalista

George Orwell

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

1

O sr. Jones, da Granja da Mansão, havia trancado o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar as vigias. Com o círculo da luz da lanterna dançando de um lado a outro, atravessou cambaleando o pátio, chutou suas botas na porta dos fundos, tirou do barril da copa um último copo de cerveja e subiu rumo à cama onde a sra. Jones já roncava.

Assim que a luz no quarto se apagou, uma agitação e um adejar percorreram os galpões da granja. Durante o dia correra a notícia de que o velho Major, porco varrão e premiado, havia tido um estranho sonho na noite anterior e queria comunicá-lo aos outros bichos. Haviam combinado de encontrar-se no celeiro grande assim que Jones estivesse fora do caminho. O velho Major — assim era chamado, embora tivesse sido exibido com o nome “Beleza de Willingdon” — era tão respeitado na granja que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Numa ponta do celeiro, sobre uma espécie de plataforma, Major já estava espojado em sua cama de palha, debaixo do lampião pendurado numa viga. Tinha doze anos e nos últimos tempos havia engordado muito, mas era ainda um porco de aspecto majestoso, com ar sábio e benevolente, apesar de suas presas nunca terem sido

cortadas. Não demorou muito e os outros animais começaram a chegar, cada um pondo-se à vontade do seu próprio jeito. Primeiro vieram os três cachorros, Flor, Jesse e Pincher, e em seguida os porcos, que se acomodaram na palha diante da plataforma. As galinhas se empoleiraram nos parapeitos das janelas, os pombos voaram para os altos caibros do telhado, as ovelhas e as vacas se deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos da charrete, Tufão e Formosa, entraram juntos, avançando lentamente e pousando os grandes cascos peludos com muito cuidado para não esmagar animaizinhos escondidos na palha. Formosa era uma égua corpulenta e maternal chegando à meia-idade que, depois do quarto potro, não havia conseguido recuperar seu antigo corpo. Tufão era um bicho enorme, de quase dois metros de altura, forte quanto dois cavalos. Uma lista branca no focinho lhe dava aparência um tanto obtusa e, de fato, não brilhava pela inteligência, mas era respeitado por todos graças à sua firmeza de caráter e à poderosa capacidade de trabalho. Depois dos cavalos, chegaram Margarida, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o bicho mais velho da granja e o mais mal-humorado. Falava pouquíssimo e, quando o fazia, era geralmente para lançar algum comentário cínico — para dizer, por exemplo, que Deus havia lhe dado um rabo para espantar as moscas, mas que logo, logo não teria mais nem rabo nem moscas. Era o único dos bichos da granja que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, dizia que não via nenhum motivo para rir. Entretanto, sem admitir abertamente, era apegado a Tufão; os dois costumavam passar os domingos juntos no pequeno cercado atrás do pomar, pastando lado a lado, sem conversar.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos, perdidos da mãe, desfilou no celeiro, piando baixinho e indo de um lado a outro em busca de algum lugar onde não fossem pisoteados. Formosa fez ao redor deles uma espécie de

parede com a longa pata dianteira, os patinhos se aninharam dentro dela e logo adormeceram. No último momento, Mocinha, a égua branca, fútil e graciosa, que puxava a aranha do sr. Jones, entrou com passo ondulante e afetado, chupando um torrão de açúcar. Escolheu um lugar perto da frente e começou a namorar sua crina branca, esperando chamar atenção para as fitas vermelhas com que estava trançada. Por último chegou a gata que, como sempre, olhou ao redor em busca do lugar mais quente e, afinal, se espremeu entre Tufão e Formosa; e ali ronronou satisfeita enquanto Major discursava, sem ouvir uma palavra do que ele dizia.

Agora, todos os bichos estavam presentes, menos Moisés, o corvo domesticado que dormia num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major viu que todos estavam confortáveis e esperavam atentos, limpou a garganta e começou:

— Companheiros, vocês já ouviram algo do estranho sonho que tive a noite passada. Voltarei a ele mais tarde. Antes, tenho algo mais a dizer. Não creio, companheiros, que estarei ainda com vocês por muitos meses e, antes de morrer, acho que é meu dever transmitir a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa, e muito tempo para pensar deitado sozinho no meu chiqueiro. Penso poder afirmar que compreendo a essência da vida nesta terra tanto quanto qualquer animal vivo. É disso que desejo falar com vocês.

“Então, companheiros, qual é a essência desta nossa vida? Vamos encarar: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nascemos, recebemos somente o tanto de comida necessária para nos manter vivos, e aqueles dentre nós que aguentam são forçados a trabalhar até o último resíduo de suas forças; e, assim que nossa utilidade acaba, somos trucidados com abominável crueldade. A partir de um ano de idade, nenhum bicho na Inglaterra sabe o que significam felicidade e lazer. Nenhum bicho na Inglaterra é livre. A vida de um bicho é sofrimento e escravidão; esta é a verdade verdadeira.

"Mas será isso simplesmente a ordem natural das coisas? Será essa nossa terra tão pobre que não pode oferecer uma vida decente aos que nela vivem? Não, companheiros, mil vezes não! O chão da Inglaterra é fértil, seu clima é bom, ela pode fornecer comida em abundância para um número de animais imensamente superior aos que agora a habitam. Esta simples granja nossa sustentaria uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas, todos eles vivendo com um conforto e uma dignidade que agora nos parecem difíceis de imaginar. Por que, então, continuamos nessa situação miserável? Porque quase todo o produto do nosso trabalho nos é roubado pelos seres humanos. Essa, companheiros, é a razão de todos os nossos problemas. Tudo se reduz a uma única palavra, Homem. O Homem é nosso único verdadeiro inimigo. Retire-se o Homem de cena e a causa da fome e do trabalho excessivo desaparecerá para sempre.

"O Homem é o único ser que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado, não consegue correr a uma velocidade que dê para caçar coelhos. No entanto, é o senhor de todos os animais. Ele os bota para trabalhar, lhes devolve o mínimo sem o qual morreriam de fome, e o resto guarda para si mesmo. Nosso trabalho ara o solo, nosso esterco o fertiliza, ainda assim, nenhum de nós possui mais do que a própria pele. Vocês, vacas que vejo à minha frente, quantas centenas de litros de leite produziram no ano passado? E o que foi feito desse leite com que vocês alimentariam seus robustos bezerros? Gota a gota desceu pela goela dos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram este ano, e quantos desses ovos chocaram e deram pintos? Todo o resto foi mandado ao mercado para dar dinheiro a Jones e seus homens. E você, Formosa, cadê os quatro potros que pariu e que seriam sustento e alegria da sua velhice? Foram vendidos ao completar um ano de idade, você nunca verá de novo nenhum deles. Em troca dos seus quatro partos e de todo seu trabalho no campo, o que você recebeu além da magra ração e de uma cocheira?

"E mesmo as vidas miseráveis que levamos não podem alcançar sua duração natural. Quanto a mim, não me queixo, pois sou dos mais afortunados. Estou com doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. É a vida natural de um porco. Mas, no fim, nenhum bicho escapa do cutelo. Vocês, jovens porcos sentados à minha frente, dentro de um ano, cada um se esvairá entre gritos entregando a vida sobre o cepo. Todos nós estamos destinados a este horror, vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Até cavalos e cachorros não têm melhor destino. Você, Tufão, no dia em que seus músculos poderosos perderem a força, será mandado por Jones ao matador de cavalos, que cortará a sua garganta e o cozerá para alimentar cães de caça. Quanto aos cachorros, quando envelhecem e perdem os dentes, Jones amarra um tijolo no pescoço deles e os afoga no laguinho mais próximo.

"Não é claro, então, companheiros, que todo o mal desta nossa vida se deve à tirania dos seres humanos? Basta nos livrarmos do Homem e o produto do nosso trabalho nos pertencerá. Quase de um dia para o outro poderíamos nos tornar ricos e livres. O que, então, temos que fazer? Trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar a raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, companheiros: Revolução! Não sei quando esta Revolução acontecerá, pode ser daqui a uma semana ou daqui a cem anos, mas eu sei, assim como vejo esta palha debaixo dos meus pés, que mais cedo ou mais tarde a justiça será feita. Concentrem-se nisso, companheiros, pelo restante de sua curta vida! E, acima de tudo, passem esta minha mensagem aos que vierem depois de vocês, para que as gerações futuras levem a luta adiante, até a vitória.

"E lembrem-se, companheiros, essa determinação não pode fraquejar nunca. Nenhum argumento deverá desviá-los. Não ouçam quando disserem que o Homem e os animais têm interesses comuns, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O Homem só cuida dos próprios interesses e dos de mais ninguém. E entre nós, bichos, só deve haver perfeito acordo, perfeita

camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os bichos são companheiros."

Nesse momento houve um grande tumulto. Enquanto Major falava, quatro grandes ratos haviam saído das tocas e estavam sentados sobre as patas traseiras ouvindo-o. De repente, os cães perceberam sua presença e foi graças a um rápido salto nas tocas que os ratos salvaram suas vidas. Major ergueu a pata pedindo silêncio.

— Companheiros — disse —, há um ponto que precisamos decidir. As criaturas selvagens, como ratos e coelhos, são nossos amigos ou nossos inimigos? Vamos submeter à votação. Proponho esta pergunta à assembleia: os ratos são nossos companheiros?

A votação realizou-se imediatamente e a enorme maioria concordou que os ratos eram companheiros. Houve só quatro dissidências, os três cães e a gata, que, descobriu-se mais tarde, havia votado para ambos os lados. Major continuou:

— Tenho pouco mais a dizer. Apenas repito, lembrem-se sempre do nosso dever de inimizade em relação ao Homem e a todos os seus expedientes. Tudo o que anda sobre duas pernas é inimigo. Tudo o que anda sobre quatro patas ou tem asas é amigo. E lembrem-se também de que, na luta contra o Homem, não devemos nos tornar semelhantes a ele. Mesmo quando o tiverem dominado, não adotem seus vícios. Nenhum bicho deverá jamais morar numa casa, ou dormir numa cama, ou usar roupas, ou beber álcool, ou fumar tabaco, ou pegar em dinheiro, ou fazer comércio. Todos os hábitos do Homem são malignos. E, acima de tudo, nenhum bicho deverá tiranizar seus semelhantes. Fracos ou fortes, inteligentes ou ingênuos, somos todos irmãos. Nenhum bicho deverá, jamais, matar outro bicho. Todos os bichos são iguais.

"E agora, companheiros, vou contar a vocês meu sonho da noite passada. Não posso descrever esse sonho. Era um sonho de como será a Terra depois que o Homem desaparecer. Mas me lembrou de

algo que há muito tempo havia esquecido. Faz muitos anos, quando eu era ainda um leitãozinho, minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma velha canção da qual só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu sabia aquela melodia na infância, mas há muito havia se apagado da minha memória. Na noite passada, entretanto, voltou em meu sonho. E mais, as palavras da canção também voltaram — palavras, tenho certeza, que foram cantadas pelos bichos da antiguidade e depois esquecidas por muitas gerações. Agora, companheiros, vou cantar para vocês essa canção. Eu estou velho e minha voz ficou rouca, mas depois que eu lhes ensinar a canção, poderão cantá-la melhor para vocês mesmos. Chama-se 'Bichos da Inglaterra'."

O velho Major limpou a garganta e começou a cantar. Como ele mesmo havia dito, sua voz estava rouca, mas cantava bem e a canção era surpreendente, algo entre "Clementine" e "La cucaracha". A letra dizia:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
bichos de toda terra e todo clima,
ouçam minha notícia feliz,
que tempos dourados prediz.
Cedo ou tarde o dia virá,
da derrota dos humanos
e só bichos pisarão
nos ricos campos ingleses.
Sem argolas no nariz,
sem arreios na cerviz,
livres de freios e esporas,
livres, enfim, do chicote.
Ricos mais que o imaginável,
milho, cevada, aveia e feijão,
trevo, trigo e beterraba,
neste dia, nossos serão.

Brilharão campos ingleses
refrescados de água pura,
mais doce será a brisa
no dia da libertação.
Este dia demanda luta,
mesmo se morrermos antes;
gansos, perus, cavalos e vacas,
todos hão de mourejar
em favor da liberdade.
Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,
bichos de cada terra e país,
ouçam e espalhem a mensagem
de um tempo dourado e feliz.

A canção provocou nos bichos a maior emoção. Antes mesmo de Major chegar ao fim, haviam começado a cantá-la. Até os mais bobos haviam pegado a melodia e memorizado algumas palavras, quanto aos mais inteligentes, como porcos e cachorros, em poucos minutos decoraram a canção inteira. Então, depois de algumas tentativas preliminares, toda a granja entoou “Bichos da Inglaterra” em uníssono. As vacas a mugiram, os cachorros a ganiram, as ovelhas a baliram, os cavalos a relincharam, os patos a grasnaram. Estavam tão encantados com a canção que a cantaram cinco vezes seguidas, e teriam continuado a cantá-la a noite inteira se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, o tumulto acordou Jones, que saltou da cama pronto para verificar se havia uma raposa no pátio. Pegou a espingarda, sempre disponível a um canto do quarto, e disparou seis tiros na escuridão. As balas se cravaram na parede do celeiro e a reunião foi desfeita às pressas. Cada um correu para seu canto. As aves pularam para os poleiros, os bichos se deitaram na palha e, em um minuto, toda a granja estava dormindo.

2

Três noites depois, o velho Major morreu no sono, pacificamente. Seu corpo foi enterrado ao pé do pomar.

Era o começo de março. Ao longo dos três meses seguintes houve muita atividade secreta. O discurso de Major havia dado aos bichos mais inteligentes da granja uma perspectiva de vida completamente diferente. Eles não sabiam quando a Revolução profetizada por Major aconteceria, não tinham motivo algum para crer que fosse durante sua própria existência, mas percebiam claramente que era seu dever preparar-se para ela. A tarefa de instruir e organizar os outros coube de forma natural aos porcos, geralmente reconhecidos como os mais inteligentes entre os animais. Destacavam-se entre os porcos dois varrões, de nome Bola de Neve e Napoleão, que Jones estava cevando para vender. Napoleão era um grande porco da espécie Berkshire, de aspecto ameaçador, o único Berkshire da granja, pouco falante, mas com fama de impor a própria vontade. Bola de Neve era um porco mais alegre que Napoleão, mais falante e mais criativo, mas sem a força de temperamento do outro. Todos os demais porcos machos da granja estavam na engorda. O mais conhecido dentre eles era um porco pequeno e gordo chamado Futrica, de bochechas bem redondas, olhos sempre pestanejantes, movimentos

ágeis e voz estridente. Era orador brilhante e quando discutia algo difícil tinha um jeito de saltitar para os lados e abanar o rabicho que, de alguma maneira, resultava muito persuasivo. Os outros diziam que Futrica era capaz de fazer o preto parecer branco.

Os três haviam aperfeiçoado os ensinamentos do velho Major num completo sistema de pensamento que nomearam Animalismo. Várias noites por semana, depois que Jones dormia, organizaram reuniões secretas no celeiro para expor aos outros os princípios do Animalismo. No começo, defrontaram-se com apatia e muita estupidez. Alguns bichos falavam em dever de lealdade para com Jones, a quem se referiam como "Dono", ou faziam considerações elementares: "Jones nos alimenta. Se ele fosse embora, morreríamos de fome". Outros fizeram perguntas do tipo "Por que ligar para o que acontecerá depois da nossa morte?", ou ainda "Se essa Revolução vai acontecer de qualquer jeito, que diferença faz a gente trabalhar por ela ou não?", e os porcos tiveram muita dificuldade para convencê-los de que essas ideias contrariavam o espírito do Animalismo. A pergunta mais boba de todas foi feita por Mocinha, a égua branca. A primeira pergunta que fez a Bola de Neve foi:

— Ainda haverá açúcar depois da Revolução?

— Não — disse Bola de Neve com firmeza. — Não temos como produzir açúcar nesta granja. Além do mais, você não precisa de açúcar. Você terá toda a aveia e o feno que quiser.

— Terei permissão para usar fitas na crina? — perguntou Mocinha.

— Companheira — disse Bola de Neve —, essas fitas às quais você dá tanta importância são o símbolo da escravidão. Você não entende que liberdade vale mais que fitas?

Mocinha concordou, mas não pareceu muito convencida.

Os porcos tiveram ainda mais trabalho para desmentir as mentiras espalhadas por Moisés, o corvo domesticado. Moisés, bicho de estimação de Jones, era espião e fofoqueiro, mas ladino na fala.

Declarava conhecer um país misterioso chamado Montanha de Açúcar, para onde todos os animais iam ao morrer. Disse que ficava em algum lugar do céu, pouco além das nuvens. Na Montanha de Açúcar era domingo sete dias por semana, cresciam trevos o ano todo, torrões de açúcar e bolos de linhaça davam nas cercas. Os bichos detestavam Moisés porque ele só contava histórias e não trabalhava, mas alguns acreditaram na Montanha de Açúcar e os porcos tiveram que argumentar muito para convencê-los de que tal lugar não existia.

Seus mais fiéis discípulos eram os dois cavalos da charrete, Tufão e Formosa. Ambos tinham muita dificuldade em pensar por conta própria, mas, uma vez tendo aceito os porcos como professores, absorviam tudo o que dissessem e o transmitiam aos outros bichos com argumentos simples. Não faltavam aos encontros secretos no celeiro e lideravam o coro de "Bichos da Inglaterra", que sempre encerrava os encontros.

Entretanto, houve uma reviravolta, e a Revolução foi alcançada bem antes e bem mais facilmente do que o esperado. No passado, Jones, embora duro como patrão, fora um administrador competente, mas ultimamente vinha enfrentando dias desfavoráveis. Deixara-se tomar pelo desânimo ao perder dinheiro num processo e começara a beber mais que o aconselhável. Passava dias inteiros derreado na cadeira da cozinha, lendo os jornais, bebendo, e dando vez por outra a Moisés cascas de pão ensopadas na cerveja. Seus peões eram preguiçosos e desonestos, os campos estavam cheios de mato, o telhado das construções precisava de conserto, as sebes estavam abandonadas e os bichos mal alimentados.

Junho chegou e o feno estava quase pronto para ceifar. No dia 24 de junho, um sábado, Jones foi para Willingdon e ficou tão bêbado no Leão Vermelho que só voltou para casa ao meio-dia de domingo. Os peões tinham ordenhado as vacas de manhã cedo e tinham ido caçar coelhos, sem se preocuparem em alimentar os animais. Ao voltar, Jones

deitou-se imediatamente no sofá da sala para dormir com o jornal sobre o rosto, de modo que ao anoitecer os bichos ainda não tinham comido. Afinal, não conseguiram mais aguentar. Uma das vacas quebrou a chifradas a porta do depósito e todos os bichos se atiraram à comida. Foi só então que Jones acordou. Num instante estava no depósito com os quatro peões de chicote na mão, fustigando em todas as direções. Foi demais para os bichos esfaimados. De comum acordo, embora nada disso tivesse sido planejado, se lançaram sobre seus torturadores. Jones e seus homens se viram de repente levando cabeçadas e coices de todos os lados. A situação escapou completamente ao seu controle. Nunca tinham visto bichos se comportando desse jeito, e ficaram apavorados com o súbito levante de criaturas que estavam acostumados a espancar e a maltratar como bem entendessem. Um momento ou dois depois, desistiram de se defender e saíram correndo. E no minuto seguinte, os cinco estavam se despencando pelo caminho que levava à estrada principal, perseguidos pelos bichos triunfantes.

A sra. Jones olhou pela janela do quarto, viu o que estava acontecendo, jogou algumas coisas numa bolsa grande e, tomando outro caminho, abandonou a granja. Moisés se lançou do poleiro atrás dela, batendo asas e crocitando alto. Enquanto isso, os animais haviam perseguido Jones e seus homens até empurrá-los para a estrada, fechando a porteira atrás deles. Assim, antes mesmo de os bichos se darem conta do que estava acontecendo, a Revolução havia sido realizada com sucesso: Jones fora expulso e a Granja da Mansão era deles.

Nos primeiros minutos, os bichos mal puderam acreditar na sua sorte. A primeira atitude coletiva foi galopar ao longo dos limites da granja, como para certificar-se de que não havia nenhum ser humano escondido; em seguida, voltaram para as instalações da granja a fim de varrer os últimos vestígios do odiado império de Jones. Arrombaram o depósito dos arreios ao fundo dos estábulos; os freios, as argolas de nariz, as correntes dos cães, as cruéis facas

usadas por Jones para castrar porcos e cordeiros, foram atirados no poço. As rédeas, os cabrestos, os antolhos, os embornais degradantes, foram lançados no fogo que queimava lixo no pátio. Assim como os chicotes. Todos os bichos pularam de alegria vendo os chicotes em chamas. Bola de Neve jogou no fogo também as fitas com que se enfeitavam as crinas e caudas dos cavalos em dias de feira.

— Fitas — disse — deveriam ser consideradas como roupas, que são a marca dos seres humanos. Todos os bichos devem andar nus.

Ouvindo isso, Tufão pegou o chapeuzinho de palha que usava no verão para afastar as moscas das orelhas e o atirou no fogo com o resto.

Em pouquíssimo tempo, os bichos destruíram tudo o que lhes lembrava Jones. Então Napoleão os reconduziu ao depósito e serviu dupla porção de cereais para todos, com dois biscoitos para cada cão. Depois cantaram “Bichos da Inglaterra” de ponta a ponta sete vezes de enfiada, e se ajeitaram para a noite e dormiram como nunca haviam dormido antes.

Mas, como de costume, acordaram ao raiar do dia e, lembrando subitamente o fato glorioso que acontecera, saíram todos juntos para o pasto. Pouco adiante, havia um morrinho de onde se dominava grande parte da fazenda. Os bichos subiram até o topo e olharam ao redor na clara luz da manhã. Sim, era deles — tudo o que podiam ver era deles! Em êxtase com esse pensamento deram muitas cambalhotas e se lançaram ao ar em grandes pulos de entusiasmo. Rolaram no sereno, encheram a boca com a doce grama do verão, chutaram torrões de terra e aspiraram seu rico cheiro. Depois deram um giro de inspeção em toda a granja e conferiram com muda admiração os campos arados, a plantação de feno, o pomar, o açude, o bosquezinho. Era como se nunca tivessem visto aquilo antes e, mesmo agora, custavam a acreditar que tudo fosse seu.

Voltaram, então, para as instalações da granja e pararam, em silêncio, diante da porta da mansão. Também era deles, mas estavam

com medo de entrar. Passado um momento, porém, Bola de Neve e Napoleão abriram a porta com um golpe de ombros e os bichos entraram em fila indiana, andando com extremo cuidado, temendo desarrumar qualquer coisa. Avançaram na ponta das patas de um quarto a outro, receosos de altear a voz acima de um murmúrio, e olhando com uma espécie de reverência o luxo inacreditável, as camas com seus colchões de penas, os espelhos, o sofá de crina, o tapete de Bruxelas, a litografia da Rainha Vitória acima da lareira da sala. Desciam a escada quando deram pela falta de Mocinha. De volta sobre os próprios passos a encontraram no quarto principal. Havia apanhado na penteadeira da sra. Jones uma fita azul e olhava-se abobalhada no espelho, com a fita sobre o ombro. Os outros a repreenderam ásperos e saíram. Alguns presuntos pendurados na cozinha foram levados para serem enterrados e o barril de cerveja na copa foi destroçado por um chute de Tufão. Fora isso, nada na mansão foi tocado. Uma resolução unânime foi tomada no ato, a mansão seria preservada como museu. Todos concordaram que nenhum animal moraria ali.

Os bichos tomaram sua primeira refeição e, em seguida, Bola de Neve e Napoleão os reuniram novamente.

— Companheiros — disse Bola de Neve —, são seis e meia e temos um longo dia pela frente. Hoje vamos começar a colheita do feno. Mas, antes, temos outra questão a tratar.

Os porcos, então, revelaram que ao longo dos três últimos meses haviam aprendido a ler e a escrever graças a uma velha cartilha dos filhos de Jones que fora jogada no lixo. Napoleão mandou trazer potes de tinta preta e branca e liderou a marcha até a porteira que dava para a estrada principal. Em seguida, Bola de Neve — pois Bola de Neve era o que escrevia melhor — tomou um pincel entre a fenda da pata, apagou Granja da Mansão no alto da porteira e, em seu lugar, escreveu Granja dos Bichos. Seria esse, doravante, o nome da granja. Depois

disso voltaram às instalações da granja, onde Bola de Neve e Napoleão mandaram trazer uma escada, que foi colocada contra a parede dos fundos do celeiro grande. Explicaram que graças aos estudos dos últimos três meses os porcos haviam condensado os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos. Esses Sete Mandamentos seriam escritos agora na parede e formariam a lei inalterável sob a qual todos os animais da Granja dos Bichos viveriam para sempre. Com alguma dificuldade — pois não é fácil para um porco equilibrar-se numa escada —, Bola de Neve subiu e começou a tarefa, com Futrica alguns degraus abaixo segurando a lata de tinta. Os Mandamentos foram escritos na parede alcatroada em letras grandes e brancas que podiam ser lidas a muitos metros de distância. Diziam o seguinte:

OS SETE MANDAMENTOS

1. Tudo o que anda com duas pernas é inimigo.
2. Tudo o que anda de quatro patas, ou tem asas, é anigo.
3. Nenhum bicho usará roupa.
4. Nenhum bicho dormirá em cama.
5. Nenhum bicho beberá álcool.
6. Nenhum bicho matará qualquer outro bicho.
7. Todos os bichos são iguais.

Estava escrito claramente e, apesar de "amigo" estar com "n" e um dos "esses" ter curvas ao contrário, a ortografia estava toda certa. Bola de Neve leu em voz alta para os outros e todos os animais anuíram em perfeito acordo. Os mais inteligentes começaram imediatamente a decorar os Mandamentos.

— Agora, companheiros — gritou Bola de Neve, jogando fora o pincel —, ao campo de feno! Que seja uma questão de honra ceifar mais rápido do que Jones e seus homens.

Nesse momento as três vacas, que pareciam inquietas havia algum tempo, deram um alto mugido. Fazia vinte e quatro horas que não eram ordenhadas e seus úberes estavam quase explodindo. Depois de pensar um pouco, os porcos mandaram buscar baldes e ordenharam as vacas a contento, já que tinham pés adequados à tarefa. Logo havia cinco baldes de leite espumoso e cremoso, que alguns bichos olharam com considerável interesse.

— O que vai acontecer com este leite todo? — perguntou alguém.

— Jones costumava misturar um pouco na nossa ração — disse uma das galinhas.

— Esqueçam o leite, companheiros! — gritou Napoleão, colocando-se diante dos baldes. — Cuidaremos disso. A colheita é mais importante. O Companheiro Bola de Neve irá na frente. Eu seguirei dentro de alguns minutos. Adiante, companheiros! O feno nos espera.

Com este apelo os bichos foram em bando ao campo de feno para começar a ceifa, e ao fim da tarde, quando voltaram, notaram que o leite havia desaparecido.

3

Como mourejaram e suaram para recolher o feno! Mas seus esforços foram recompensados, porque a colheita foi um sucesso ainda maior do que esperavam.

Às vezes o trabalho era duro; os implementos haviam sido criados para seres humanos, e não para animais, e foi uma grande desvantagem os bichos não poderem utilizar ferramentas que exigissem erguer-se sobre as patas traseiras. Mas os porcos eram tão inteligentes que conseguiam contornar qualquer dificuldade. Quanto aos cavalos, conheciam cada palmo de chão, e o fato é que entendiam muito mais de ceifar e revolver do que Jones e seus homens. Os porcos não trabalhavam diretamente, mas comandavam e supervisionavam os outros. Com seu conhecimento mais avançado era natural que assumissem a liderança. Tufão e Formosa se atrelavam sozinhos ao cortador ou ao ancinho (naqueles dias, é claro, freios e rédeas não eram necessários) e pisavam firmes campo acima e campo abaixo com um porco andando atrás deles e gritando, conforme o caso, "Toca adiante, companheiro!" ou "Hora de virar, companheiro!". Todos os bichos, até os mais humildes, trabalharam revirando e juntando o feno. Até os patos e as galinhas se esfalfaram o dia inteiro ao sol, indo e vindo do campo levando no bico fiapos de feno. Afinal, a colheita foi concluída

dois dias antes do tempo geralmente gasto por Jones e seus homens. E, sobretudo, foi a maior colheita jamais vista na granja. Não houve desperdício algum; as galinhas e os patos com seu olhar afiado cataram até o último talo. E nenhum bicho roubou nem sequer uma bocada.

Durante todo aquele verão o trabalho na granja andou como um relógio. Os bichos estavam felizes como nunca haviam imaginado pudessem estar. Cada bocada de comida representava um prazer intenso, agora que a comida era de fato deles, produzida por eles e para eles, não entregue de má vontade por um dono. Livres dos inúteis parasitas humanos, sobrava mais comida para todos. Havia também mais lazer, apesar da inexperiência dos bichos nesse item. Enfrentavam muitas dificuldades — por exemplo, mais adiante naquele ano, quando colheram o milho, tiveram que processá-lo da forma antiga e soprar o farelo, porque a granja não possuía debulhadeira —, mas os porcos com sua inteligência e Tufão com seus tremendos músculos acabavam sempre dando um jeito. Tufão era admirado por todos. Havia sido um bom trabalhador mesmo nos tempos de Jones, mas agora parecia agregar a força de três cavalos; havia dias em que todo o trabalho da fazenda parecia entregue a suas espáduas poderosas. De manhã à noite ele puxava e empurrava, sempre pronto quando o trabalho era mais pesado. Havia feito um acordo com um dos galos, que de manhã o chamava meia hora antes dos outros, para poder encaixar algum trabalho voluntário onde fosse mais necessário, antes do trabalho regular começar. Sua resposta para qualquer problema ou qualquer revés era "Eu vou trabalhar ainda mais!", que havia adotado como mote pessoal.

Mas cada um trabalhava de acordo com sua capacidade. As galinhas e os patos, por exemplo, recuperaram na colheita cinco baldes de trigo catando grãos perdidos. Ninguém roubou, ninguém reclamou da sua ração; as brigas, mordidas e ciúmes, normais nos velhos tempos, haviam quase desaparecido. Ninguém se esquivava — ou quase

ninguém. Mocinha custava muito a se levantar de manhã, e deixava o trabalho mais cedo alegando estar com uma pedra cravada no casco. E o comportamento da gata era de certo modo peculiar. Os outros logo perceberam que, quando havia trabalho, ela não era encontrada. Desaparecia horas a fio, para reaparecer na hora das refeições ou à tarde, quando o trabalho já estava encerrado, como se nada houvesse. Mas dava excelentes desculpas e ronronava de um jeito tão enternecedor que era impossível duvidar das suas boas intenções. O velho Benjamin, o burro, parecia não ter mudado desde a Revolução. Fazia seu trabalho do mesmo jeito lento e obstinado que tivera no tempo de Jones, nunca recusando e também nunca se voluntariando para serviço suplementar. Não expressava nenhuma opinião sobre a Revolução e seus resultados. Quando lhe perguntavam se não estava mais feliz agora que Jones havia desaparecido, respondia somente: "Burros vivem muito tempo. Nenhum de vocês viu um burro morto", e os outros tinham que se contentar com essa resposta enigmática.

Aos domingos não havia trabalho. A primeira refeição acontecia uma hora mais tarde que de costume e, em seguida, realizava-se uma cerimônia, toda semana sem falta. Primeiro, hasteava-se a bandeira. Bola de Neve achara no depósito dos arreios uma velha toalha de mesa verde, da sra. Jones, e pintara nela em branco um casco e um chifre. Era erguida ao alto do mastro nos jardins da mansão a cada manhã de domingo. O verde da bandeira, explicou Bola de Neve, representava os verdes campos da Inglaterra, enquanto o casco e o chifre significavam a futura República dos Bichos que surgiria quando a raça humana fosse, afinal, derrotada. Após o hasteamento da bandeira os animais iam todos juntos até o celeiro para uma reunião geral denominada Assembleia. Era quando se planejava o trabalho da semana seguinte e se apresentavam as deliberações a serem debatidas. Eram sempre os porcos que apresentavam as deliberações. Os outros bichos haviam aprendido a votar, mas não conseguiam formular delibera-

ções próprias. Bola de Neve e Napoleão eram, de longe, os mais ativos nos debates. Foi notado, porém, que os dois nunca concordavam: fosse qual fosse a sugestão apresentada por um, podia-se apostar na oposição do outro. Mesmo quando se decidiu — coisa à qual ninguém poderia se opor — reservar o pequeno pasto atrás do pomar como abrigo para os bichos que haviam passado da idade de trabalhar, houve um violento debate sobre a idade certa para a aposentadoria de cada espécie de animal. A Assembleia sempre acabava com o hino "Bichos da Inglaterra" e a tarde estava liberada para o lazer.

Os porcos haviam estabelecido seu quartel-general no depósito dos arreios. Ali, à noite, estudavam ferraria, carpintaria e outras habilidades necessárias em livros trazidos da mansão. Bola de Neve também organizava os outros bichos naquilo que chamava Comitês dos Bichos. Era infatigável nisso. Organizou para as galinhas o Comitê de Produção dos Ovos, a Liga das Caudas Limpas para as vacas, O Comitê de Reeducação dos Companheiros Selvagens (cujo objetivo era domesticar ratos e coelhos), o Movimento da Lã Mais Branca para as ovelhas, e outros mais, além de criar aulas de leitura e escrita. No conjunto, esses projetos foram um fracasso. As tentativas de domesticar os animais selvagens, por exemplo, acabaram quase imediatamente. Eles mantiveram seu comportamento anterior e, quando tratados com generosidade, simplesmente tiravam vantagem. A gata se inscreveu no Comitê de Reeducação e durante alguns dias demonstrou-se bem atuante. Foi vista um dia sentada num telhado, falando com alguns pardais fora do seu alcance. Dizia a eles que agora os bichos eram todos companheiros e qualquer pardal que quisesse podia vir pousar na sua pata; mas os pardais mantiveram distância.

As aulas de ler e escrever, porém, tinham enorme sucesso. No outono, quase todos os bichos da granja tinham algum grau de alfabetização.

Quanto aos porcos, já sabiam ler e escrever perfeitamente. Os cachorros aprenderam a ler bastante bem, mas não tinham interesse em ler coisa alguma além dos Sete Mandamentos. Margarida, a cabra, lia um pouco melhor que os cães e vez por outra, à noite, lia para os outros pedaços de jornal que achava no monte de lixo. Benjamin podia ler tão bem quanto qualquer porco, mas não exercitava seu talento. Costumava dizer que, até onde sabia, não havia nada que valesse a pena ler. Formosa aprendeu o alfabeto todo, mas não conseguia formar palavras. Tufão não conseguiu ir além da letra D. Era capaz de traçar A, B, C, D na areia com sua pata poderosa e ficava olhando as letras, orelhas para trás, sacudindo de vez em quando o topete, tentando com toda sua força lembrar o que vinha depois, e não conseguia. É verdade que em várias ocasiões chegara a aprender E, F, G, H, mas, quando já as sabia, descobria-se que havia esquecido A, B, C, D. Afinal decidiu contentar-se com as primeiras quatro letras, que costumava escrever uma ou duas vezes ao dia para refrescar a memória. Mocinha recusou-se a aprender qualquer letra além das sete que formavam seu nome. Ela o compunha cuidadosamente com galhinhos e decorava com uma ou duas flores, andando ao redor admirada.

Nenhum dos outros animais da granja conseguiu ir além da letra A. Descobriu-se também que os bichos mais obtusos, como ovelhas, galinhas e patos, eram incapazes de memorizar os Sete Mandamentos. Depois de longas reflexões, Bola de Neve declarou que os Sete Mandamentos podiam, na realidade, ser reduzidos a um único preceito: "Quatro patas bom, duas pernas ruim". Isso, disse, continha o princípio essencial do Animalismo. Quem o compreendesse plenamente estaria a salvo das influências humanas. As aves inicialmente protestaram, considerando que também eram bípedes, mas Bola de Neve provou a elas que isso não era verdade.

— A asa de uma ave, companheiros — disse —, é um órgão de propulsão, e não de manuseio. Então, deve ser olhada como perna.

A marca distintiva do homem é a MÃO, instrumento que usa para todas as suas maldades.

As aves não entenderam as complexas palavras de Bola de Neve, mas aceitaram sua explicação, e todos os bichos mais humildes puseram-se a decorar o novo preceito. QUATRO PATAS BOM, DUAS PERNAS RUIM foi escrito na parede dos fundos do celeiro, acima dos Sete Mandamentos e em letras maiores. Depois de sabê-lo de cor, as ovelhas tomaram-se de encantamento por esse preceito e muitas vezes, deitadas no campo, começavam a balir todas juntas: “Quatro patas bom, duas pernas ruim! Quatro patas bom, duas pernas ruim!”, e seguiam assim, horas a fio, sem se cansar.

Napoleão não se interessou pelos comitês de Bola de Neve. Disse que a educação dos jovens era mais importante que tudo o que se fizesse pelos adultos. Aconteceu que Jesse e Flor pariram pouco depois da colheita do feno, as duas juntas deram à luz nove robustos cachorrinhos. Assim que desmamaram, Napoleão os tirou das mães, dizendo que se responsabilizava por sua educação. Levou-os para um amplo espaço, com um único acesso pela escada que saía do depósito dos arreios, e ali os manteve em tamanha reclusão que logo o resto da granja esqueceu sua existência.

Não demorou e o mistério do destino do leite foi esclarecido. Estava sendo misturado todos os dias na ração dos porcos. As primeiras maçãs começavam a amadurecer e a grama do pomar estava coberta daquelas derrubadas pelo vento. Os bichos acharam natural que fossem repartidas irmãmente; um dia, porém, receberam ordem de catá-las e levá-las até o depósito dos arreios para consumo dos porcos. Alguns bichos resmungaram, mas não houve jeito. Todos os porcos estavam de acordo neste ponto, até Bola de Neve e Napoleão. Futrica foi enviado para dar aos outros as explicações necessárias.

— Companheiros! — gritou. — Vocês não pensam, espero, que nós, porcos, fazemos isso por egoísmo ou privilégio. Muitos de nós

não gostam nem de leite nem de maçãs. Eu próprio não gosto. Nosso único objetivo comendo isso é preservar nossa saúde. Leite e maçãs (foi comprovado pela Ciência, companheiros) contêm substâncias absolutamente necessárias para o bem-estar de um porco. Nós, porcos, somos trabalhadores mentais. Toda a gestão e organização desta granja depende de nós. Dia e noite estamos cuidando da sua prosperidade. É por causa de VOCÊS que tomamos este leite e comemos estas maçãs. Vocês sabem o que aconteceria se nós, porcos, falhássemos com nosso dever? Jones voltaria! Com certeza, companheiros — choramingou Futrica quase suplicante, andando de um lado a outro e abanando o rabicho —, duvido que algum de vocês queira ver Jones de volta!

Se havia algo de que os bichos tinham certeza absoluta era que não queriam Jones de volta. O assunto tendo sido colocado para eles desse ponto de vista, não havia mais o que dizer. A importância de manter os porcos em boa saúde era mais que óbvia. Ficou então combinado, sem ulteriores discussões, que o leite e as maçãs derrubadas pelo vento (assim como a colheita das maçãs quando amadurecessem) seriam reservados só para os porcos.

Ao fim do verão a notícia do que acontecera na Granja dos Bichos havia se espalhado por meio condado. Todos os dias, Bola de Neve e Napoleão soltavam bandos de pombos com instruções para se misturarem aos bichos das granjas vizinhas, contar a história da Revolução e ensinar a canção "Bichos da Inglaterra".

Jones passara a maior parte desse tempo sentado na taberna do Leão Vermelho em Willingdon queixando-se, com quem quisesse ouvir, da monstruosa injustiça sofrida ao ser expulso da sua propriedade por uma corja de bichos imprestáveis. Os outros granjeiros se compadeceram por questão de princípio, mas no começo não lhe deram muito suporte. No fundo, cada um pensava secretamente num jeito de tirar proveito da desgraça de Jones. Por sorte, os donos das duas granjas contíguas à Granja dos Bichos estavam em desentendimento permanente. Uma delas, chamada Foxwood, era uma granja grande, tipo antigo, descuidada e invadida por matas, os pastos depauperados e as cercas em petição de miséria. Seu proprietário, sr. Pilkington, era um granjeiro indolente, que passava a maior parte do tempo pescando ou caçando, de acordo com a estação. A outra granja, de nome Pinchfield, era menor e mais bem cuidada. Seu dono, o sr. Frederick, homem rude e perspicaz, estava constantemente envolvido

em processos e tinha fama de gostar das disputas mais árduas. Esses dois tinham antipatia tão grande um pelo outro que lhes era difícil chegar a qualquer entendimento, mesmo em defesa dos próprios interesses.

Apesar disso, estavam ambos extremamente assustados com a revolução da Granja dos Bichos e ansiosos por impedir que os próprios animais soubessem muito a respeito. A princípio fingiram debochar da ideia de bichos administrarem uma granja por conta própria. Em quinze dias tudo estaria acabado, disseram. Argumentaram que os bichos da Granja da Mansão (faziam questão de chamá-la Granja da Mansão; não toleravam o nome Granja dos Bichos) brigavam o tempo todo entre si e estavam morrendo de fome rapidamente. Com o passar do tempo, e como os animais visivelmente não estavam morrendo de fome, Frederick e Pilkington mudaram de tom e passaram a falar das terríveis perversidades que prosperavam agora na Granja dos Bichos. Disseram que os bichos praticavam canibalismo, torturavam uns aos outros com ferro em brasa e partilhavam as fêmeas. Era nisso que dava se rebelar contra as leis da Natureza, disseram Frederick e Pilkington.

Essas histórias, porém, nunca foram aceitas por completo. Os boatos de uma granja maravilhosa, de onde os seres humanos haviam sido expulsos e onde os animais resolviam seus próprios problemas, continuaram circulando de forma variada e alterada, e ao longo daquele ano uma onda de rebeldia percorreu os campos. Touros que sempre haviam sido dóceis no trato tornavam-se subitamente selvagens, ovelhas derrubavam cercas e devoravam os trevos, vacas chutavam os baldes, cavalos de caça refugavam as sebes e atiravam os cavaleiros do outro lado. Mas, sobretudo, a música e até a letra de "Bichos da Inglaterra" já eram conhecidas em toda parte. Haviam se espalhado com velocidade surpreendente. Os seres humanos não conseguiam conter a raiva ao ouvir essa canção, embora fingissem considerá-la apenas ridícula. Não dava para entender, diziam, como

até mesmo bichos cantassem tamanha porcaria. Todo animal flagrado cantando-a era imediatamente açoitado. Mas não havia como conter a canção. Os melros a assobiavam nas cercas, os pombos a arrulhavam nos olmos, metia-se entre o barulho das forjas e no badalar dos sinos da igreja. E quando os seres humanos a ouviam, tremiam em segredo, identificando nela a profecia de sua futura condenação.

No começo de outubro, quando o milho estava cortado e armazenado e uma parte já havia sido debulhada, um bando de pombos veio volteando pelo ar e pousou no pátio da Granja dos Bichos em grande excitação. Jones e todos os seus homens, mais meia dúzia de peões de Foxwood e Pinchfield, haviam passado pela porteira e vinham vindo no caminho que levava à granja. Todos traziam porretes na mão. Menos Jones, que marchava na frente, com uma espingarda. Era óbvio que tentariam reaver a fazenda.

Fazia tempo que se esperava por isso e todas as medidas haviam sido tomadas. Bola de Neve, que estudara um velho livro das campanhas de Júlio César achado na mansão, estava encarregado das operações de defesa. Deu rapidamente as ordens e em poucos minutos cada bicho estava em sua posição.

Quando os humanos se aproximaram das instalações da granja, Bola de Neve lançou o primeiro ataque. Todos os pombos, em número de trinta e cinco, voaram ao redor das cabeças dos homens e, do ar, cagaram nelas; enquanto os homens tratavam disso, os gansos, escondidos atrás da sebe, arremeteram bicando furiosamente suas panturrilhas. Mas esta era apenas uma escaramuça ligeira destinada a estabelecer alguma desordem, e os homens não tiveram dificuldade para espantar os gansos com seus porretes. Bola de Neve lançou então sua segunda linha de ataque. Margarida, Benjamin e todas as ovelhas, com Bola de Neve à frente, atacaram dando marradas e trombando de todo lado nos homens, enquanto Benjamin se voltava para chutá-los com seus pequenos cascos. Mais uma vez, porém, os homens, com

seus porretes e suas botas ferradas, foram mais fortes; e de repente, ouvindo o guincho de Bola de Neve, que era o sinal para a retirada, todos os bichos deram meia-volta e debandaram através do portão para o pátio.

Os homens gritaram em triunfo. Viram, como haviam imaginado, seus inimigos em fuga e correram atrás deles em desordem. Era exatamente o que Bola de Neve pretendia. Assim que eles entraram no pátio, os três cavalos, as três vacas e o restante dos porcos, até então emboscados no estábulo, surgiram repentinos na retaguarda, cortando sua passagem. Bola de Neve, então, deu sinal para o assalto. Ele próprio arremessou-se contra Jones. Jones o viu chegar, levantou a espingarda e disparou. As balas traçaram listas de sangue no dorso de Bola de Neve e uma ovelha caiu morta. Sem parar nem por um instante, Bola de Neve arremessou seus cem quilos entre as pernas de Jones. Jones foi lançado num monte de esterco e a espingarda voou de suas mãos. Mas o espetáculo mais aterrorizante de todos foi Tufão erguendo-se nas patas traseiras e golpeando como um garanhão com seus cascos ferrados. O primeiro golpe atingiu o crânio de um cavalariço de Foxwood e o deixou inerte na lama. Ao verem isso, vários homens largaram seus porretes e tentaram fugir. Entraram em pânico e um momento bastou para que todos os bichos os caçassem ao redor do pátio. Foram chutados, espetados por chifres, mordidos, pisoteados. Nenhum animal da fazenda deixou de vingar-se deles a seu modo. Até a gata pulou de repente de um telhado sobre os ombros de um vaqueiro e afundou as garras no seu pescoço, arrancando-lhe gritos horríveis. No momento em que viram a passagem livre, os homens se consideraram felizardos por poderem sair correndo do pátio e disparar rumo à estrada principal. E assim, cinco minutos após a invasão, estavam em humilhante retirada pelo mesmo caminho percorrido na vinda, com um bando de gansos grasnando atrás deles e bicando suas pernas estrada afora.

Todos os homens haviam desaparecido, menos um. De volta ao pátio, Tufão escarvava o chão com a pata tentando virar o cavalariço que continuava de cara na lama. O corpo não se mexia.

— Está morto — disse Tufão, tristonho. — Não era minha intenção. Esqueci que estava de ferradura. Ninguém vai acreditar que não fiz de propósito.

— Sem sentimentalismos, companheiro! — gritou Bola de Neve, de cujas feridas o sangue ainda gotejava. — Guerra é guerra. O único ser humano bom é o ser humano morto.

— Eu não tenho nenhum desejo de tirar vidas, nem mesmo vidas humanas — repetiu Tufão, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Cadê Mocinha? — exclamou alguém.

De fato, Mocinha estava faltando. Por um momento, houve grande apreensão; temia-se que os homens a tivessem machucado de alguma forma, ou mesmo que a tivessem levado. No fim, porém, foi encontrada escondida em sua baia com a cabeça afundada no feno da manjedoura. Havia fugido ao ouvir o tiro da espingarda. E, quando os outros voltaram depois de procurá-la, verificaram que o cavalariço, que na realidade estava só atordoado, já se recuperara e se fora.

Os bichos agora estavam reunidos na maior excitação, cada qual contando aos gritos suas façanhas na batalha. Uma celebração improvisada realizou-se imediatamente. Hasteou-se a bandeira e "Bichos da Inglaterra" foi cantada várias vezes. Depois, a ovelha morta foi enterrada com um funeral solene e um arbusto de espinheiro foi plantado sobre a sua sepultura. Ao lado do túmulo, Bola de Neve fez um breve discurso, enfatizando a necessidade de morrer, se necessário, pela Granja dos Bichos.

Os bichos decidiram por unanimidade criar uma condecoração militar, "Bicho Herói, Primeira Classe", que foi conferida ali mesmo a Bola de Neve e Tufão. Consistia numa medalha de latão (na ver-

dade, latão dos arreios achados no depósito) a ser usada aos domingos e feriados. Criou-se também "Bicho Herói, Segunda Classe", conferida postumamente à ovelha morta.

Houve muita discussão sobre o nome que seria dado à batalha. Afinal, foi nomeada Batalha do Curral, pois fora onde se armara a armadilha. A espingarda de Jones foi achada na lama e todos sabiam que havia um suprimento de balas na mansão. Decidiu-se colocar a espingarda ao pé do mastro da bandeira, como uma peça de artilharia, e dispará-la duas vezes ao ano — uma no dia 12 de outubro, aniversário da Batalha do Curral, e outra no Dia do Solstício de Verão, aniversário da Revolução.

5

Com o avançar do inverno, Mocinha tornou-se cada vez mais problemática. Atrasava-se de manhã para o trabalho e se desculpava dizendo que havia dormido demais, queixava-se de dores misteriosas, apesar de ter apetite excelente. Por qualquer pretexto abandonava o trabalho e ia para o açude, onde ficava olhando como uma boba seu reflexo na água. Mas havia também rumores de algo mais sério. Um dia em que Mocinha trotava alegremente no pátio sacudindo a cauda e mordiscando um talo de feno, Formosa se aproximou.

— Mocinha — disse —, tenho coisa muito séria para falar com você. Hoje de manhã te vi olhando por cima da sebe que separa Foxwood da Granja dos Bichos. Um dos homens de Pilkington estava do outro lado da sebe. E eu estava bem distante, mas tenho quase certeza do que vi, falava com você e você estava lhe permitindo alisar seu focinho. O que significa isso, Mocinha?

— Ele não fez isso! Eu não estava! Não é verdade! — choramingou Mocinha, começando a se empinar e pateando o chão.

— Mocinha! Olhe bem para mim. Você me dá sua palavra de honra que aquele homem não estava alisando seu focinho?

— Não é verdade! — repetiu Mocinha, mas não conseguia olhar

de frente para Formosa e, não demorou um minuto, virou-se e foi galopando para o campo.

Um pensamento ocorreu a Formosa. Sem dizer nada aos outros, foi para a baia de Mocinha e revirou a palha com o casco. Escondidos debaixo da palha, encontrou alguns torrões de açúcar e vários maços de fitas de diferentes cores.

Três dias depois, Mocinha desapareceu. Durante algumas semanas nada se soube do seu paradeiro, e então os pombos relataram tê-la visto do outro lado de Willingdon. Estava atrelada a uma charrete pintada de vermelho e preto, parada diante de uma taberna. Um homem de cara vermelha, calças xadrez e perneiras, parecendo um taberneiro, lhe alisava o focinho e lhe dava torrões de açúcar. Seu pelo havia sido aparado recentemente e ela usava uma fita vermelha no topete. Parecia muito satisfeita, disseram os pombos. Nenhum dos bichos voltou a mencionar Mocinha.

Em janeiro chegou o tempo mais duro. A terra estava que nem aço, e nada podia ser feito nos campos. Houve muitas reuniões no celeiro e os porcos se ocuparam planejando o trabalho da próxima estação. Havia sido aceito que os porcos, sendo claramente mais inteligentes que os outros bichos, decidiriam todas as questões relativas à administração da granja, embora as suas decisões tivessem que ser ratificadas pelo voto da maioria. Esse arranjo teria funcionado a contento, não fosse pelas brigas entre Bola de Neve e Napoleão. Os dois divergiam em todos os pontos em que alguma divergência fosse possível. Se um deles sugeria semear uma área maior de cevada, era certo que o outro exigiria uma área maior de aveia, e se um deles dissesse que determinado terreno era perfeito para repolhos, o outro afirmaria que só servia para tubérculos. Cada um tinha seus seguidores e houve debates violentos. Nas Assembleias, Bola de Neve costumava conquistar a maioria graças a seus discursos brilhantes, mas Napoleão era mais eficiente em angariar apoio por fora. Tinha espe-

cial sucesso com as ovelhas. Nos últimos tempos, as ovelhas haviam começado a balir "Quatro patas bom, duas pernas ruim" a torto e a direito, e com frequência interrompiam as Assembleias. Desandavam a balir "Quatro patas bom, duas pernas ruim", sobretudo nos momentos cruciais dos discursos de Bola de Neve, o que não passou desapercebido. Bola de Neve havia estudado a fundo alguns exemplares antigos da revista *Fazendeiros e Criadores de Gado* achados na mansão, e estava cheio de planos para inovações e melhorias. Falava com conhecimento de causa de drenagem dos campos, silos, adubo, e havia elaborado um esquema complicado através do qual todos os bichos depositariam seus excrementos diretamente nos campos, cada dia em pontos diferentes, para eliminar o trabalho de transporte do estrume. Napoleão não produziu nenhum projeto próprio, mas disse tranquilo que o de Bola de Neve não daria certo, e parecia esperar sua vez. Entre todas as divergências, porém, nenhuma foi tão áspera como a que aconteceu a propósito do moinho de vento.

No pasto maior, pouco distante das construções, havia um morrinho, ponto mais alto da granja. Após examinar o solo, Bola de Neve declarou que era o lugar certo para um moinho de vento que, operando um dínamo, forneceria luz elétrica para a granja. Isso iluminaria os estábulos e os aqueceria no inverno. Poderia acionar uma serra circular, um cortador de feno, um fatiador de beterrabas e uma ordenhadeira elétrica. Os bichos nunca tinham ouvido falar de nada semelhante (a granja era antiquada e só tinha máquinas primitivas) e escutaram com assombro enquanto Bola de Neve evocava imagens de máquinas fantásticas que fariam o trabalho deles, enquanto eles pastariam à vontade nos campos ou cultivariam a mente lendo ou conversando.

Em poucas semanas o projeto de Bola de Neve para o moinho de vento estava pronto. A maioria dos detalhes mecânicos havia sido tirada de três livros antes pertencentes a Jones — *Mil coisas*

úteis para fazer na casa, *Todo homem é seu próprio pedreiro* e *Eletricidade para principiantes*. Bola de Neve estabeleceu seu escritório num galpão que no passado abrigara incubadoras e tinha um piso liso, de madeira, excelente para desenhar em cima. Ficava ali trancado horas a fio. Com seus livros mantidos abertos por uma pedra e com um pedaço de giz metido na fenda da pata dianteira, movimentava-se rapidamente de um lado a outro, traçando linhas e mais linhas e emitindo pequenos guinchos de excitação. Progressivamente o projeto foi sendo convertido numa complicada massa de manivelas e rodas dentadas, que cobria mais da metade do piso, e que os outros bichos achavam absolutamente ininteligível mas impressionante. Todos vinham ver os desenhos de Bola de Neve pelo menos uma vez ao dia. Até as galinhas e os patos vieram e se esforçaram para não pisar nos riscos de giz. Só Napoleão se manteve indiferente. Havia se declarado contrário ao moinho desde o começo. Um dia, entretanto, chegou inesperadamente para examinar o projeto. Andou com todo o seu peso pelo galpão, examinou de perto cada detalhe do planejamento, fungou em cima dele duas ou três vezes, depois ficou algum tempo contemplando pelo canto do olho; de repente, levantou a pata, urinou no projeto e saiu sem dizer uma palavra.

A granja estava profundamente dividida quanto ao moinho de vento. Bola de Neve não negava que construí-lo seria tarefa difícil. Pedras teriam que ser carregadas e transformadas em paredes, depois seria preciso fazer as velas, e adiante haveria necessidade de dínamos e cabos. (Como conseguiriam isso Bola de Neve não disse.) Mas afirmou que tudo poderia ser feito em um ano. E depois, declarou, o moinho pouparia tanto trabalho que os bichos só precisariam trabalhar três dias por semana. Napoleão, por outro lado, argumentou que a grande necessidade no momento era aumentar a produção de alimentos e que, se gastassem tempo na construção do moinho, morreriam todos de fome. Os bichos se dividiram em duas facções

tendo como *slogans*: “Vote em Bola de Neve e na semana de três dias” e “Vote em Napoleão e na manjedoura cheia”. Benjamin foi o único bicho que não ficou de nenhum dos dois lados. Recusou-se a acreditar que a comida ficaria mais abundante ou que o moinho eliminaria trabalho. Com moinho ou sem moinho, disse, a vida continuaria como sempre havia sido — ou seja, ruim.

Além das brigas motivadas pelo moinho, havia a questão da defesa da granja. Todos sabiam que, apesar de os seres humanos terem perdido a Batalha do Curral, poderiam fazer outra tentativa mais determinada para reaver a granja e restabelecer o comando de Jones. Tinham razão de sobra para isso, porque a notícia da sua derrota havia se espalhado na região, deixando os animais das granjas vizinhas ainda mais rebeldes. Como de costume, Bola de Neve e Napoleão discordavam. Segundo Napoleão, o que os bichos deveriam fazer era conseguir armas de fogo e treinar para usá-las. Segundo Bola de Neve, deveriam mandar cada vez mais pombos instigar à revolta os bichos das outras granjas. Um argumentava que, se não soubessem se defender, corriam risco de serem subjugados, o outro argumentava que, se a revolução acontecesse em toda parte, não precisariam se defender. Os bichos escutavam primeiro Bola de Neve, depois Napoleão, e não conseguiam decidir qual dos dois tinha razão; o fato é que concordavam com aquele que estivesse falando no momento.

Afinal chegou o dia em que o projeto de Bola de Neve ficou pronto. Na Assembleia do domingo seguinte, a questão de começar, ou não, o trabalho do moinho seria posta em votação. Com os animais já reunidos no celeiro, Bola de Neve se levantou e, embora volta e meia interrompido por balir de ovelhas, apresentou seus motivos em defesa da construção do moinho. Em seguida, Napoleão levantou-se para responder. Disse em voz mansa que o moinho era um absurdo e que não aconselhava ninguém a votar nele, e rapidamente voltou a

sentar; havia falado menos de trinta segundos e parecia quase indiferente ao efeito produzido. Ouvindo isso, Bola de Neve pulou de pé, e mandando as ovelhas se calarem pois haviam recomeçado a balir, lançou-se em defesa apaixonada do moinho. Até então os bichos estavam igualmente divididos entre suas preferências, mas bastou um momento para serem seduzidos pela eloquência de Bola de Neve. Com frases incandescentes descreveu como seria a Granja dos Bichos quando o dorso dos animais estivesse liberado do trabalho aviltante. Sua imaginação havia ultrapassado cortadores de palha e fatiadores de nabos. A eletricidade, disse, operaria debulhadoras, arados, ancinhos, e rolos compressores e ceifadeiras e atadeiras, além de fornecer luz elétrica para cada baia, água quente e fria, e aquecimento elétrico. Quando ele acabou de falar, não havia mais dúvidas sobre o destino do voto. Mas nesse exato momento Napoleão ergueu-se e, lançando sobre Bola de Neve um estranho olhar de viés, soltou um chamado estridente que ninguém o ouvira emitir antes.

Em resposta, terríveis latidos ecoaram do lado de fora e nove enormes cães com coleiras reforçadas de latão entraram aos saltos no celeiro. Arremeteram direto contra Bola de Neve, que saltou do lugar só a tempo de evitar as mandíbulas abertas. No minuto seguinte, saía porta afora com os cães no seu encalço. Surpresos e assustados demais para falar, os bichos juntaram-se na porta para acompanhar a caçada. Bola de Neve corria atravessando o longo pasto que levava à estrada. Corria como só um porco pode correr, mas os cães estavam perto dos seus calcanhares. De repente escorregou e pareceu que o apanhariam. Mas se reergueu, correndo mais veloz que nunca, até que os cachorros encurtaram a distância. Um deles fechou as mandíbulas sobre o rabicho de Bola de Neve, mas Bola de Neve conseguiu libertá-lo bem na hora. Então redobrou os esforços e, ganhando algumas polegadas, meteu-se num buraco da sebe e sumiu.

Aterrorizados e em silêncio, os bichos se arrastaram de volta para o celeiro. Bastou um momento para os cães chegarem aos pulos. A princípio ninguém conseguiu imaginar de onde vinham aquelas criaturas, mas o enigma foi resolvido rapidamente: eram os cachorrinhos que Napoleão havia tomado das mães e que ele mesmo criara. Embora ainda não totalmente crescidos, eram cães enormes e de aspecto feroz como lobos. Mantinham-se perto de Napoleão. E todos repararam que abanavam o rabo para ele do mesmo modo que os outros cachorros costumavam fazer com Jones.

Napoleão, seguido pelos cães, subiu na plataforma onde Major fizera seu discurso. Anunciou que, dali para a frente, as Assembleias das manhãs de domingo estavam canceladas. Eram desnecessárias, disse, e uma perda de tempo. No futuro, todas as questões relativas ao trabalho da granja seriam resolvidas por um comitê especial de porcos, presidido por ele, que se encontraria em particular e depois comunicaria aos outros suas decisões. Os animais continuariam se reunindo nas manhãs de domingo para hastear a bandeira, cantar "Bichos da Inglaterra" e receber as ordens da semana; mas não haveria mais debates.

Apesar do choque provocado pela expulsão de Bola de Neve, os bichos ficaram desalentados com essa declaração. Muitos deles teriam protestado se apenas conseguissem achar os argumentos certos. Até Tufão estava vagamente angustiado. Botou as orelhas para trás, sacudiu várias vezes o topete e tentou arduamente organizar seus pensamentos; mas, afinal, não conseguiu encontrar nada a dizer. Alguns dos porcos, entretanto, eram mais articulados. Quatro jovens porcos na primeira fila lançaram guinchos estridentes de desaprovação, e os quatro saltaram de pé e começaram a falar imediatamente. Mas, de repente, os cães sentados ao redor de Napoleão soltaram rosnados surdos e ameaçadores, e os porcos se calaram e voltaram a sentar. Foi então que as ovelhas começaram um tre-

mendo balido de “Quatro patas bom, duas pernas ruim!” que durou pelo menos um quarto de hora e acabou com qualquer possibilidade de discussão.

Depois disso, Futrica foi enviado em um giro pela granja para explicar aos outros a nova sistemática.

— Companheiros — disse —, tenho certeza de que cada bicho valoriza o sacrifício que o Companheiro Napoleão fez ao assumir este trabalho extra. Não pensem, companheiros, que liderança seja um prazer! Pelo contrário, é uma responsabilidade intensa e pesada. Ninguém acredita na igualdade de todos os bichos mais do que o Companheiro Napoleão. Ele ficaria muitíssimo feliz em deixar vocês tomarem suas próprias decisões. Mas, caso vocês tomassem decisões erradas, o que seria de nós? Vamos supor que vocês tivessem decidido acompanhar Bola de Neve com sua miragem de moinho de vento, Bola de Neve que, como sabemos agora, não era mais que um criminoso?

— Ele lutou bravamente na Batalha do Curral — disse alguém.

— Bravura não basta — disse Futrica. — Lealdade e obediência são mais importantes. Quanto à Batalha do Curral, acredito que chegará a hora em que descobriremos que o papel de Bola de Neve foi muito exagerado. Disciplina, companheiros, disciplina de aço! Este é o lema de hoje. Um passo em falso e os inimigos estariam em cima de nós. Com certeza, companheiros, vocês não querem Jones de volta?

Uma vez mais, não havia resposta para esse argumento. Sem dúvida, os bichos não queriam Jones de volta; se os debates das manhãs de domingo poderiam trazê-lo novamente, então os debates tinham que acabar. Tufão, que tivera tempo de refletir, externou o sentimento geral dizendo: “Se é o Companheiro Napoleão quem diz, deve estar certo”. E a partir dali adotou a máxima “Napoleão está sempre certo”, acrescentada a seu lema pessoal “Vou trabalhar ainda mais”.

Com o tempo mais suave, a aradura da primavera começou. O galpão onde Bola de Neve havia desenhado seu projeto para o moi-

nho fora fechado e supunha-se que os desenhos no chão tivessem sido apagados. Todo domingo às dez da manhã os bichos se reuniam no celeiro grande para receber as ordens da semana. A caveira do velho Major, agora limpa e sem carne, fora desenterrada do pomar e posta em cima de um toco ao pé do mastro da bandeira, junto à espingarda. Após o hasteamento da bandeira os bichos deviam desfilar de maneira reverente diante da caveira, antes de entrar no celeiro. Agora não sentavam mais todos juntos como no passado. Napoleão, com Futrica e outro porco chamado Mínimo, que tinha talento notável para compor canções e poemas, sentavam na parte dianteira da plataforma, com os nove jovens cães formando um semicírculo ao redor e os outros porcos sentados atrás. O restante dos bichos sentava diante deles, na parte central do celeiro. Napoleão lia as ordens da semana em ríspido estilo militar e, após uma única execução de "Bichos da Inglaterra", todos os animais se dispersavam.

No terceiro domingo após a expulsão de Bola de Neve, os bichos ficaram um tanto surpresos ao ouvir Napoleão anunciar que, afinal de contas, o moinho seria construído. Não deu nenhuma razão para ter mudado de ideia, apenas preveniu os bichos de que essa tarefa extra significaria trabalho muito puxado e poderia até ser necessário reduzir suas rações. O projeto, entretanto, já estava todo pronto até o último detalhe. Um comitê especial de porcos estivera trabalhando nele nas últimas três semanas. Esperava-se que a construção do moinho, junto com várias outras melhorias, durasse dois anos.

Naquela tarde, Futrica explicou aos outros bichos, em particular, que na realidade Napoleão nunca se opusera ao moinho. Ao contrário, ele o defendera no começo e o projeto que Bola de Neve desenhara no piso do galpão das incubadoras fora roubado dos papéis de Napoleão. Na realidade, o moinho de vento era criação exclusiva dele. Então, por que, perguntou alguém, ele falara com tanta firmeza contra o moinho? Foi aí que Futrica pareceu muito ardiloso. Isso, disse, foi uma esper-

teza do Companheiro Napoleão. Ele FINGIU ser contra o moinho apenas como manobra para se livrar de Bola de Neve, que tinha caráter perigoso e exercia péssima influência. Agora, com Bola de Neve fora do caminho, o projeto poderia ser levado adiante sem sua interferência. Isso, disse Futrica, era uma coisa chamada tática. E repetiu várias vezes “Tática, companheiros, tática!”, saltitando ao redor, agitando o rabicho e dando risadas alegres. Os bichos não tinham certeza do significado da palavra, mas Futrica era tão persuasivo, e os três cães que por coincidência o acompanhavam rosnavam tão ameaçadoramente, que aceitaram sua explicação sem mais perguntas.

6

Durante aquele ano os bichos trabalharam feito escravos. Mas trabalhavam felizes; não se queixavam de esforço ou sacrifício, conscientes de que tudo o que faziam era para seu próprio bem e para os da sua espécie que os sucederiam, e não para um bando de seres humanos preguiçosos e ladrões.

Ao longo de toda a primavera e verão trabalharam sessenta horas por semana, e em agosto Napoleão anunciou que trabalhariam também nas tardes de domingo. Esse trabalho era estritamente voluntário, mas o bicho que não se oferecesse teria sua ração cortada pela metade. Mesmo assim, foi necessário deixar de fazer algumas coisas. A colheita teve um pouco menos de sucesso que a do ano anterior, e dois campos que deveriam receber tubérculos no começo do verão não foram semeados porque a terra não havia sido arada a tempo. Deu para prever que o próximo inverno seria duro.

A construção do moinho apresentou dificuldades imprevistas. Havia uma boa pedreira na granja e muita areia e cimento foram achados num depósito, de modo que todo o material estava disponível. Mas o problema que se apresentou no início, e que os bichos não conseguiam resolver, era como quebrar as pedras e reduzi-las a um tamanho utilizável. Parecia não haver jeito de fazer isso a não ser

com picaretas e pés de cabra, que nenhum bicho podia usar porque nenhum bicho conseguia se levantar nas patas traseiras. Só depois de semanas de esforços inúteis, alguém teve a ideia certa: ou seja, aproveitar a força da gravidade. Pedras enormes, grandes demais para serem usadas, estavam espalhadas ao pé da pedreira. Os bichos as amarraram com cordas e, todos juntos, vacas, cavalos, ovelhas, qualquer bicho que pudesse segurar uma corda — até os porcos se juntavam às vezes, em momentos críticos —, as arrastaram com desesperada lentidão encosta acima até o topo da pedreira, de onde as deixaram rolar, para se despedaçarem abaixo. Comparado a isso, transportar as pedras depois de quebradas foi simples. Os cavalos as carregaram em carroças, as ovelhas arrastaram alguns blocos, e até Margarida e Benjamin se atrelaram a uma antiga charrete e fizeram sua parte. No fim do verão uma quantidade suficiente de pedras havia sido acumulada e a obra começou sob a supervisão dos porcos.

Mas era um trabalho lento e penoso. Com frequência gastavam o dia inteiro para arrastar uma única pedra grande até o topo da pedreira e, às vezes, quando empurrada lá de cima não quebrava. Nada teriam conseguido sem Tufão, cuja força parecia à de todos os outros bichos juntos. Quando as pedras maiores começavam a deslizar pela encosta e os bichos gritavam desesperados sentindo-se arrastar para baixo, era sempre Tufão que esticava a corda e fazia parar a pedra. A visão dele mourejando palmo a palmo encosta acima, com a respiração acelerada, as pontas dos cascos cravadas no chão, os flancos poderosos molhados de suor, enchia todos de admiração. Formosa o aconselhava a tomar cuidado e a não se sobrecarregar, mas Tufão não lhe dava ouvidos. Seus dois lemas, "Eu vou trabalhar ainda mais" e "Napoleão está sempre certo", pareciam-lhe resposta suficiente para qualquer problema. Havia combinado com o galo para chamá-lo de manhã quarenta minutos antes, em vez de meia hora. E nos momentos vagos, pouco frequentes ultimamente,

ia sozinho para a pedreira, juntar um carregamento de pedras quebradas e o levar sem ajuda até o lugar do moinho.

Os bichos não passaram mal ao longo do verão, apesar do trabalho duro. Se não tinham mais comida do que no tempo de Jones, tampouco tinham menos. A vantagem de terem que alimentar só a si mesmos, sem serem obrigados a sustentar cinco seres humanos esbanjadores, era tão grande que seriam necessários muitos fracassos para superá-la. E, de muitos modos, o jeito animal de fazer as coisas resultava mais eficiente e poupava trabalho. Serviços como capina, por exemplo, podiam ser realizados com precisão impossível para seres humanos. E como agora nenhum bicho roubava, não era mais necessário cercar pastos e terras aráveis, o que poupava muito trabalho de conservação das porteiras e sebes. Assim mesmo, com o avançar do verão, notou-se a escassez imprevista de alguns produtos. Faltavam óleo de parafina, pregos, cordas, biscoitos para cachorro, ferro para as ferraduras, e nada disso podia ser produzido na granja. Mais adiante, faltaram sementes e adubos químicos, além de várias ferramentas e, por fim, o maquinário para o moinho. Ninguém tinha ideia de como conseguir isso.

Num domingo de manhã, estando os animais reunidos para receber as ordens, Napoleão anunciou que havia optado por um novo plano de ação. De agora em diante, a Granja dos Bichos negociaria com as granjas vizinhas: é claro que não visando ao lucro, mas apenas a fim de obter alguns materiais extremamente necessários. As urgências do moinho, disse, tinham que vir em primeiro lugar. Por isso, estava negociando a venda de uma meda de feno e parte da colheita de trigo daquele ano, e adiante, caso houvesse necessidade de mais dinheiro, este seria obtido com a venda de ovos, para os quais sempre havia um mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleão, se orgulhariam desse sacrifício, como sua contribuição pessoal para a construção do moinho.

Mais uma vez os bichos foram tomados por um vago desconforto. Nunca ter qualquer negócio com seres humanos, nunca fazer

comércio, nunca usar dinheiro — não faziam parte das resoluções aceitas na primeira Assembleia triunfal depois da expulsão de Jones? Todos os bichos se lembravam de ter aprovado essas decisões: ou, pelo menos, julgavam se lembrar. Os quatro jovens porcos que haviam protestado quando Napoleão abolira as Assembleias levantaram a voz timidamente, mas foram silenciados de imediato pelo rosnar dos cães. E logo, como sempre, as ovelhas baliram "Quatro patas bom, duas pernas ruim" e o momentâneo mal-estar se diluiu. Finalmente, Napoleão levantou a pata pedindo silêncio e anunciou que já fizera todos os arranjos. Não haveria necessidade de nenhum bicho entrar em contato com seres humanos, o que seria, é claro, extremamente indesejável. Ele carregaria o fardo nos próprios ombros. Um tal sr. Whymper, procurador que vivia em Willingdon, concordara em servir de intermediário entre a Granja dos Bichos e o mundo exterior, e viria à granja toda segunda de manhã para receber instruções. Napoleão terminou seu discurso com seu grito habitual: "Vida longa para a Granja dos Bichos!", e após cantarem "Bichos da Inglaterra" os animais foram dispensados.

Mais tarde, Futrica fez um giro na granja e acalmou os bichos. Garantiu que as resoluções de não se envolver em comércio e não usar dinheiro nunca haviam sido estabelecidas ou sequer sugeridas. Era imaginação pura, talvez originada pelas mentiras espalhadas por Bola de Neve. Alguns bichos ainda duvidavam vagamente, mas Futrica, sempre esperto, perguntou-lhes: "Vocês têm certeza, companheiros, de que isso não é um devaneio? Vocês têm algum registro dessas resoluções? Está escrito em alguma parte?". E sendo verdade absoluta que nada disso fora escrito, os bichos ficaram contentes por terem se enganado.

Toda segunda o sr. Whymper visitava a granja conforme combinado. Era um homem baixinho de aspecto dissimulado e costeletas, um procurador de pequenas causas, mas suficientemente esperto

para perceber antes de qualquer outro que a Granja dos Bichos ia precisar de um representante e que as comissões não seriam desprezíveis. Os bichos observavam suas idas e vindas com uma espécie de medo, e o evitavam sempre que possível. Assim mesmo, a visão de Napoleão bem plantado sobre as quatro patas, dando ordens a Whymper de pé sobre duas pernas, estimulava seu orgulho e os reconciliava parcialmente com a nova situação. Suas relações com a raça humana eram agora ligeiramente diferentes. Os seres humanos não odiavam menos a Granja dos Bichos, agora que prosperava; de fato, a odiavam ainda mais. Todo ser humano tinha como artigo de fé que, cedo ou tarde, a granja iria à falência e, sobretudo, que o moinho de vento seria um fracasso. Eles se encontravam em bares e demonstravam uns aos outros, com planilhas em punho, que o moinho estava destinado a desabar ou que, mesmo de pé, jamais funcionaria. A contragosto, porém, havia se estabelecido um certo respeito pela eficiência com que os bichos administravam seus assuntos. Sintoma disso era que tinham começado a chamar a Granja dos Bichos por seu próprio nome, parando de fingir que continuava sendo a Granja da Mansão. Deixaram também de defender Jones, que, perdida a esperança de recuperar sua granja, fora viver em outra parte do condado. A não ser através de Whymper, ainda não havia contato entre a Granja dos Bichos e o mundo exterior, mas corriam insistentes boatos de que Napoleão estava prestes a entrar em um acordo definitivo de negócios ou com o sr. Pilkington de Foxwood ou com o sr. Frederick de Pinchfield — mas comentou-se que nunca com os dois ao mesmo tempo.

Foi mais ou menos por essa época que os porcos se mudaram de repente para a mansão e ali se estabeleceram. Novamente os bichos pareceram lembrar-se de que uma resolução contra isso fora adotada no passado, e novamente Futrica conseguiu convencê-los de que não se tratava disso. Era absolutamente necessário, disse, que

os porcos, cérebro da granja, tivessem um lugar calmo para trabalhar. E também estava mais de acordo com a dignidade do Líder (nos últimos tempos havia começado a referir-se a Napoleão com o título de "Líder") morar numa casa do que num mero chiqueiro. Ainda assim, alguns bichos se aborreceram ao saber que os porcos não só faziam suas refeições na cozinha e usavam a sala como espaço de lazer, como dormiam nas camas. Tufão resolveu o assunto com o costumeiro "Napoleão está sempre certo!". Mas Formosa, que acreditava lembrar-se de uma regra categórica contra camas, foi para o fundo do celeiro e tentou decifrar os Sete Mandamentos escritos ali. Percebendo sua incapacidade de ler mais do que algumas letras, foi buscar Margarida.

— Margarida — disse —, leia para mim o Quarto Mandamento. Não diz qualquer coisa como nunca dormir em cama?

Com alguma dificuldade, Margarida soletrou.

— Diz "Nenhum bicho dormirá em cama com lençóis" — declarou afinal.

Era estranho, Formosa não se lembrava do Quarto Mandamento mencionar lençóis; mas já que estava ali, na parede, devia ser isso mesmo. E Futrica, que passava naquele exato momento, escoltado por dois ou três cães, botou a questão toda em justa perspectiva.

— Então, vocês ouviram, companheiros — disse —, que os porcos agora dormem nas camas da mansão? E por que não? Com certeza, vocês não imaginaram que houvesse uma regra contra camas? Uma cama é apenas um lugar de dormir. Um monte de feno na cavalariça é considerado uma cama. A regra era contra lençóis que são uma invenção humana. Nós tiramos os lençóis das camas da mansão e dormimos entre cobertores. E que camas confortáveis são aquelas! Porém, não mais confortáveis do que o necessário, eu garanto, companheiros, com todo o trabalho intelectual que se exige de nós nesses dias. Vocês não nos privariam do nosso descanso, privariam, companheiros?

Vocês não iam querer nos deixar cansados demais para cumprir nossos deveres? Com certeza nenhum de vocês quer ver Jones de volta?

Os bichos o tranquilizaram imediatamente e nada mais foi dito sobre os porcos dormirem nas camas da mansão. E quando, alguns dias mais tarde, foi anunciado que a partir de agora os porcos se levantariam de manhã uma hora depois dos outros bichos, também não se ouviu nenhuma queixa.

Chegando o outono, os bichos estavam cansados mas felizes. Haviam tido um ano duro e, após a venda de parte do feno e do milho, as reservas de comida para o inverno não podiam ser consideradas excelentes, mas o moinho compensava qualquer sacrifício. Já estava quase construído até a metade. Após a colheita, o tempo se manteve seco e claro e os bichos trabalharam mais que de costume, achando que valia a pena mourejar o dia inteiro arrastando blocos de pedra se era para acrescentar alguns centímetros às paredes. Tufão chegou até a sair de noite para trabalhar por conta própria uma ou duas horas à luz da lua. Nos momentos livres os bichos andavam ao redor do moinho inacabado, admirando a robustez e o prumo das paredes e surpresos de terem conseguido construir algo tão imponente. Só o velho Benjamin não se entusiasmava com o moinho, embora, como de costume, não dissesse nada além da sua hermética observação a respeito da longa vida dos burros.

Novembro chegou, trazendo os raivosos ventos sudoeste. A obra teve que parar porque agora estava úmido demais para misturar cimento. E chegou uma noite de tempestade tão violenta que os alicerces das instalações da granja tremeram e várias telhas do celeiro voaram. As galinhas acordaram cacarejando em pânico porque, todas ao mesmo tempo, haviam sonhado com um tiro distante de espingarda. De manhã os bichos saíram de seus currais e viram que o mastro estava no chão e um olmo na beira do pomar havia sido arrancado como um rabanete. Estavam acabando de verificar esses estragos

quando um grito de desespero irrompeu da garganta de cada bicho. Seus olhos haviam dado com a visão aterrorizante. O moinho estava em ruínas.

Num só acordo, precipitaram-se para lá. Napoleão, que raramente alterava o passo, correu à frente de todos. Sim, ali estava o fruto de todas as suas lutas reduzido ao nível dos alicerces, as pedras que haviam quebrado e carregado com tanto trabalho, espalhadas ao redor. A princípio incapazes de falar, ficaram olhando pesarosos a camada de pedras caídas. Napoleão andava de um lado a outro em silêncio, farejando o chão de vez em quando. Seu rabicho estava enrijecido e se agitava nervoso, o que nele indicava intensa atividade mental. De repente, parou como se tivesse tomado uma decisão.

— Companheiros — disse em voz baixa —, sabem quem é o responsável por isso? Sabem quem foi o inimigo que veio durante a noite e derrubou nosso moinho? BOLA DE NEVE! — rosnou subitamente com voz de trovão. — Bola de Neve foi o autor disso! De pura perversidade, achando que aniquilar nosso projeto o vingaria da expulsão vergonhosa, esse traidor rastejou até aqui encoberto pela noite e destruiu nosso trabalho de quase um ano. Companheiros, aqui e agora, eu pronuncio a sentença de morte de Bola de Neve. A medalha "Bicho Herói, Segunda Classe" e meio alqueire de maçãs para qualquer bicho que fizer justiça. E um alqueire inteiro para quem o capturar vivo!

Os animais ficaram abaladíssimos ao saber que até Bola de Neve poderia ser culpado de um ato semelhante. Houve um grito de indignação e cada um começou a pensar de que modo pegaria Bola de Neve se jamais voltasse. Quase imediatamente as pegadas de um porco foram descobertas na grama a pouca distância do morro. Só estavam evidentes por alguns metros, mas pareciam levar a um buraco na sebe. Napoleão as cheirou com força e as declarou pertencentes a Bola de Neve. Na sua opinião Bola de Neve parecia ter vindo da direção da Granja de Foxwood.

— Sem mais demoras, companheiros! — gritou Napoleão depois de as pegadas terem sido examinadas. — Temos trabalho a fazer. Agora mesmo, de manhã, começamos a reconstruir o moinho e o construiremos durante todo o inverno, chova ou faça sol. Ensinaremos a este traidor miserável que ele não pode desfazer nosso trabalho tão facilmente. Lembrem-se, companheiros, nada deve alterar nossos planos: eles serão realizados até o fim. Adiante, companheiros! Vida longa ao moinho! Vida longa à Granja dos Bichos!

7

Foi um inverno implacável. Às tempestades seguiram-se granizo e neve, depois o gelo, que só começou a derreter lá pelo fim de fevereiro. Os bichos iam tocando a reconstrução do moinho da melhor maneira possível, sabendo que o mundo exterior estava de olho neles e que os invejosos seres humanos comemorariam triunfantes caso o moinho não fosse acabado a tempo.

Por despeito, os humanos fingiam não acreditar que Bola de Neve tivesse destruído o moinho: diziam que havia desabado porque as paredes eram muito finas. Os bichos sabiam que não era essa a razão. Assim mesmo, decidiram que as paredes seriam construídas com quase um metro de espessura, em vez dos quarenta e cinco centímetros anteriores, o que exigiria uma quantidade bem maior de pedras. Durante muito tempo a pedreira ficou embaixo da neve e nada pôde ser feito. Algum progresso foi possível no tempo gelado e seco que se seguiu, mas era um trabalho cruel e os bichos não conseguiam ter nele a mesma esperança que haviam tido anteriormente. Estavam sempre com frio e, em geral, com fome. Só Tufão e Formosa nunca desanimavam. Futrica fez excelentes discursos sobre o prazer de ser útil e a dignidade do trabalho, mas os outros bichos encontravam mais inspiração na força de Tufão e no seu infalível grito: “Eu vou trabalhar ainda mais!”.

Em janeiro a comida diminuiu. A ração de milho teve que ser drasticamente reduzida, e foi anunciado que uma ração extra de batatas seria distribuída para compensar. Descobriu-se, então, que a maior parte da colheita de batatas havia congelado nas pilhas, que não tinham sido suficientemente protegidas. As batatas estavam moles e desbotadas e só algumas eram comestíveis. Durante dias os bichos não tiveram nada para comer além de farelo e beterrabas. A inanição parecia encará-los.

Era vital esconder este fato do mundo exterior. Encorajados pelo colapso do moinho, os humanos estavam inventando novas mentiras sobre a Granja dos Bichos. Mais uma vez, diziam que todos os animais estavam morrendo de fome e doença, que brigavam o tempo todo entre si e haviam apelado para o canibalismo e o infanticídio. Napoleão estava perfeitamente consciente dos maus resultados que enfrentariam caso a verdadeira situação da comida fosse conhecida, e havia decidido utilizar o sr. Whymper para espalhar impressão contrária. Até então, os bichos pouco ou nenhum contato tinham com Whymper em suas visitas semanais: agora, porém, alguns bichos selecionados, sobretudo ovelhas, foram instruídos para fazer chegar casualmente aos ouvidos dele que as rações haviam sido aumentadas. Para completar, Napoleão mandou que as tulhas quase vazias dos depósitos fossem enchidas de areia até abaixo do topo e, em seguida, cobertas com sobras de grãos e de fubá. Com um pretexto aceitável, Whymper foi levado a percorrer o galpão e pôde dar uma olhada nos depósitos. Ficou desapontado, e continuou informando ao mundo exterior que não faltava comida na Granja dos Bichos.

Apesar disso, lá pelo fim de janeiro ficou evidente que seria necessário conseguir mais cereais em alguma parte. Nessa época, Napoleão aparecia raramente em público, passava o tempo todo na mansão defendida em cada porta por cães de aspecto feroz. Quando

surgia, era de maneira cerimonial, com uma escolta de seis cães que o rodeavam de perto e rosnavam se alguém se aproximasse. Com frequência deixava de aparecer nas manhãs de domingo e mandava suas ordens por um dos outros porcos, em geral Futrica.

Num domingo de manhã Futrica anunciou que as galinhas, que fazia pouco haviam recomeçado a botar, deveriam entregar seus ovos. Napoleão assinara, através de Whymper, um contrato de quatrocentos ovos por semana. O preço deles pagaria os cereais e o fubá necessários para sustentar a granja até a chegada do verão e de melhores condições.

Ao ouvirem isso, as galinhas desandaram numa tremenda algazarra. Avisadas antes de que esse sacrifício poderia ser necessário, não acreditavam que viesse a acontecer. Estavam se preparando para chocar na primavera e protestaram dizendo que tirar os ovos agora era assassinato. Pela primeira vez desde a expulsão de Jones, houve algo parecido com uma revolta. Lideradas por três jovens frangas, as galinhas fizeram um supremo esforço para contrariar o desejo de Napoleão. O método que usaram foi voar para os caibros e dali botar seus ovos, que se estatelavam no chão. Napoleão agiu rapidamente e sem piedade. Mandou suspender a ração das galinhas e decretou que qualquer bicho que desse um só grão de milho para elas seria punido com a morte. Os cães cuidaram para que essas ordens fossem cumpridas. As galinhas aguentaram durante cinco dias, depois capitularam e voltaram para seus ninhos. Nove galinhas haviam morrido. Seus corpos foram enterrados no pomar e foi dito que tinham morrido de coccidiose. Whymper não soube nada do caso e os ovos foram entregues como combinado, o furgão indo à granja uma vez por semana para buscá-los.

Enquanto isso, não houve mais notícias de Bola de Neve. Circulavam rumores de que estava escondido em uma das granjas vizinhas, Foxwood ou Pinchfield. Nessa época, Napoleão se dava

um pouco melhor com os outros granjeiros. Acontece que no pátio tinha uma pilha de madeira, estocada havia dez anos quando um pequeno bosque de faias fora abatido. Estava bem curtida, e Whymper aconselhara Napoleão a vendê-la; tanto Pilkington quanto Frederick estavam interessados na compra. Napoleão hesitava entre os dois, incapaz de se decidir. Foi observado que sempre que parecia a ponto de fechar acordo com Frederick, dizia-se que Bola de Neve estava escondido em Foxwood, ao passo que quando se inclinava por Pilkington, murmurava-se que Bola de Neve estava em Pinchfield.

De repente, no começo da primavera, descobriu-se uma coisa alarmante. Bola de Neve estava frequentando a granja em segredo, durante a noite! Os bichos ficaram tão perturbados que mal conseguiam dormir em suas baias. Todas as noites, foi dito, ele rastejava acobertado pela escuridão e fazia todo tipo de perversidade. Roubava milho, entornava os baldes de leite, quebrava os ovos, pisoteava os viveiros de sementes, roía a casca das árvores frutíferas. Sempre que alguma coisa dava errado, virou hábito atribuí-la a Bola de Neve. Se uma janela quebrava ou um dreno entupia, era certo alguém dizer que Bola de Neve fizera aquilo numa invasão noturna e, quando se perdeu a chave do galpão, a granja inteira teve certeza de que Bola de Neve a tinha jogado no poço. Estranhamente, continuaram acreditando nisso, mesmo depois de a chave ter sido encontrada debaixo de um saco de fubá. As vacas declararam enfurecidas que Bola de Neve rastejava para dentro dos seus currais e as ordenhava no sono. Os ratos, que naquele inverno haviam dado problemas, foram acusados de aliança com Bola de Neve.

Napoleão decretou que haveria ampla investigação a respeito das atividades de Bola de Neve. Rodeado por seus cães, saiu e fez uma rigorosa inspeção nas instalações da granja, enquanto os outros bichos o acompanhavam a respeitosa distância. Napoleão dava alguns passos e parava para farejar o chão em busca de pega-

das de Bola de Neve, que dizia reconhecer pelo cheiro. Cheirou cada canto, no celeiro, nas estrebarias das vacas, no galinheiro, na horta, e achou sinais de Bola de Neve em quase todo lugar. Grudava o focinho no chão, inspirava fundo várias vezes e exclamava em voz terrível: “Bola de Neve! Ele esteve aqui! Posso farejá-lo nitidamente!”, e a cada vez que dizia “Bola de Neve” os cães soltavam rosnados de arrepiar e mostravam os dentes.

Os bichos estavam aterrorizados. Viam Bola de Neve como um tipo de influência invisível, impregnando o ar acima de suas cabeças e ameaçando-os com toda sorte de perigos. À tarde Futrica os reuniu e, com expressão alarmada, disse que tinha notícias sérias a transmitir.

— Companheiros! — gritou Futrica, dando pulinhos nervosos —, descobriu-se uma coisa terrível. Bola de Neve se vendeu a Frederick, da Granja Pinchfield, que agora mesmo está conspirando para nos atacar e tomar nossa granja! Bola de Neve será o guia quando o ataque começar. Mas há coisa pior ainda. Nós pensávamos que a revolta de Bola de Neve fosse causada simplesmente por sua vaidade e ambição. Mas estávamos enganados, companheiros. Vocês sabem qual era a verdadeira razão? Bola de Neve estava mancomunado com Jones desde o começo! Ele era o agente secreto de Jones o tempo todo. Isso está provado em documentos que deixou para trás e que acabamos de descobrir. Para mim isso explica muita coisa, companheiros. Não vimos com nossos próprios olhos como tentou, por sorte, sem sucesso, que fôssemos derrotados e destruídos na Batalha do Curral?

Os bichos estavam estupefatos. Essa maldade de Bola de Neve superava largamente a destruição do moinho. Mas demoraram alguns minutos para absorvê-la por completo. Todos se lembravam, ou consideravam se lembrar, de ter visto Bola de Neve comandar o ataque na Batalha do Curral, tê-los reunido e encorajado a cada investida, e como ele não descansara nem um instante, mesmo quando

ferido no dorso pelas balas de Jones. A princípio foi um pouco difícil entender como isso se encaixava com ele sendo cúmplice de Jones. Mesmo Tufão, que raramente fazia perguntas, estava intrigado. Deitou-se, puxou para debaixo do corpo as patas dianteiras, fechou os olhos e com grande esforço conseguiu expor seus pensamentos.

— Não acredito nisso — disse. — Bola de Neve lutou corajosamente na Batalha do Curral. Eu mesmo o vi. Então, não lhe concedemos "Bicho Herói, Primeira Classe", logo em seguida?

— Esse foi nosso erro, companheiro. Porque sabemos agora, está tudo escrito no documento secreto que achamos, que na realidade ele estava tentando nos conduzir à tragédia.

— Mas ele foi ferido — disse Tufão. — Nós todos o vimos correr ensanguentado.

— Isso era parte do acerto! — gritou Futrica. — O tiro de Jones só roçou nele. Eu poderia mostrar a vocês isso tudo na caligrafia dele, se soubessem ler. O plano era que, no momento crítico, Bola de Neve desse o sinal de retirada deixando o campo para o inimigo. E só por pouco ele não o conseguiu, e vou dizer mais, companheiros, ele TERIA conseguido não fosse por nosso heroico Líder, o Companheiro Napoleão. Vocês não se lembram de como, no exato momento em que Jones e seus homens entraram no pátio, Bola de Neve se voltou de repente e fugiu, seguido por muitos bichos? E vocês também não se lembram de que foi justamente naquele momento, quando o pânico se espalhava e tudo parecia perdido, que o Companheiro Napoleão pulou à frente com o grito "Morte à Humanidade" e cravou os dentes na perna de Jones? Com certeza vocês lembram DISSO, companheiros? — exclamou Futrica saltitando de um lado a outro.

Agora, com Futrica descrevendo a cena de maneira tão visível, parecia aos bichos que sim, se lembravam dela. De qualquer modo, lembravam-se de que no momento crítico Bola de Neve voltara-se para fugir. Mas Tufão ainda estava meio contrafeito.

— Eu não acredito que Bola de Neve fosse um traidor no começo — disse, afinal. — O que ele fez depois é diferente. Mas acho que na Batalha do Curral foi um bom companheiro.

— Nosso Líder, Companheiro Napoleão — anunciou Futrica com voz pausada e firme —, declarou categoricamente, categoricamente, companheiros, que Bola de Neve era um agente de Jones desde o começo, sim, e muito antes de sequer pensarmos em Revolução.

— Ah, isso é diferente! — disse Tufão. — Se é o que diz o Companheiro Napoleão, deve estar certo.

— Este é o verdadeiro espírito, companheiro! — exclamou Futrica, mas todos repararam no olhar perverso que seus olhinhos pestanejantes lançaram sobre Tufão. Voltou-se para ir embora, fez uma pausa e acrescentou enfaticamente: — Aviso a todos os bichos desta granja para manterem os olhos bem abertos. Porque temos razões para acreditar que alguns dos agentes secretos de Bola de Neve estão à espreita entre nós neste momento!

Quatro dias depois, no fim da tarde, Napoleão mandou todos os bichos se reunirem no pátio. Quando todos estavam reunidos, Napoleão surgiu da mansão, ostentando suas duas medalhas (pois recentemente atribuíra a si mesmo "Bicho Herói, Primeira Classe" e "Bicho Herói, Segunda Classe"), com seus nove cães enormes pulando ao redor e soltando rosnados que davam calafrios nos outros bichos. Todos se encolheram silenciosamente em seus lugares e pareciam prever que algo terrível estava prestes a acontecer.

Napoleão parou controlando severamente sua audiência; então emitiu um som alto e estridente. Imediatamente os cães lançaram-se à frente, abocanharam quatro porcos pelas orelhas e os arrastaram, ganindo de dor e pavor, até os pés de Napoleão. As orelhas dos porcos sangravam, os cães haviam provado sangue e por alguns momentos pareceram enlouquecidos. Para assombro de todos, três deles se atiraram sobre Tufão. Tufão os viu chegar e adiantou seu casco poderoso, acertou um cão no

ar e o prendeu no chão. O cão ganiu pedindo piedade e os outros dois fugiram com o rabo entre as pernas. Tufão olhou para Napoleão para saber se devia esmagar o cão até a morte ou deixá-lo ir. Napoleão pareceu mudar de ideia e, rispidamente, mandou Tufão deixar o cão, após o que Tufão levantou o casco e o cão machucado se arrastou ganindo.

O tumulto cessou. Os quatro porcos esperavam, trêmulos, a culpa escrita em cada linha do semblante. Napoleão agora os instava a confessar seus crimes. Eram os mesmos quatro porcos que haviam protestado quando Napoleão abolira as Assembleias do Domingo. Sem mais solicitação confessaram ter estado em contato secreto com Bola de Neve desde a sua expulsão, terem colaborado na destruição do moinho, e feito um acordo com ele para entregar a Granja dos Bichos a Frederick. Acrescentaram que Bola de Neve havia admitido para eles ter sido agente secreto de Jones por muitos anos. Quando acabaram a confissão, os cães estraçalharam imediatamente suas gargantas, e em voz terrível Napoleão perguntou se algum outro bicho tinha alguma coisa a confessar.

As três galinhas que haviam liderado a tentativa de revolta na questão dos ovos fizeram-se à frente e testemunharam que Bola de Neve havia aparecido em seus sonhos incitando-as a desobedecer às ordens de Napoleão. Elas também foram trucidadas. Em seguida, um ganso avançou e confessou ter escondido seis espigas de milho durante a colheita do ano anterior e tê-las comido durante a noite. Depois uma ovelha confessou ter urinado no açude — levada a fazer isso, segundo disse, por Bola de Neve — e mais duas ovelhas confessaram ter matado um velho carneiro, especialmente devotado seguidor de Napoleão, perseguindo-o ao redor de uma fogueira quando ele estava com tosse. Foram todos mortos no ato. E a sequência de confissões e execuções prosseguiu, até uma pilha de cadáveres se acumular aos pés de Napoleão e o ar ficar denso com o cheiro de sangue, coisa que não se via desde a expulsão de Jones.

Quando tudo acabou, os animais que sobravam, exceto os porcos e os cães, arrastaram-se em bando. Estavam abalados e infelizes. Não sabiam o que era mais chocante — a traição dos bichos que haviam se aliado a Bola de Neve, ou a cruel retribuição que acabavam de presenciar. No passado, cenas igualmente terríveis e sangrentas eram frequentes, mas todos acharam muito pior agora quando acontecia entre eles. Desde que Jones deixara a granja, até aquele momento, nenhum bicho havia matado outro bicho. Nem mesmo um rato fora morto. Eles caminharam até o morrinho onde se erguia o moinho inacabado e, num acordo mútuo, se deitaram amontoados em busca de calor — Formosa, Margarida, Benjamin, as vacas, as ovelhas, e um bando de gansos e galinhas — todos, de fato, menos a gata, que havia desaparecido de repente, antes de Napoleão ordenar a reunião dos bichos. Durante algum tempo, ninguém falou. Só Tufão continuava de pé. Andava desassossegado de um lado a outro, chicoteando os flancos com a longa cauda preta e emitindo de vez em quando um pequeno relincho de surpresa. Afinal, disse:

— Não estou entendendo. Não teria acreditado que coisas como essas pudessem acontecer na nossa granja. Deve ser por causa de alguma falha nossa. A solução, do meu ponto de vista, é trabalhar ainda mais. De agora em diante, levantarei de manhã uma hora antes.

E com seu trote pesado se dirigiu à pedreira. Chegando lá, recolheu dois lotes de pedra e os arrastou até o moinho antes de recolher-se para a noite.

Os bichos se juntaram em silêncio ao redor de Formosa. Do morrinho onde estavam deitados tinham uma visão ampla da região. Podiam ver a maior parte da Granja dos Bichos — o grande pasto chegando até a estrada principal, o campo de feno, o bosquezinho, o açude, os campos arados onde o trigo jovem e forte verdejava, e os telhados vermelhos das construções da granja com a fumaça saindo das chaminés. Era uma tarde clara de primavera. A grama

e as sebes fartas luziam douradas pelos raios horizontais do sol. Nunca a granja — e com uma espécie de surpresa se lembraram de que era deles mesmos, cada centímetro lhes pertencia — pareceu aos bichos lugar tão desejável. Olhando encosta abaixo, Formosa sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Se pudesse externar seus pensamentos, teria sido para dizer que não era isso que eles desejavam quando, anos atrás, haviam determinado destronar a raça humana.

Essas cenas de terror e massacre não eram o que buscavam na noite em que, pela primeira vez, o velho Major os instigara à rebelião. Se ela imaginara o futuro, era como uma sociedade de bichos livres da fome e do chicote, todos iguais, cada qual trabalhando de acordo com sua capacidade, os fortes protegendo os fracos, assim como ela havia protegido com sua pata o bando de patinhos perdidos na noite do discurso do Major.

Em vez disso — ela não sabia por quê —, haviam desembocado num tempo em que ninguém ousava falar o que lhe ia na cabeça, com cães ferozes que rondavam rosnando por toda parte, e era-se obrigado a ver os companheiros sendo feitos em pedaços após confessarem crimes chocantes.

Nenhum pensamento de revolta ou desobediência a habitava. Sabia que, mesmo as coisas sendo desse jeito, eles estavam bem melhor do que nos tempos de Jones e que, antes de mais nada, era preciso impedir a volta dos seres humanos. O que quer que acontecesse, ela continuaria fiel, trabalharia pesado, obedeceria às ordens que lhe dessem e aceitaria a liderança de Napoleão. Ainda assim, não era para isso que ela e todos os outros bichos haviam esperado e trabalhado. Não era para isso que haviam construído o moinho e enfrentado as balas da espingarda de Jones. Esses eram seus pensamentos, embora não tivesse as palavras para expressá-los.

Afinal, sentindo que assim substituiria as palavras que não conseguia achar, começou a cantar “Bichos da Inglaterra”. Os outros animais que a rodeavam acrescentaram suas vozes e, todos juntos,

cantaram a canção três vezes — muito harmoniosos, mas lenta e tristemente como nunca a haviam cantado antes.

Tinham acabado de cantá-la pela terceira vez quando Futrica, escoltado por dois cães, se aproximou com ar de ter alguma coisa importante a dizer. Anunciou que, por decreto especial do Companheiro Napoleão, "Bichos da Inglaterra" havia sido abolida. De agora em diante era proibido cantá-la.

Os bichos ficaram desconcertados.

— Por quê? — exclamou Margarida.

— Não é mais necessária, companheiros — disse Futrica em tom duro. — "Bichos da Inglaterra" foi a canção da Revolução. Mas agora a Revolução está concluída. A execução dos traidores hoje à tarde foi o ato final. O inimigo externo e interno foi derrotado. Em "Bichos da Inglaterra" externávamos nosso anseio por uma sociedade melhor no futuro. Mas agora esta sociedade já é uma realidade. Evidentemente essa canção não tem mais nenhum sentido.

Mesmo assustados como estavam, alguns bichos poderiam ter protestado, mas as ovelhas começaram imediatamente a balir o costumeiro "Quatro patas bom, duas pernas ruim", que prosseguiu durante alguns minutos e encerrou a discussão.

Foi assim que "Bichos da Inglaterra" nunca mais foi ouvida. Em seu lugar, Mínimo, o poeta, havia composto outra canção cujo começo dizia:

Granja dos Bichos, Granja dos Bichos,
nunca permitirei que mal te façam!

E que era cantada todo domingo de manhã após o hasteamento da bandeira.

De alguma maneira, porém, os animais jamais acharam que as palavras ou a música se igualassem a "Bichos da Inglaterra".

Alguns dias mais tarde, quando o terror causado pelas execuções havia diminuído, alguns bichos se lembraram — ou pensaram se lembrar — que o Sexto Mandamento decretava "Nenhum bicho matará qualquer outro bicho". E, apesar de ninguém tê-lo mencionado para que não chegasse ao ouvido de porcos ou cachorros, consideraram que a matança realizada não se enquadrava nisso. Formosa pediu a Benjamin que lesse para ela o Sexto Mandamento e quando Benjamin, como de costume, disse que não queria se meter nesses assuntos, ela foi buscar Margarida. E Margarida leu para ela o Mandamento. Dizia: "Nenhum bicho matará qualquer outro bicho SEM MOTIVO". De uma forma ou de outra, as duas últimas palavras haviam se diluído na memória dos bichos. Mas eles viam agora que o Mandamento não fora transgredido: pois eram evidentes as boas razões para matar os traidores que haviam se associado a Bola de Neve.

No decorrer do ano os bichos trabalharam até mais duro do que haviam trabalhado no ano anterior. Reconstruir o moinho, com paredes duas vezes mais largas, e acabá-lo na data marcada, além das tarefas regulares da granja, exigiu esforço tremendo. Houve momentos em que pareceu aos bichos estarem trabalhando mais e comendo o mesmo que nos tempos de Jones. Nas manhãs de

domingo, Futrica, segurando com a pata uma longa tira de papel, lia para eles números e mais números provando que a produção de todo tipo de alimento havia aumentado duzentos por cento, trezentos por cento, ou quinhentos por cento de acordo com o caso. Os bichos não viam motivo para duvidar, sobretudo porque já não se lembravam claramente das condições anteriores à Revolução. Ainda assim, havia dias em que sentiam que faltava pouco para preferirem menos números e mais comida.

Agora, todas as ordens eram transmitidas através de Futrica ou de um dos outros porcos. Napoleão só era visto em público uma vez a cada quinze dias. Quando aparecia, vinha acompanhado não apenas por sua comitiva de cães, como também por um galo preto que marchava à sua frente e atuava como uma espécie de trombeteiro, emitindo um alto cocoricó antes de Napoleão falar. Até na mansão, dizia-se, Napoleão ocupava cômodos privativos. Fazia as refeições sozinho, servido por dois cães, e comia sempre no serviço de cerimônia, antes guardado na cristaleira da sala. Foi anunciado também que todo ano a espingarda seria disparada no dia do aniversário de Napoleão, assim como nos outros dois aniversários.

Agora ninguém falava dele simplesmente como “Napoleão”. As referências eram sempre em estilo formal como “nosso Líder, o Companheiro Napoleão” e os porcos gostavam de inventar para ele títulos como Pai de Todos os Bichos, Terror da Raça Humana, Protetor do Redil, Amigo dos Patinhos e similares. Em seus discursos, Futrica, com lágrimas rolando pelo focinho, falava da sabedoria de Napoleão, da bondade do seu coração, do amor profundo que tinha por qualquer animal, até e sobretudo pelos bichos infelizes que ainda viviam em ignorância e escravidão nas outras granjas. Havia se tornado hábito creditar a Napoleão qualquer sucesso e qualquer golpe de sorte. Era comum ouvir uma galinha dizer a outra: “Sob a orientação do nosso Líder, o Companheiro Napoleão, botei cinco

ovos em seis dias"; ou duas vacas exclamarem enquanto se abebe-ravam: "Graças à liderança do Companheiro Napoleão, que gosto delicioso tem esta água!". O espírito geral da granja era traduzido num poema intitulado "Companheiro Napoleão", composto por Mínimo, que dizia o seguinte:

Amigo dos órfãos!
Fonte de felicidade!
Senhor do balde de lavagem! Oh, como minha alma
se inflama quando tenho à minha frente
seu olhar calmo e combatente,
como um sol iluminante,
Companheiro Napoleão!
Você é o provedor
de tudo o que se ama,
pança cheia a cada dia e
uma boa cama de palha;
todo bicho, grande ou pequeno,
dorme na sua baia e come feno
enquanto o Companheiro Napoleão
em tudo presta atenção!
Tivesse eu um leitão,
antes que crescesse como um garrafão
ou até como um rolo de massa,
aprenderia a ser
fiel, leal, em eterna devoção,
e seu primeiro guincho seria
"Companheiro Napoleão!"

Napoleão aprovou o poema e mandou escrevê-lo na parede do celeiro, do lado oposto ao dos Sete Mandamentos. Estava encimado por um retrato de Napoleão, de perfil, executado em tinta branca por Futrica.

Enquanto isso, através de Whymper, Napoleão envolvera-se em complicadas negociações com Frederick e Pilkington. A pilha de madeira ainda não havia sido vendida. Dos dois, Frederick era o mais ansioso para pôr as mãos nela, mas não queria oferecer um preço razoável. Paralelamente, corriam novos boatos de que Frederick e seus homens planejavam atacar a Granja dos Bichos e destruir o moinho cuja construção despertara nele tremenda inveja. Sabia-se que Bola de Neve continuava escondido em Pinchfield. No meio do verão os bichos ficaram apreensivos ao ouvir que três galinhas haviam se apresentado para confessar que, influenciadas por Bola de Neve, haviam participado de um complô para assassinar Napoleão. Foram executadas imediatamente e novas precauções para garantir a segurança de Napoleão foram tomadas. Quatro cães defendiam sua cama à noite, um em cada canto, e um jovem porco de nome Rosado foi encarregado de provar qualquer comida antes dele, para evitar seu envenenamento.

Quase ao mesmo tempo foi revelado que Napoleão acertara a venda da madeira com o sr. Pilkington; e que também faria negócios regulares para troca de certos produtos entre a Granja dos Bichos e Foxwood. A relação entre Napoleão e Pilkington, embora realizada somente através de Whymper, estava agora quase amigável. Os bichos não confiavam em Pilkington por ser ele um humano, mas o preferiam muito a Frederick, que odiavam e temiam ao mesmo tempo. À medida que o verão ia passando e a construção do moinho se aproximava do fim, os boatos de um ataque iminente e traiçoeiro se multiplicavam. Dizia-se que Frederick planejava enfrentá-los com vinte homens, todos armados de espingardas, e que já havia

subornado magistrados e polícia, de forma que, se conseguisse botar a mão na escritura de propriedade da Granja dos Bichos, eles não se intrometeriam. Além disso, circulavam histórias terríveis vindas de Pinchfield sobre as crueldades a que Frederick submetia seus animais. Havia chicoteado um velho cavalo até o último alento, deixava as vacas morrerem de fome, assassinara um cachorro atirando-o numa fornalha e se divertia à noite assistindo a brigas de galos em cujos esporões prendia lâminas de barbear. O sangue dos bichos fervia de ódio quando ouviam essas coisas cometidas contra seus companheiros, e algumas vezes vociferaram pedindo permissão para sair em bando e atacar Pinchfield, arrastar para fora os humanos e libertar os animais. Mas Futrica os aconselhou a evitar ações precipitadas e a confiar na estratégia do Companheiro Napoleão.

Apesar disso, o ódio contra Frederick continuava aumentando. Um domingo de manhã, Napoleão apareceu no celeiro e explicou que nunca, jamais, havia pensado em vender a pilha de madeira para Frederick; considerava abaixo da sua dignidade, disse, negociar com semelhante canalha. Os pombos, que ainda estavam sendo enviados para espalhar notícias da Revolução, foram proibidos de pousar em qualquer ponto de Foxwood e receberam ordens para trocar seu *slogan* anterior, “Morte à Humanidade”, por “Morte a Frederick”. No fim do verão, outra conspiração de Bola de Neve foi revelada. A colheita do trigo estava cheia de ervas daninhas e descobriu-se que, numa de suas visitas noturnas, Bola de Neve havia misturado sementes de ervas daninhas com as de milho. Um ganso que participara do complô confessou sua culpa a Futrica e suicidou-se imediatamente engolindo frutinhas venenosas. Os bichos também souberam que Bola de Neve nunca fora condecorado — como muitos deles acreditavam até então — com a ordem “Bicho Herói, Primeira Classe”. Era apenas uma lenda criada pelo próprio Bola de Neve, pouco tempo depois da Batalha do Curral. Em vez de ser condecorado, havia sido

repreendido por demonstrar covardia na batalha. Mais uma vez, alguns dos animais ouviram isso com certa perplexidade, mas Futrica logo os convenceu de que a memória lhes pregava peças.

No outono, com tremendo, exaustivo esforço — pois a colheita tinha que ser feita quase ao mesmo tempo —, o moinho foi concluído. Faltava instalar o maquinário, e Whymper negociava sua compra, mas a estrutura estava completa. A despeito de todas as dificuldades, apesar da inexperiência, das ferramentas primitivas, da falta de sorte e da traição de Bola de Neve, o trabalho havia sido finalizado exatamente na data marcada! Esgotados mas orgulhosos, os bichos andavam ao redor da sua obra-prima e lhes parecia ainda mais bonita do que quando a construíram da primeira vez. Além disso, as paredes tinham o dobro da largura anterior. Só explosivos as derrubariam agora! E quando pensavam no trabalho que dera, no desânimo que haviam superado, e na enorme diferença que as pás girando e os dínamos funcionando trariam às suas vidas — quando pensavam nisso, o cansaço desaparecia e eles davam pulos ao redor do moinho lançando gritos de triunfo. Até Napoleão, acompanhado de seus cães e seu galo, foi inspecionar o trabalho terminado; congratulou pessoalmente os bichos por sua façanha e anunciou que o moinho se chamaria Moinho Napoleão.

Dois dias depois os bichos foram convocados para um encontro especial no celeiro. Ficaram mudos de surpresa quando Napoleão anunciou ter vendido a madeira para Frederick. No dia seguinte, os caminhões de Frederick chegariam para começar a levá-la. Durante todo o período em que parecera amigo de Pilkington, na realidade Napoleão negociara secretamente com Frederick.

Toda relação com Foxwood havia sido encerrada; mensagens insultuosas tinham sido mandadas para Pilkington. Os pombos receberam ordens para evitar a Granja Pinchfield e mudar seu *slogan* de “Morte a Frederick” para “Morte a Pilkington”. Ao mesmo

tempo, Napoleão garantiu aos animais que os boatos de um ataque iminente à Granja dos Bichos eram completamente falsos, e que as histórias da crueldade de Frederick com seus animais deviam-se a enormes exageros. Considerava provável que todos esses boatos fossem creditados a Bola de Neve e seus agentes. Sabia-se agora que Bola de Neve não estava, afinal, escondido na Granja Pinchfield, e de fato nunca estivera lá em toda a sua vida: estava vivendo — dizia-se que com luxo considerável — em Foxwood, sustentado por Pilkington fazia muitos anos.

Os porcos estavam extasiados com a habilidade de Napoleão. Parecendo amigo de Pilkington, havia forçado Frederick a aumentar o preço em doze libras. Mas a característica superior do pensamento de Napoleão, disse Futrica, estava no fato de não confiar em ninguém, nem mesmo em Frederick. Frederick queria pagar pela madeira com uma coisa chamada cheque, que era, ao que parecia, um pedaço de papel com uma promessa de pagamento escrita em cima. Mas Napoleão era bem mais esperto que ele. Exigiu pagamento em notas de cinco libras, a serem entregues antes da remoção da madeira. Frederick já pagara; e a quantia dava exatamente para comprar a maquinaria do moinho.

Enquanto isso, a madeira ia sendo retirada a toda velocidade. Quando desapareceu por completo, outro encontro especial foi convocado no celeiro para os bichos inspecionarem as notas de Frederick. Sorrindo beatífico e usando suas duas condecorações, Napoleão repousava numa cama de palha na plataforma, tendo o dinheiro ao lado, bem empilhado num prato de porcelana da cozinha da mansão. Os bichos desfilaram devagar e cada um podia olhar quanto tempo quisesse. Tufão adiantou o focinho para cheirar as notas e a delicada lista branca estremeceu com sua respiração.

Três dias depois houve um tremendo alvoroço. Whymper, rosto pálido como a morte, chegou pedalando veloz pelo caminho, jogou a

bicicleta no chão do pátio e correu direto para a mansão. Dali a um momento, um estrangulado rugido de raiva foi ouvido nos aposentos de Napoleão. A notícia do que havia acontecido espalhou-se rapidamente na granja. As notas eram falsas! Frederick levara a madeira de graça!

Napoleão reuniu os bichos imediatamente e com voz terrível pronunciou a sentença de morte de Frederick. Quando capturado, disse, Frederick seria fervido vivo. Ao mesmo tempo avisou que, depois desse ato traiçoeiro, era de esperar o pior. Frederick e seus homens poderiam atacar a qualquer momento, como havia tanto desejavam. Sentinelas foram postas em cada ponto de entrada da granja. Além disso, quatro pombos foram mandados para Foxwood com mensagens conciliatórias, através das quais esperava-se restabelecer boas relações com Pilkington.

Na manhã seguinte o ataque aconteceu. Os bichos estavam fazendo sua primeira refeição quando as sentinelas entraram correndo com a notícia de que Frederick e seus seguidores já haviam passado a porteira. Corajosamente, os bichos saíram ao seu encontro, mas dessa vez não tiveram vitória fácil como na Batalha do Curral. Eram quinze homens, com meia dúzia de espingardas, e abriram fogo assim que chegaram a cinquenta metros de distância. Os bichos não puderam enfrentar as terríveis explosões e o tiroteio, e apesar dos esforços de Napoleão e Tufão para reuni-los, logo recuaram. Muitos deles já estavam feridos. Abrigaram-se nas construções da granja e, com cuidado, espiaram pelas frestas. Todo o grande pasto, incluindo o morro do moinho, estava nas mãos do inimigo. Na hora, até Napoleão pareceu perplexo. Andava em silêncio para a frente e para trás, o rabicho rígido e crispado. Olhares ansiosos voltavam-se em direção a Foxwood. Se Pilkington e seus homens os ajudassem, ainda poderiam vencer. Mas nesse momento, os quatro pombos enviados na véspera voltaram e um deles trazia no bico um pedaço de papel enviado por Pilkington, com a seguinte mensagem escrita a lápis: "Bem feito".

Nisso, Frederick e seus homens haviam parado junto ao moinho. Os bichos olhavam para eles, e um murmúrio amedrontado os percorreu. Dois dos homens sacaram um pé de cabra e uma marreta. Iam derrubar o moinho.

— Impossível! — gritou Napoleão. — As paredes que construímos são muito largas para isso. Não conseguiriam derrubá-las nem numa semana. Coragem, companheiros!

Mas Benjamin acompanhava atentamente os movimentos dos homens. Os dois com a marreta e o pé de cabra estavam fazendo um furo junto à base do moinho. Devagar e com um ar quase divertido, Benjamin meneou o longo focinho.

— É o que eu pensei — disse. — Vocês não veem o que eles estão fazendo? Daqui a um minuto vão encher aquele buraco de pólvora.

Aterrorizados, os bichos esperaram. Impossível, agora, abandonar a proteção das construções. Depois de alguns minutos viram os homens correndo em todas as direções. Seguiu-se uma explosão ensurdecedora. Os pombos rodaram pelo ar. E todos os bichos, menos Napoleão, se jogaram no chão de ventre para baixo e esconderam a cara. Quando se levantaram, uma enorme nuvem de fumaça preta pairava acima de onde fora o moinho. Lentamente foi levada pela brisa. O moinho não existia mais!

Essa visão fez os bichos recuperarem a coragem. O medo e o desespero que haviam sentido minutos antes foram tragados pela raiva frente ao ato vil e desprezível. Ouviu-se um grito poderoso de vingança e, sem esperar ordens, avançaram em bloco diretamente sobre o inimigo. Dessa vez não tentaram evitar as balas que varriam o ar em feroz saraivada. Foi uma batalha selvagem e tremenda. Os homens dispararam muitas vezes, e quando os bichos se aproximaram receberam porretadas e chutes das botas pesadas. Uma vaca, três ovelhas e dois gansos morreram e quase todos foram feridos. Até Napoleão, que da retaguarda comandava as operações, teve a ponta

do rabicho lascada por uma bala. Mas os homens tampouco escaparam incólumes. Três deles tiveram a cabeça quebrada pelos cascos de Tufão; outro, o ventre perfurado por um chifre de vaca; um terceiro quase perdeu as calças abocanhadas por Jesse e Flor. E quando os nove cães da guarda pessoal de Napoleão, instruídos por ele para dar a volta protegidos pela sebe, apareceram de repente ao lado dos homens ladrando ferozes, estes foram tomados de pânico. Viram que corriam o risco de serem cercados. Frederick gritou para seus homens abandonarem o campo enquanto era tempo, e não demorou um minuto para o inimigo acovardado sair correndo em defesa da vida. Os bichos foram atrás deles até o limite do campo e deram alguns chutes finais enquanto os homens forçavam passagem através da sebe espinhenta.

Haviam vencido, mas estavam exaustos e sangravam. Lentamente, se arrastaram de volta para a granja. A visão dos companheiros mortos sobre a grama comoveu alguns até às lágrimas. E durante algum tempo pararam em silêncio enlutado no lugar onde fora o moinho. Sim, havia desaparecido; quase o último vestígio do seu trabalho tinha sido apagado! Até mesmo as fundações estavam parcialmente destruídas. E para reconstruí-lo não poderiam, como antes, usar as pedras caídas. Dessa vez, as pedras também haviam sumido. A força da explosão as atirara a uma distância de centenas de metros. Era como se o moinho nunca tivesse existido.

Ao se aproximarem da Granja, Futrica, que estivera inexplicavelmente ausente durante a luta, veio saltitando ao seu encontro, abanando o rabicho e radiante de satisfação. E os bichos ouviram, vindo da direção da granja, um solene retumbar de espingarda.

— Para que esse tiro? — perguntou Tufão.

— Para celebrar nossa vitória — exclamou Futrica.

— Que vitória? — disse Tufão. Os joelhos dele sangravam, havia perdido uma ferradura, rachado um casco, e tinha uma dúzia de balas alojadas na pata traseira.

— Que vitória, companheiro? Não acabamos de expulsar o inimigo do nosso solo, o sagrado solo da Granja dos Bichos?

— Mas eles destruíram o moinho. E trabalhamos dois anos nele!

— O que importa? Construiremos outro moinho de vento. Construiremos seis moinhos se quisermos. Você não valoriza, companheiro, a enormidade daquilo que realizamos. O inimigo estava ocupando este mesmo chão que pisamos. E agora, graças à liderança do Companheiro Napoleão, reconquistamos cada centímetro!

— Então reconquistamos o que já tínhamos — disse Tufão.

— Esta é a nossa vitória — disse Futrica.

Foram mancando até o pátio. Debaixo da pele, na perna de Tufão, as balas ardiam dolorosamente. Imaginou ver à sua frente o trabalho pesado da reconstrução do moinho a partir das fundações e logo se retesou para enfrentar a tarefa. Pela primeira vez, porém, lembrou-se de que tinha onze anos e que talvez seus músculos poderosos não fossem os mesmos que haviam sido outrora.

Mas, quando os bichos viram a bandeira verde tremular no alto, ouviram a espingarda disparar novamente — foram sete tiros ao todo — e o discurso de Napoleão congratulando-os pela atuação, pareceu-lhes afinal que haviam obtido uma grande vitória. Os animais mortos na batalha tiveram funeral solene. Tufão e Formosa puxaram a carroça que serviu de carro funerário e o próprio Napoleão caminhou à frente da procissão. Dois dias inteiros foram dedicados à comemoração. Houve canções, discursos e mais tiros de espingarda. Cada bicho ganhou uma maçã como presente especial, mais duas pitadas de milho para cada pássaro e três biscoitos para cada cão. Foi anunciado que a batalha se chamaria Batalha do Moinho e que Napoleão havia criado uma nova condecoração, a Ordem da Bandeira Verde, que atribuiu a si mesmo. Na alegria geral, o infeliz caso das notas falsificadas foi esquecido.

Poucos dias depois, os porcos encontraram uma caixa de uísque nos porões da mansão. Ninguém reparara nela na primeira ocupa-

ção da casa. Naquela noite ecoaram na mansão altas cantorias nas quais, para surpresa geral, se misturavam trechos de "Bichos da Inglaterra". Eram cerca de nove e meia quando Napoleão, usando um velho chapéu-coco de Jones, foi visto nitidamente sair pela porta dos fundos, dar um rápido galope ao redor do pátio e desaparecer outra vez porta adentro. Mas de manhã, um pesado silêncio pairava sobre a mansão. Nenhum porco parecia se mexer. Eram quase nove horas quando Futrica surgiu, passos lentos e desalentados, o olhar baço, o rabicho mole, aparentando estar gravemente doente. Reuniu todos os bichos e disse que tinha uma notícia terrível a dar. O Companheiro Napoleão estava morrendo!

Elevou-se um grito de lamentação. Palha foi posta diante das portas da mansão e os bichos andaram na ponta dos pés. Com lágrimas nos olhos perguntavam-se o que fariam caso seu Líder lhes fosse tomado. Circulou o boato de que Bola de Neve havia conseguido, afinal, envenenar e comida de Napoleão. Às onze horas, Futrica saiu para fazer outro anúncio. Como seu último ato na Terra, o Companheiro Napoleão havia pronunciado um decreto solene: a ingestão de álcool seria punida com a morte.

À tarde, entretanto, Napoleão parecia estar melhor e, na manhã seguinte, Futrica pôde dizer aos bichos que ele estava a caminho da recuperação. Na tarde daquele dia, Napoleão estava de volta ao trabalho e no dia seguinte soube-se que havia dado instruções a Whymper para comprar em Willingdon alguns livrinhos sobre fermentação e destilação. Uma semana depois, Napoleão deu ordens para arar o pequeno pasto atrás do pomar, antes destinado a abrigar animais aposentados. Foi dito que o pasto estava cansado e precisava ser replantado; mas logo se soube que Napoleão queria semeá-lo com cevada.

Por este tempo aconteceu um estranho incidente que quase ninguém conseguiu entender. Uma noite, por volta de meia-noite, ouviu-se um barulho de queda no pátio e os bichos saíram das suas

baias. Era noite de lua. Ao pé da parede dos fundos do celeiro, onde estavam escritos os Sete Mandamentos, havia uma escada caída, partida em dois. Futrica, momentaneamente atordoado, jazia ao lado, estatelado, e ao alcance da pata viam-se uma lanterna, um pincel e uma lata de tinta branca entornada. Os cães imediatamente rodearam Futrica e, assim que conseguiu andar, o escoltaram de volta à mansão. Nenhum bicho conseguiu ter ideia do que isso significava, exceto o velho Benjamin, que anuiu com ar sábio e pareceu entender, mas não disse palavra.

Alguns dias mais tarde, porém, Margarida, lendo para si mesma os Sete Mandamentos, reparou que havia outro mais que os bichos lembravam errado. Eles guardavam o Quinto Mandamento como "Nenhum bicho beberá álcool", mas duas palavras haviam sido esquecidas. Na realidade, o Mandamento dizia: "Nenhum bicho beberá álcool EM EXCESSO".

9

O casco rachado de Tufão levou muito tempo para sarar. Haviam começado a reconstrução do moinho um dia depois das comemorações da vitória terem acabado. Tufão recusou-se a tirar um único dia de descanso e transformou em ponto de honra não dar a perceber que sofria. À noite admitia confidencialmente a Formosa que o casco estava incomodando demais. Formosa o tratava com cataplasmas de ervas, que ela mesma mastigava, e tanto ela quanto Benjamin tentavam convencer Tufão a trabalhar menos. "Os pulmões de um cavalo não duram para sempre", ela lhe dizia. Mas Tufão não queria ouvir. Tinha uma única ambição, disse, ver o moinho bem adiantado antes de alcançar a idade da aposentadoria.

No princípio, quando as leis da Granja dos Bichos foram formuladas, a idade da aposentadoria para cavalos e porcos fixou-se em doze anos, para vacas aos catorze, para cachorros aos nove, para ovelhas aos sete, e para galinhas e gansos aos cinco. Pensões generosas foram estabelecidas de comum acordo. Até agora nenhum bicho havia se aposentado, mas o assunto era discutido cada dia com mais frequência. Agora que o pasto atrás do pomar fora reservado para cevada, corria à boca pequena que um canto do grande pasto seria cercado e transformado em lugar de pastagem para bichos em idade

avançada. Um cavalo, dizia-se, receberia de pensão dois quilos e meio de milho por dia e, no inverno, sete quilos de feno, mais uma cenoura ou se possível uma maçã aos feriados. O décimo segundo aniversário de Tufão seria no fim do verão do ano próximo.

Enquanto isso, a vida era dura. O inverno estava tão frio quanto o anterior, e a comida ainda menor. Uma vez mais, todas as rações foram reduzidas, menos para porcos e cães. Um nivelamento excessivamente rígido das rações, explicou Futrica, seria contrário aos princípios do Animalismo. Em todo caso, não teve dificuldade para provar aos outros bichos que, na realidade e apesar das aparências, NÃO estava faltando comida. Naquele momento, de fato, fora necessário um reajuste das rações (Futrica sempre falava em "reajuste", nunca em "redução"), mas em comparação com os tempos de Jones, a melhora era enorme. Lendo cifras com voz rápida e estridente, provou-lhes detalhadamente que agora tinham mais aveia, mais feno e mais nabos do que nos dias de Jones, que trabalhavam menos, que bebiam água de melhor qualidade, que viviam mais, que uma proporção maior de filhotes sobrevivia à infância, que tinham mais palha nas baias e sofriam menos com as pulgas. Os bichos acreditavam em cada palavra. Para falar a verdade, Jones e tudo o que ele representava estavam quase apagados de suas memórias. Sabiam que a vida atual era impiedosa e sem alegria, que com frequência tinham fome e frio, e que quando não estavam dormindo estavam trabalhando. Mas, sem dúvida, fora pior no passado. Gostavam de acreditar nisso. Além do mais, no passado haviam sido escravos e agora eram livres, e isso fazia toda a diferença, como Futrica não se cansava de salientar.

Havia muito mais bocas a alimentar, agora. No outono as quatro porcas haviam parido quase ao mesmo tempo, produzindo ao todo trinta e um porquinhos. Os leitões eram malhados e, sendo Napoleão o único porco não castrado da granja, era fácil adivinhar seu parentesco. Foi anunciado que mais tarde, quando tijolos e tábuas

tivessem sido comprados, seria construída uma escola no jardim da mansão. Enquanto isso, os porquinhos recebiam sua educação ministrada pelo próprio Napoleão na cozinha da mansão. Faziam os exercícios no jardim e eram desencorajados a brincar com os filhotes dos outros bichos. Por volta dessa época foi estabelecida a regra pela qual, quando um porco e outro bicho qualquer se cruzassem no caminho, o outro bicho deveria ceder passagem: e também que todos os porcos, de qualquer nível, teriam o privilégio de usar fitas verdes no rabicho aos domingos.

A granja tivera um ano bastante bom, mas ainda faltava dinheiro. Tijolos, areia e cal para a escola precisavam ser comprados e era necessário recomeçar a economizar para a maquinaria do moinho. Faltavam também querosene para os lampiões e velas para a mansão, o açúcar exclusivo de Napoleão (ele o proibira aos outros porcos alegando que os engordava) e todas as reposições normais de ferramentas, pregos, corda, carvão, arame, ferro-velho e biscoitos para cães. Um monte de feno e parte da colheita de batatas haviam sido vendidos e o contrato dos ovos foi aumentado para seiscentos por semana, de modo que naquele ano as galinhas só conseguiram chocar o suficiente para manter a mesma proporção de pintinhos. As rações, reduzidas em dezembro, sofreram nova redução em fevereiro, e foi proibido acender lampiões nas cocheiras para poupar querosene. Mas os porcos pareciam desfrutar de total conforto e, de fato, vinham até engordando. Uma tarde em final de fevereiro, um cheiro quente, farto, apetitoso, como os bichos nunca haviam sentido antes, pairou acima do pátio vindo da pequena cervejaria atrás da cozinha, que fora desativada ao tempo de Jones. Alguém disse que era cheiro de cevada cozida. Os bichos famintos farejaram o ar e pensaram que algum prato quente estava sendo preparado para o seu jantar. Mas nenhuma comida quente apareceu e no domingo seguinte foi anunciado que, doravante, toda a cevada seria reservada

para os porcos. O campo atrás do pomar já havia sido semeado de cevada. E logo vazou a notícia de que cada porco estava recebendo a ração diária de meio litro de cerveja, sendo um litro e meio para Napoleão, servido na sopeira da louça fina.

Mas, se havia privações a suportar, eram parcialmente compensadas pelo fato de a vida ter dignidade bem maior agora. Havia mais canções, mais discursos, mais procissões. Napoleão estabelecera que uma vez por semana se realizasse algo chamado Demonstração Espontânea, cujo objetivo era celebrar as lutas e os triunfos da Granja dos Bichos. Na hora marcada os animais tinham que deixar o trabalho e marchar pelos espaços da granja em formação militar, os porcos à frente, depois os cavalos, depois as vacas, depois as ovelhas e depois as aves. Os cães iam pelos flancos da procissão e à frente de tudo marchava o galo preto de Napoleão. Tufão e Formosa levavam sempre, entre os dois, a bandeira verde onde se viam o casco, o chifre e os dizeres: "Vida longa ao Companheiro Napoleão!". Depois havia leitura de poemas compostos em honra de Napoleão, um discurso de Futrica dando detalhes dos últimos avanços na produção de comida e, no ensejo, disparava-se um tiro de espingarda. As ovelhas eram as maiores admiradoras da Demonstração Espontânea, e se alguém se queixasse da perda de tempo e da obrigação de ficar muito tempo em pé no frio (como alguns bichos faziam às vezes, quando porcos ou cães não estavam por perto), certamente seria silenciado pelas ovelhas com um tremendo balido de "Quatro patas bom, duas pernas ruim!". Em geral, porém, os bichos gostavam dessas celebrações. Achavam reconfortante serem lembrados de que, afinal, eram realmente donos de si mesmos e que todo o trabalho realizado era em seu benefício. Assim, em parte por causa das canções, da procissão, da lista de números de Futrica, do tiro de espingarda, do canto do galo e do ondear da bandeira, conseguiam esquecer a barriga vazia, pelo menos por algum tempo.

Em abril, a Granja dos Bichos foi proclamada República e tornou-se necessário eleger um presidente. Havia um único candidato, Napoleão, que foi eleito por unanimidade. No mesmo dia, noticiou-se a descoberta de novos documentos que revelavam mais detalhes da cumplicidade de Bola de Neve com Jones. Sabia-se agora que Bola de Neve não apenas se esforçara para perder a Batalha do Curral graças a um estratagema, como os bichos haviam imaginado, mas lutara abertamente ao lado de Jones. De fato, fora ele o líder das forças humanas, e lançara-se à batalha com as palavras "Longa vida para a Humanidade!" nos lábios. As feridas no dorso de Bola de Neve, que alguns bichos ainda se lembravam de ter visto, haviam sido feitas pelos dentes de Napoleão.

No meio do verão, Moisés, o corvo, reapareceu subitamente na Granja, após uma ausência de vários anos. Continuava o mesmo, não trabalhava e falava com idêntico entusiasmo da Montanha de Açúcar. Empoleirava-se num toco, batia as asas negras e falava durante horas com quem estivesse disposto a ouvir. "Lá em cima, companheiros", dizia solenemente apontando o céu com o bico comprido, "lá em cima, bem do outro lado da nuvem escura que podem ver — lá está a Montanha de Açúcar, o país feliz onde nós, pobres animais, descansaremos para sempre dos nossos trabalhos!" Afirmava até ter estado lá em um dos seus voos mais altos, e ter visto os sempiternos campos de trevo e os bolos de linhaça e açúcar queimado crescendo nas sebes. Muitos bichos acreditavam nele. Suas vidas agora, raciocinavam, eram só fome e trabalho; não seria direito e justo que existisse um mundo melhor em outro lugar? Difícil de definir era a atitude dos porcos em relação a Moisés. Todos eles declaravam desdenhosos que suas histórias da Montanha de Açúcar eram pura mentira, no entanto permitiam que ficasse na granja, sem trabalhar, com o abono diário de um copo de cerveja.

Depois que seu casco sarou, Tufão trabalhou ainda mais arduamente. A verdade é que todos os bichos trabalharam como

escravos naquele ano. Além do trabalho regular da granja e da reconstrução do moinho, havia a escola para os jovens porcos, cuja obra começou em março. Às vezes, sem comida suficiente, as longas horas eram difíceis de suportar, mas Tufão nunca titubeava. Nada do que dizia ou fazia dava a perceber que sua força não era mais a mesma. Só sua aparência estava um tanto mudada; o pelo não brilhava mais como antes e seus amplos quadris pareciam ter minguado. Os outros diziam: "Tufão vai se recuperar quando crescer o capim da primavera"; mas a primavera chegou e Tufão não engordou. Às vezes, na subida que levava ao alto da pedreira, quando retesava os músculos para enfrentar o peso de alguma pedra enorme, parecia que nada além da sua determinação o mantinha de pé. Nessas horas, viam-se seus lábios formular as palavras "Eu vou trabalhar ainda mais"; já não tinha voz. Uma vez mais, Formosa e Benjamin o avisaram para tomar cuidado com a saúde, mas Tufão não lhes deu atenção. Seu décimo segundo aniversário se aproximava. Ele não ligava para o que pudesse acontecer, desde que um bom estoque de pedras estivesse acumulado antes de ele se aposentar.

Já tarde, numa noite de verão, correu subitamente na granja a notícia de que algo acontecera com Tufão. Ele tinha ido sozinho arrastar um carregamento de pedras até o moinho. E, de fato, era verdade. Poucos minutos depois, dois pombos chegaram disparados trazendo a notícia:

— Tufão caiu! Está deitado de lado e não consegue se levantar!

Metade dos bichos da granja correu para o morro do moinho. Lá estava Tufão deitado entre os esteios da carroça, pescoço esticado, incapaz até de levantar a cabeça. Os olhos vidrados, os flancos empapados de suor. Um fino fio de sangue escorria da boca. Formosa caiu de joelhos a seu lado.

— Tufão! — gritou, soluçando. — Como se sente?

— É o meu pulmão — disse Tufão com voz fraca. — Não faz mal. Acho que vocês vão conseguir acabar o moinho sem mim. Há um bom lote de pedras acumulado. De qualquer maneira, eu só tinha mais um mês. Para te dizer a verdade, estava ansioso para me aposentar. E como Benjamin também está ficando velho, quem sabe eles o aposentam ao mesmo tempo para me fazer companhia.

— Temos que conseguir socorro imediatamente — disse Formosa. — Alguém corra, vá dizer a Futrica o que aconteceu.

Todos os outros bichos correram rapidamente de volta à mansão para dar a notícia a Futrica. Só Formosa ficou. E Benjamin, que se deitou ao lado de Tufão sem dizer palavra, espantando as moscas com seu rabo comprido. Cerca de quinze minutos depois Futrica apareceu, todo solidariedade e preocupação. Disse que o Companheiro Napoleão soubera, com o mais intenso sofrimento, da desgraça acontecida a um dos mais leais trabalhadores da granja e já estava providenciando para mandar Tufão ao hospital de Willingdon onde seria tratado. Os bichos sentiram-se um tanto inquietos. A não ser Mocinha e Bola de Neve, nenhum bicho jamais deixara a granja e eles não gostavam de imaginar seu companheiro doente entregue às mãos de seres humanos. Assim mesmo, Futrica conseguiu convencê-los facilmente de que o cirurgião veterinário de Willingdon trataria o caso de Tufão bem melhor do que se poderia fazê-lo na granja. E cerca de meia hora mais tarde, quando Tufão já estava um pouco recuperado, foi posto de pé com dificuldade, e conseguiu voltar claudicando para a sua cocheira, onde Formosa e Benjamin haviam preparado para ele uma boa cama de palha.

Nos dois dias seguintes, Tufão permaneceu na cocheira. Os porcos haviam mandado uma grande garrafa de remédio cor-de-rosa encontrada na caixa de medicamentos do banheiro, e Formosa o ministrava a Tufão duas vezes ao dia, depois das refeições. Ao anoitecer, ela se deitava na cocheira e falava com ele, enquanto Benjamin

espantava as moscas. Tufão dizia não estar triste pelo acontecido. Caso se recuperasse bem, podia contar com mais três anos de vida, e estava ansioso pelos dias pacíficos que passaria no canto do grande pasto. Pela primeira vez, teria tempo de sobra para estudar e melhorar sua mente. Pretendia, disse, dedicar o resto da vida ao aprendizado das outras vinte e duas letras do alfabeto.

Entretanto, Benjamin e Formosa só podiam estar com Tufão depois do trabalho, e foi no meio do dia que o carroção veio buscá-lo. Os bichos estavam todos no trabalho, capinando os nabos sob a supervisão de um porco, quando se surpreenderam ao ver Benjamin vindo a galope da granja e zurrando com toda sua voz. Era a primeira vez que viam Benjamin alterado — de fato, era a primeira vez que o viam galopar.

— Depressa, depressa! — gritou. — Venham rápido! Estão levando Tufão embora! — Sem esperar ordens do porco, os bichos interromperam o trabalho e correram para as construções da granja. E, de fato, viram no pátio um carroção fechado, puxado por dois cavalos, com um letreiro do lado e, sentado na boleia, um homem de cara astuta com chapéu-coco de aba virada para baixo. A cocheira de Tufão estava vazia.

Os bichos rodearam o carroção.

— Até logo, Tufão! — disseram em coro. — Até logo!

— Idiotas! Idiotas! — gritou Benjamin, empinando-se e socando o chão com seus pequenos cascos. — Idiotas! Não veem o que está escrito no lado deste carroção?

Com isso, os bichos pararam e se calaram. Margarida começou a soletrar as palavras. Mas Benjamin a empurrou para o lado e, em meio ao silêncio mortal, leu:

— "Alfredo Simmonds, Matador de Cavalos e Produtor de Cola, Willingdon. Negociante de Peles e Farinha de Osso. Fornece para Canis." Vocês não entendem o que isso significa? Estão levando Tufão para o matador de cavalos!

Os bichos lançaram um grito de horror. Nesse momento, o homem na boleia chicoteou os cavalos e o carroção começou a sair do pátio a trote alentado. Todos os bichos o acompanharam, gritando a plenos pulmões. Formosa abriu caminho até a frente. O carroção começou a ganhar velocidade. Formosa tentou despertar suas patas grossas para que galopassem e conseguiu um meio galope.

— Tufão! — gritou. — Tufão! Tufão! Tufão!

E nesse exato momento, como se ouvisse o clamor lá fora, o focinho de Tufão, com sua lista branca, apareceu na janelinha traseira do carroção.

— Tufão! — gritou Formosa com voz terrível. — Tufão, sai daí! Sai daí depressa! Estão te levando para a morte!

Todos os bichos repetiram o grito:

— Sai daí, Tufão, sai daí!

Mas o carroção já ganhava velocidade e se afastava deles. Não estavam certos de que Tufão tivesse entendido o apelo de Formosa. Logo, porém, o focinho dele desapareceu da janela e ouviu-se um tremendo golpear de cascos. Ele chutava tentando libertar-se. Mas o tempo em que alguns chutes de Tufão reduziriam o carroção a lascas havia passado. Infelizmente, sua força o abandonara; dali a pouco o som dos cascos ficou mais fraco e sumiu. Desesperados, os bichos suplicaram aos dois cavalos que puxavam o carroção para parar.

— Companheiros, companheiros! — gritavam. — Não levem seu próprio irmão para a morte!

Mas os brutos estúpidos, demasiado ignorantes para entender o que acontecia, limitaram-se a botar as orelhas para trás e apertaram o passo. O focinho de Tufão não voltou a aparecer na janela. Tarde demais, alguém pensou em correr à frente e fechar a porteira; mas logo o carroção passava por ela e, rapidamente, desaparecia na estrada. Tufão nunca mais foi visto.

Três dias mais tarde, foi anunciado que morrera no hospital de Willingdon, apesar de receber todos os cuidados devidos a um cavalo. Futrica foi o portador da notícia. Havia acompanhado, disse, as últimas horas de Tufão.

— Foi a cena mais comovente que já vi! — disse Futrica, levantando a pata para enxugar uma lágrima. — Eu estive à sua cabeceira até o último momento. No final, quase fraco demais para falar, sussurrou ao meu ouvido que sua única tristeza era morrer antes de o moinho estar acabado. "Adiante, companheiros!", murmurou. "Adiante em nome da Revolução. Longa vida à Granja dos Bichos. Longa vida ao Companheiro Napoleão! Napoleão está sempre certo." Estas foram suas derradeiras palavras, companheiros.

Nesse ponto, a atitude de Futrica mudou repentinamente. Ficou em silêncio por um minuto, e seus olhinhos suspeitosos dardejaram de um lado a outro antes de continuar.

Havia chegado ao seu conhecimento, disse, que um boato idiota e perverso circulara quando da remoção de Tufão. Alguns bichos haviam notado que no carroção vindo para levar Tufão estava escrito "Matador de Cavalos", e concluíram que ele estava sendo mandado para o esfolador. Era quase inacreditável, disse Futrica, que houvesse bichos tão estúpidos. Com certeza, gritou indignado, abanando o rabicho e saltitando de um lado a outro, com certeza conheciam seu amado Líder, o Companheiro Napoleão, melhor que isso. Mas a explicação era, de fato, muito simples. A carroça pertencera anteriormente ao esfolador e fora comprada pelo cirurgião veterinário, que ainda não havia apagado o antigo letreiro. Assim surgira o equívoco.

Os bichos ficaram enormemente aliviados. E quando Futrica prosseguiu dando mais detalhes do leito de morte de Tufão, os cuidados admiráveis que havia recebido, os remédios caros que Napoleão havia pago sem se importar com o preço, as últimas dúvidas

desapareceram e a tristeza pela morte do companheiro foi aliviada pelo pensamento de que, ao menos, morrera feliz.

O próprio Napoleão apareceu na reunião do domingo seguinte e fez uma curta oração em honra a Tufão. Não havia sido possível, disse, trazer os restos do seu pranteado companheiro para enterrá-los na granja, mas havia dado ordens para que se fizesse uma grande coroa com os louros do jardim, que enviara para ser colocada no túmulo de Tufão. Os porcos planejavam dar um banquete comemorativo dentro de alguns dias, em homenagem a Tufão. Napoleão acabou o discurso lembrando os dois lemas preferidos dele: "Eu vou trabalhar ainda mais" e "O Companheiro Napoleão está sempre certo" — lemas, disse, que cada qual deveria adotar como próprios.

No dia marcado para o banquete, a caminhonete de um armazém chegou de Willingdon e entregou na mansão uma grande caixa de madeira. Naquela noite houve cantorias barulhentas, seguidas do que parecia ser uma briga violenta que acabou lá pelas onze horas com um tremendo espatifar de vidro. Não houve movimento algum na mansão antes do meio-dia. E circulou um falatório de que, em algum canto, os porcos haviam arranjado dinheiro para comprar outra caixa de uísque.

10

Os anos passaram. As estações chegavam e iam embora, a curta vida dos bichos se apagava. Chegou um tempo em que ninguém se lembrava dos dias anteriores à Revolução a não ser Formosa, Benjamin, o corvo Moisés e alguns porcos.

Margarida havia morrido; Flor, Jesse e Pincher haviam morrido. Jones também estava morto — falecera num abrigo para alcoólatras, em outra região do país. Bola de Neve fora esquecido. Tufão também, menos pelos poucos que o haviam conhecido. Formosa se tornara uma égua velha e gorda, de articulações enrijecidas e olhos remelentos. Havia dois anos passara da idade de se aposentar, mas, de fato, nunca bicho algum havia se aposentado. A conversa de reservar um canto do pasto para os bichos mais velhos havia muito fora abandonada. Napoleão era agora um porco maduro de mais de cem quilos. Futrica estava tão gordo que resultava difícil abrir os olhos. Só o velho Benjamin permanecia quase o mesmo, apenas um pouco mais grisalho no focinho e, desde a morte de Tufão, mais sombrio e taciturno.

Agora havia muito mais animais na granja, embora o aumento não fosse tão grande quanto o esperado em anos anteriores. Haviam nascido muitos bichos, para os quais a Revolução era apenas uma

obscura tradição transmitida de boca em boca. E outros haviam sido comprados e, antes de chegar, nunca tinham ouvido falar disso. A granja contava agora com três cavalos, além de Formosa. Eram animais estupendos, sempre prontos ao trabalho e excelentes companheiros, mas muito estúpidos. Nenhum deles foi capaz de aprender o alfabeto além da letra B. Aceitavam tudo o que lhes dissessem sobre a Revolução e os princípios do Animalismo, sobretudo partindo de Formosa, por quem nutriam um respeito quase filial; mas seu entendimento era duvidoso.

A granja, agora, estava mais próspera e melhor organizada: havia sido até aumentada graças a dois campos comprados do sr. Pilkington. O moinho de vento fora afinal completado com sucesso, a granja possuía uma debulhadora mecânica, um elevador de feno próprio e várias novas construções haviam sido acrescentadas. Whymper comprara para si mesmo uma aranha. O moinho, entretanto, não era usado para gerar energia elétrica. Era usado para moer milho e dava bom lucro. Os bichos estavam trabalhando duro na construção de outro moinho de vento; dizia-se que quando fosse terminado se instalariam os dínamos. Mas já não se falava naqueles luxos que Bola de Neve levara os bichos a desejar, baias com luz elétrica, água quente e fria, semana de três dias. Napoleão denunciara essas ideias como contrárias ao espírito do Animalismo. A verdadeira felicidade, dizia, estava em trabalhar duro e viver frugalmente.

De alguma maneira, parecia que a granja havia se tornado mais rica sem que os próprios bichos tivessem enriquecido — com exceção, é claro, dos porcos e dos cães. Talvez porque havia tantos porcos e tantos cães. Não que eles não trabalhassem, a seu modo. Como Futrica não se cansava de explicar, havia um trabalho inesgotável de supervisão e organização da granja. Muito desse trabalho encaixava-se numa classificação que os outros bichos eram ignorantes demais para entender. Por exemplo, Futrica dizia que os porcos tinham que

realizar ingentes tarefas diárias em coisas misteriosas chamadas "arquivos", "relatórios", "minutas" e "memorandos". Eram grandes folhas de papel, a serem recobertas de escrita miúda e, assim que recobertas, queimadas na fornalha. Isso era da maior importância para o bem-estar da granja, dizia Futrica. Ainda assim, nem os porcos nem os cães produziam comida com seu trabalho; e havia muitos deles, sempre com apetite excelente.

Quanto aos outros, a vida, até onde sabiam, era como sempre havia sido. Estavam quase sempre com fome, dormiam na palha, bebiam no açude, trabalhavam nos campos; no inverno sofriam com o frio, no verão com as moscas. Por vezes, os mais velhos juntavam suas lembranças esmaecidas e tentavam estabelecer se nos primeiros tempos da Revolução, quando a expulsão de Jones era recente, as coisas haviam sido melhores ou piores do que agora. Não conseguiam lembrar. Não tinham nada para comparar com sua vida atual; nenhuma referência a não ser as listas de números de Futrica, que demonstravam invariavelmente como tudo estava cada dia melhor. Para os bichos, o problema era insolúvel; em todo caso, tinham pouco tempo para especulações. Só o velho Benjamin afirmava lembrar-se de cada detalhe da sua longa vida e saber que as coisas nunca haviam sido, nem nunca seriam, muito melhores ou muito piores — fome, sofrimento e desilusão sendo, como ele dizia, a inalterável lei da vida.

Mesmo assim, os bichos nunca desistiam da esperança. Mais ainda, nunca perdiam, nem por um instante, o sentido de honra e privilégio de serem membros da Granja dos Bichos, ainda a única granja do condado — de toda a Inglaterra! — que pertencia aos bichos e era por eles administrada. Nenhum deles, nem mesmo os mais jovens, nem mesmo os recém-chegados, trazidos de granjas distantes vinte ou trinta quilômetros, deixava de admirar-se com isso. E quando ouviam a espingarda disparar e viam a bandeira

verde ondeando no mastro, seu coração transbordava de orgulho imorredouro e a conversa se voltava infalivelmente para os antigos dias de glória, a expulsão de Jones, a escrita dos Sete Mandamentos, as grandes batalhas em que os invasores humanos haviam sido derrotados. Nenhum dos velhos sonhos fora abandonado. Continuavam acreditando na República dos Bichos, prevista por Major, quando os verdes campos da Inglaterra não seriam mais pisados por pés humanos. Algum dia aconteceria; podia não ser logo, podia não ser no prazo de vida de nenhum bicho vivo, mas haveria de acontecer. Até a canção "Bichos da Inglaterra" era secretamente cantarolada aqui e acolá: de todo modo, é fato que todos os bichos da granja a conheciam, embora ninguém ousasse cantá-la em voz alta. Suas vidas podiam ser duras e nem todas as suas esperanças terem se realizado: mas tinham consciência de não serem como os outros animais. Se estavam com fome, não era para alimentar seres humanos tirânicos; se trabalhavam pesado, pelo menos trabalhavam para si mesmos. Ninguém, entre eles, andava sobre duas pernas. Ninguém chamava ninguém de "Patrão". Todos os bichos eram iguais.

Um dia no começo do verão, Futrica ordenou que as ovelhas o acompanhassem e as levou a um amplo terreno do outro lado da granja, que havia sido infestado por mudas de bétula. As ovelhas passaram o dia todo roendo as folhas sob supervisão de Futrica. Ao anoitecer, ele voltou sozinho para a mansão e, como fazia calor, disse às ovelhas para continuarem lá. Acabaram ficando a semana inteira, tempo em que os outros bichos não as viram. Futrica passava com elas a maior parte do dia. Estava, disse, ensinando-lhes uma nova canção, o que exigia privacidade.

Foi logo depois da volta das ovelhas, num fim de tarde agradável em que os bichos, tendo acabado o trabalho, regressavam à granja, que o relincho aterrorizado de um cavalo ecoou no pátio. Assustados, os bichos estancaram.

Era a voz de Formosa. Relinchou novamente e todos os animais se arremessaram a galope para o pátio. Viram, então, o que Formosa havia visto.

Um porco andando nas patas traseiras.

Sim, era Futrica. Meio sem jeito, como se não estivesse acostumado a sustentar sua considerável corpulência naquela posição, mas em perfeito equilíbrio, passeava pelo pátio. E momentos depois, uma longa fila de porcos, todos andando nas patas traseiras, saiu pela porta da mansão. Alguns o faziam melhor que outros, um ou dois estavam um tantinho mais inseguros e davam a impressão de que teriam apreciado o apoio de uma bengala, mas todos foram bem-sucedidos na volta ao pátio. E, afinal, ouviu-se uma tremenda algazarra de latidos e o canto estridente do galo preto coroou o aparecimento de Napoleão, majestosamente ereto, lançando olhares arrogantes para os lados, com os cães brincando ao seu redor.

Na pata dianteira levava um chicote.

Houve um silêncio mortal. Surpresos, aterrorizados, todos embolados, os bichos olhavam a longa fila de porcos andando lentamente ao redor do pátio. Era como se o mundo tivesse virado de ponta-cabeça. Então chegou o momento em que, diluído o primeiro choque, e apesar de tudo — apesar do medo dos cães, apesar do hábito desenvolvido ao longo de tantos anos de nunca reclamar, nunca criticar, independentemente do que acontecesse —, teriam podido emitir algumas palavras de protesto. Mas, exatamente naquele momento, como se obedecendo a um sinal, todas as ovelhas irromperam num tremendo balido:

— Quatro patas bom, duas pernas MELHOR! Quatro patas bom, duas pernas MELHOR! Quatro patas bom, duas pernas MELHOR!

Continuaram por cinco minutos, sem parar. E quando se calaram, a possibilidade de externar qualquer protesto se fora, pois os porcos haviam marchado de volta para a mansão.

Benjamin sentiu um focinho aninhar-se no seu ombro. Olhou para trás. Era Formosa, seus velhos olhos parecendo ainda mais enevoados. Sem dizer nada, puxou delicadamente sua crina, conduzindo-o até a parede dos fundos do celeiro, onde estavam escritos os Sete Mandamentos. Durante um ou dois minutos ficaram olhando a parede rendada pela escrita branca.

— Minha vista está falhando — disse ela afinal. — Mesmo quando jovem não conseguia ler o que estava escrito aqui. Mas me parece que a parede está diferente. Os Sete Mandamentos continuam os mesmos, Benjamin?

Dessa vez, Benjamin transgrediu suas regras e leu para ela o que estava escrito na parede. Não havia nada mais ali a não ser um único Mandamento, que dizia:

TODOS OS BICHOS SÃO IGUAIS
MAS ALGUNS BICHOS SÃO MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS

Depois disso não pareceu estranho que no dia seguinte os porcos que supervisionavam o trabalho da granja levassem chicotes na pata. Não pareceu estranho saber que os porcos haviam comprado um rádio, estavam tratando da instalação de um telefone e tinham feito assinaturas de duas revistas e do diário mais importante do país. Não pareceu estranho quando Napoleão foi visto passeando no jardim da mansão com um cachimbo na boca — não, nem mesmo quando os porcos tiraram do armário as roupas do sr. Jones e as vestiram, o próprio Napoleão aparecendo de sobretudo preto, calças de caçador e perneiras de couro, enquanto sua porca favorita surgiu no suave vestido de seda que a sra. Jones costumava vestir aos domingos.

Uma semana depois, à tarde, várias charretes subiram até a granja. Uma delegação de granjeiros vizinhos havia sido convidada

a fazer um giro de inspeção. Toda a granja lhes foi mostrada e eles expressaram grande admiração por tudo o que viram, sobretudo pelo moinho. Os bichos estavam capinando a plantação de nabos. Trabalhavam aplicados, mal levantando o focinho, sem saber se deveriam ter mais medo dos porcos ou dos visitantes humanos.

Naquela noite ouviram-se altas risadas e cantorias vindas da mansão. E, de repente, o som das vozes fundidas despertou a curiosidade dos bichos. O que estaria acontecendo ali, agora que pela primeira vez animais e seres humanos se encontravam em termos de igualdade? De comum acordo, começaram a rastejar para o jardim da mansão, tão silenciosos quanto possível.

Pararam diante do portão, temendo prosseguir, mas Formosa abriu caminho. Foram na ponta das patas até a casa e os bichos mais altos espiaram pela janela da sala de jantar. Ali, em volta da mesa comprida, estavam sentados meia dúzia de granjeiros e meia dúzia dos porcos mais eminentes, o próprio Napoleão ocupando o lugar de honra, à cabeceira. Os porcos pareciam completamente à vontade nas suas cadeiras. O grupo estivera jogando cartas, mas naquele momento o jogo estava suspenso, evidentemente para os brindes. Uma enorme jarra circulava, enchendo novamente os canecos de cerveja. Ninguém notou as caras surpresas dos bichos que espiavam pela janela.

O sr. Pilkington, de Foxwood, levantara-se com o caneco na mão. Logo, disse, pediria à mesa para fazer um brinde. Mas, antes, havia algumas palavras que considerava seu dever pronunciar.

Era motivo de grande satisfação para ele, disse — e, com certeza, para todos os presentes —, perceber que um longo período de desconfiança e equívocos chegava ao fim. Tinha havido um tempo — não que ele ou qualquer dos presentes compartilhassem essa opinião —, mas tinha havido um tempo em que os respeitados proprietários da Granja dos Bichos eram olhados não diria com hostilidade, mas talvez com certa dose de desconfiança, por seus

vizinhos humanos. Incidentes infelizes ocorreram, ideias equivocadas circularam, transmitindo a sensação de que uma granja pertencente a porcos e por eles administrada era, de alguma forma, anormal e poderia levar a um desequilíbrio na vizinhança. Numerosos granjeiros haviam pensado, sem a devida verificação, que numa granja assim predominasse o espírito da indisciplina e da devassidão. E ficaram nervosos pelo efeito que isso poderia ter sobre seus próprios animais, ou até sobre seus empregados humanos. Mas todas essas dúvidas estavam agora dissipadas. Hoje, ele e seus amigos haviam visitado a Granja dos Bichos e inspecionado cada canto com os próprios olhos, e o que haviam encontrado? Não só os métodos mais modernos, como também uma disciplina e ordem que deveriam ser exemplo para todos os granjeiros. Ele acreditava estar certo ao dizer que os animais inferiores da Granja dos Bichos trabalhavam mais e recebiam menos comida que qualquer outro animal no condado. De fato, ele e seus colegas de visita haviam observado hoje muitos aspectos que pretendiam adotar imediatamente em suas granjas.

Acabaria suas observações, disse, enfatizando mais uma vez o sentimento de amizade que permanecia, e haveria de permanecer, entre a Granja dos Bichos e seus vizinhos. Entre porcos e seres humanos não havia, e não precisava haver, qualquer conflito de interesses. Suas lutas e dificuldades eram uma só. Não são os problemas do trabalho os mesmos em toda parte? Neste ponto, ficou evidente que o sr. Pilkington estava prestes a dizer para a assistência alguma piada cuidadosamente preparada, mas por um momento, subjugado pelo humor, foi incapaz de continuar. Depois de engasgar várias vezes, o que arroxeou suas múltiplas papadas, conseguiu soltá-la:

— Se vocês têm que enfrentar seus bichos inferiores — disse —, nós temos as nossas classes inferiores!

O jogo de palavras provocou gargalhadas ao redor da mesa; e o sr. Pilkington congratulou mais uma vez os porcos pelas rações reduzidas, a longa jornada de trabalho e a falta geral de benevolência que havia observado na Granja dos Bichos.

E agora, disse afinal, pediria a todos que se levantassem e verificassem se seus canecos estavam cheios.

— Cavalheiros — concluiu o sr. Pilkington —, cavalheiros, façamos um brinde: à prosperidade da Granja dos Bichos!

Seguiram-se aplausos entusiasmados e bater de pés. Napoleão estava tão grato que deixou seu lugar e rodeou a mesa para bater seu caneco com o do sr. Pilkington, antes de esvaziá-lo. Quando os aplausos esmoreceram, Napoleão, que continuava de pé, declarou que ele também tinha algumas palavras a dizer.

Como todos os discursos de Napoleão, este foi breve e direto. Ele também, disse, estava feliz que o período de mal-entendidos tivesse chegado ao fim. Durante muito tempo houve boatos — espalhados, ele tinha motivos para acreditar, por algum inimigo maligno — de que havia algo subversivo e até revolucionário nos pontos de vista dele e de seus companheiros. Foram acusados de fomentar a rebelião entre os bichos das granjas vizinhas. Nada poderia ser mais distante da verdade! Seu único desejo, agora e no passado, era viver em paz e em relações normais de negócios com os vizinhos. Esta granja que ele tinha a honra de dirigir, acrescentou, era uma empresa cooperativa. As escrituras, que estavam guardadas com ele, pertenciam a todos os porcos juntos.

Ele não acreditava, disse, que nenhuma das antigas suspeitas perdurasse, mas algumas mudanças haviam sido introduzidas recentemente na rotina da granja, destinadas a promover confiança ainda maior. Até aquele momento, os bichos da granja haviam tido o ridículo costume de se dirigir um ao outro como "Companheiro". Isso seria eliminado. Havia outro costume muito estranho, cuja ori-

gem era desconhecida, de marchar todo domingo de manhã diante da caveira de um porco pregada num poste do jardim. Isso também seria eliminado, e a caveira já havia sido enterrada. Os visitantes poderiam ter observado, também, a bandeira verde ondeando no mastro. Caso tivessem, teriam provavelmente reparado que o casco branco e o chifre com que estava anteriormente marcada haviam sido apagados. A partir de agora, seria uma simples bandeira verde.

Só tinha uma crítica, disse, a fazer sobre o excelente discurso de boa vizinhança do sr. Pilkington. Nele, se referira diversas vezes à "Granja dos Bichos". Não tinha como saber, é claro — já que ele, Napoleão, só agora o anunciava pela primeira vez —, que o nome "Granja dos Bichos" havia sido abolido. Doravante se chamaria "Granja da Mansão" — que, acreditava, era seu nome correto e original.

— Senhores — concluiu Napoleão —, vou propor o mesmo brinde anterior, mas de forma diferente. Encham seus canecos até a borda. Senhores, aqui está meu brinde: à prosperidade da Granja da Mansão!

Seguiram-se os mesmos aplausos entusiasmados de antes e os canecos foram esvaziados. Mas, à medida que os bichos lá fora olhavam a cena, pareceu-lhes que algo estranho estava acontecendo. O que havia se alterado no focinho dos porcos? Os velhos olhos enevoados de Formosa passavam de um focinho a outro. Alguns deles tinham cinco papadas, outros quatro e alguns três. Mas o que era que parecia derreter e se modificar? Então, quando os aplausos acabaram, cada um retomou suas cartas e o jogo que havia sido interrompido recomeçou. Os bichos se afastaram rastejando silenciosamente.

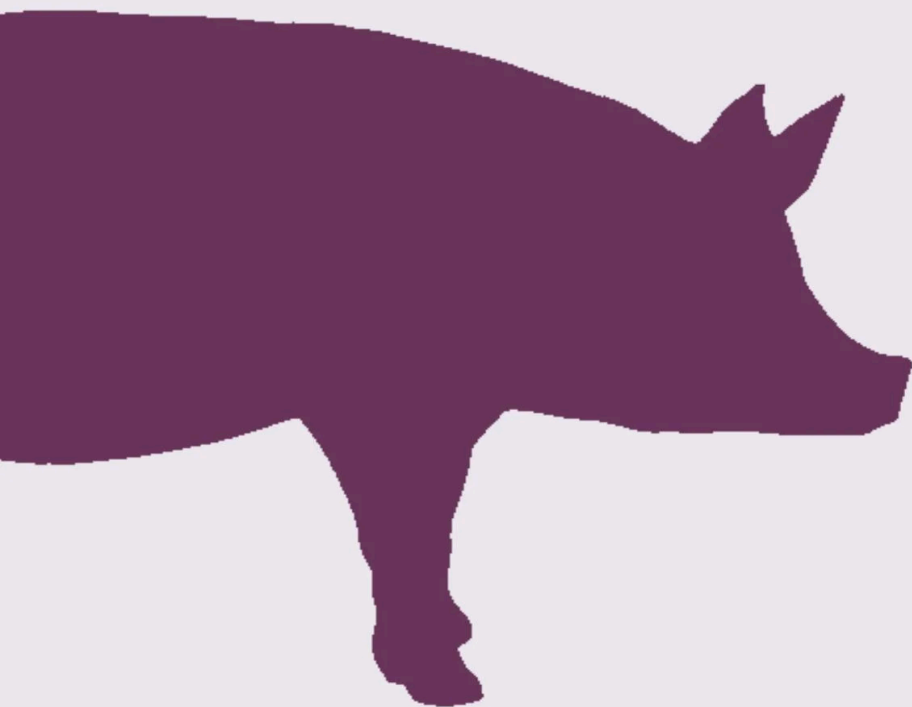
Mas não haviam andando vinte metros quando pararam de chofre. Um tumulto de vozes vinha da mansão. Eles voltaram e espiaram novamente pela janela. Sim, uma briga violenta acontecia. Gritos, pancadas na mesa, olhares afiados de suspeita, negativas furiosas. A discussão parecia ter se originado no fato de Napoleão e o sr. Pilkington jogarem, ao mesmo tempo, um ás de espadas.

Doze vozes gritavam furiosas, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, sobre o que havia acontecido ao focinho dos porcos. Os bichos lá fora olhavam de porco para homem, de homem para porco, e de porco para homem novamente; mas já era impossível dizer quem era quem.

Novembro de 1943 — Fevereiro de 1944

PARATEXTO

A revolução dos bichos é um dos clássicos da literatura estrangeira mais lidos por jovens do mundo todo, incluindo os brasileiros. Sabe por quê? Além da linguagem objetiva e acessível, a temática tratada na obra promove um importante diálogo com a história e com a filosofia, despertando reflexões fundamentais sobre o passado. Sociedade, política e cidadania, outros temas presentes no livro, podem ser vistos, por exemplo, na metáfora dos animais de uma fazenda que se organizam politicamente contra um inimigo comum, os humanos, mas que acabam reféns de um regime autoritário organizado pelos próprios bichos. Partindo de uma temática universal, a obra conquistou fãs de diversas gerações de jovens, por isso é uma leitura muito indicada para estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, como você!

Após ter lido essa breve introdução, você deve estar pensando: "Eu já vi essa cena de bichos se rebelando em algum lugar...". Sim, é bem provável! *A revolução dos bichos* inspirou artistas de diferentes linguagens em todo o mundo. Você já deve ter lido um quadrinho ou assistido a um videoclipe de alguma banda, como os britânicos do Pink Floyd ou do Coldplay, com animais atuando em papéis de humanos e sendo oprimidos pela sociedade em que vivem. Ou já deve ter visto alguma peça publicitária ou mesmo algum filme em tom de denúncia sobre as dificuldades da vida em comunidade. Não é à toa que a imagem de porcos, por exemplo, costuma ser associada a líderes políticos autoritários e opressores. Todas essas ideias saíram do mesmo lugar: da cabeça de George Orwell! E de onde ele as tirou?

A INSPIRAÇÃO E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DA OBRA

Por mais que os protagonistas da história estejam representados como bichos, a intenção de George Orwell, que era um jornalista, foi retratar as relações humanas e as interações sociais. O recurso de utilizar animais como personagens foi uma ideia muito criativa e que você vai descobrir agora de onde surgiu: ao voltar da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), Orwell decidiu escrever um livro que denunciasse os regimes totalitários. Ele queria contar uma história que pudesse ser facilmente compreendida, por meio de uma linguagem objetiva e direta, e passou anos buscando uma forma de fazer isso. Até que um dia, ao ver uma criança maltratando um cavalo, teve a ideia: imaginou que, se os animais tivessem consciência de sua força, jamais aceitariam o tratamento que recebem. Assim nascia *A revolução dos bichos*.

POR ONDE ORWELL ANDOU?

George Orwell morou em vários países e extraiu de suas vivências a matéria-prima para escrever seus livros, dentre os quais estão dois clássicos da literatura estrangeira de sucesso retumbante: *1984* e *A revolução dos bichos*. Nascido em Motihari, na Índia, em 1903, o futuro escritor recebeu o nome de Eric Arthur Blair, filho de Richard Walmesley Blair, funcionário do Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, agência do governo britânico responsável pela administração pública na colônia. Com apenas 1 ano de idade, Orwell viajou com a mãe, Ida Mabel Limouzin-Blair, para a Inglaterra e foi morar

na cidade de Henley-on-Thames, região de classe média alta. Aos 8 anos de idade, foi estudar na St. Cyprian's School, uma conceituada escola preparatória para admissão nas escolas públicas da Inglaterra. O ambiente autoritário do colégio deixou marcas na personalidade do escritor, que, mais tarde, se revoltou contra os privilégios das classes dominantes, revelando esse posicionamento em suas obras.

No ano de 1917, Orwell entrou na escola de Eton, onde estudou até 1921, e teve aulas de francês com Aldous Huxley (1894-1963), autor de diversos livros, entre eles o distópico *Admirável mundo novo* (1932), considerado um dos três clássicos do gênero mais conhecidos do século XX, ao lado das obras *1984*, do próprio Orwell (que seria publicada em 1949), e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1920-2012), publicada em 1953. Já em 1928, Orwell se mudou para Paris, cidade que atraía muitos artistas e escritores. Essa mudança foi uma tentativa de fazer um intercâmbio cultural e entrar em contato com o ambiente literário parisiense. Foi nessa época que sua produção literária e jornalística se intensificou. Durante esse período, outros escritores também estiveram na capital francesa, como os estadunidenses Ernest Hemingway (1899-1961), F. Scott Fitzgerald (1896-1940) e T. S. Eliot (1888-1965).

Em 1933, Orwell publicou *Na pior em Paris e Londres*, um relato sobre os anos em que passou dificuldades financeiras nas capitais francesa e inglesa. Foi a primeira vez que assinou com o pseudônimo que o consagraria, George Orwell. A mudança no nome foi uma forma de se livrar do passado burguês. A maior parte da produção literária de George Orwell se deu entre as décadas de 1930 e 1940, período em que houve o predomínio do Modernismo, movimento literário que questionava o Positivismo Realista e buscava uma aproximação maior com experiências mais subjetivas. Porém, ao observar a literatura desse período, é possível constatar que ela foi muito rica e variada, não se prendendo a regras e características específicas.

ESTILO DO AUTOR

Apesar dessa experiência literária em Paris, Orwell nunca se considerou um bom ficcionista, ou seja, nunca se sentiu um bom autor de histórias de ficção, como James Joyce (1882-1941), por exemplo, escritor de quem Orwell era fã. Os primeiros escritos de Orwell foram ensaios e reportagens, gêneros textuais que, para muitos críticos, eram a especialidade dele e que combinavam mais com sua experiência como jornalista. Ao fundir a realidade política com a fábula, criando universos distópicos, o autor inaugurou um caminho próprio que o consagraria mundialmente. E esse caminho emergiu das experiências profissionais de Orwell, que trabalhou tanto como jornalista quanto como escritor. Uma das características marcantes de sua obra, que pode ser identificada tanto em *A revolução dos bichos* quanto em *1984*, são as metáforas, alegorias e analogias criadas pelo autor. Frases como "Todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que os outros" e termos como "Big Brother" fizeram tanto sentido na época em que as obras foram publicadas — e continuam a fazer décadas depois — que é possível afirmar que o autor previu muitas situações que vivenciamos na sociedade atual. E se Orwell fosse vivo, provavelmente faria sucesso com suas frases na internet e teria milhares de seguidores. Na obra *1984*, por exemplo, Orwell previu um sistema de aparelhos televisivos que serviam tanto para transmitir informações quanto para espionar seus usuários, algo muito parecido com os *smartphones* de hoje em dia, com funcionalidades que extrapolam a da TV, aparelho que, no tempo do autor, ainda era uma tecnologia muito simples.

Quatro patas bom,
duas pernas ruim.

Todos os bichos são
iguais, mas alguns
bichos são mais
iguais que os outros.

UM ESCRITOR NO CAMPO DE BATALHA

Em 1936, Orwell se casou com Eileen O'Shaughnessy, e poucos dias depois irrompeu a Guerra Civil Espanhola. Ele e a esposa decidiram ir à Espanha para lutar ao lado do Partido Operário de Unificação Marxista (Poum) contra os fascistas. O casal passou cerca de seis meses lutando na linha de frente em Aragão. Em conflito contra os fascistas na Espanha, Orwell foi atingido por um tiro que lhe atravessou a garganta. Os comunistas stalinistas tomaram o controle do governo espanhol e passaram a perseguir, além dos fascistas, os socialistas trotskistas, grupo do qual Orwell fazia parte. A desconfiança que o escritor já nutria em relação aos stalinistas ganhou mais força. Para ele, o movimento de Stálin desviou-se do socialismo para o totalitarismo. E a reprovação ao stalinismo o acompanharia pelo resto da vida.

Em 17 de agosto de 1945, a primeira edição de *A revolução dos bichos* foi publicada pela editora inglesa Secker & Warburg. A obra apresenta diversas referências à maneira de os socialistas e comunistas se organizarem e se comunicarem: como eles chamam uns aos outros, a forma como se organizam em reuniões e até um hino, que remete a *A Internacional*, escrito em 1871 pelo francês Eugène Pottier (1816-1887), um dos membros da Comuna de Paris. *A Internacional* ganhou destaque entre 1922 e 1944, quando se tornou o hino da União Soviética. Desde então, foi traduzido para diversos idiomas. Em *A revolução dos bichos*, o hino geralmente é cantado em reuniões na fazenda.

Após se mudar para uma ilha isolada na Escócia, em 1949, por conta da saúde debilitada, Orwell escreve a obra *1984*, cujo enredo faz uma crítica ao totalitarismo. Nela, o autor criou metáforas para descrever nosso mundo.

A revolução dos bichos também ganhou adaptações para o cinema. A primeira delas foi uma animação feita em 1954 pela produtora Halas & Batchelor, que reuniu 80 animadores, mas teve um único dublador fazendo a voz de todos os bichos. Outra adaptação cinematográfica ocorreu no ano que dá título à obra, 1984, dirigida por Michael Radford. Em 2018, foi anunciado o início das produções de uma nova adaptação da obra, dirigida pelo ator Andy Serkis, especialista na técnica *motion capture*, que permite transformar a *performance* de atores reais em animações realistas.

E COMO ESSA HISTÓRIA FOI TRADUZIDA?

Para traduzir esta edição de *A revolução dos bichos*, uma experiente jornalista e escritora brasileira foi convidada. Marina Colasanti nasceu em 1937, em Asmara, capital de um país africano pouco conhecido, a Eritreia. Com 1 ano de idade, assim como George Orwell, Marina mudou-se com a família para outro país; foram viver em Trípoli, atual capital da Líbia. No começo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sua família se mudou novamente, desta vez para a Itália. E, em 1948, vieram morar na cidade do Rio de Janeiro.

Desde pequena, Marina sempre leu muito. É formada em Artes Plásticas, mas trabalhou mais como jornalista, tradutora e escritora. Foi âncora de programas culturais na televisão e escreveu para grandes e pequenos veículos de imprensa, assim como George Orwell. Como autora de literatura infantojuvenil, ganhou muitos prêmios, entre eles o Jabuti de Melhor Livro Infantil e de Livro do Ano — Ficção com a obra *Breve história de um pequeno amor*, em 2014. A experiência de Colasanti como jornalista e escritora de literatura juvenil foi fundamental para traduzir *A revolução dos bichos* para a língua portuguesa. Ela soube captar e manter o estilo de George

Orwell, preservando as metáforas, alegorias e analogias. Essa tarefa nem sempre é fácil. Muitas expressões em inglês, quando traduzidas literalmente, ou seja, ao pé da letra, perdem o significado. Por isso, é importante conhecer bem os dois idiomas, além de estar afinado com o estilo do autor e com o contexto da obra.

CURIOSIDADES SOBRE O TÍTULO

Falando em tradução, você sabia que lá em Portugal a obra *Animal Farm*, nossa *A revolução dos bichos,* tem três títulos diferentes e nenhum deles é igual aos publicados aqui no Brasil? Se você fizer uma busca num *site* de compras de uma livraria portuguesa, provavelmente encontrará capas com os títulos: *O porco triunfante*, *O triunfo dos porcos* e *A quinta dos animais*.

No Brasil, a primeira tradução da obra foi intitulada *A revolução dos bichos: um conto de fadas* e contou com o subsídio da United States Information Agency (Usia), a agência de diplomacia norte-americana que, na época da Guerra Fria, cedia os direitos de publicação e tradução das obras anticomunistas para alguns países. O tradutor foi Heitor Aquino Ferreira, um tenente do Exército, membro do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes), que tinha um departamento dedicado à produção clandestina de publicações anticomunistas. A escolha do título mostra o contexto ideológico da época: a tradução literal do inglês, *Animal Farm: A Fairy Story*, seria *Fazenda dos animais: um conto de fadas,* mas a escolha da palavra "revolução" deu mais ênfase à questão comunista que o título original.

ANTES DE SER UM CLÁSSICO, *A REVOLUÇÃO DOS BICHOS* É UM ROMANCE

Você já parou para pensar como surgiu o gênero romance? As histórias nem sempre foram escritas e contadas no mesmo formato. Os autores greco-latinos da Antiguidade, por exemplo, dominavam os gêneros lírico (poesia) e dramático (teatro). Mas foi apenas no século XVIII que as longas narrativas em prosa começaram a ser mais usadas e passaram a fazer sucesso na hora de contar uma boa história. Não à toa a *Odisseia* foi escrita em versos; se tivesse sido concebida como um romance, possivelmente ninguém teria dado muita importância para a história na época. O mesmo poderia ter acontecido a William Shakespeare se, em vez de peças de teatro, tivesse escrito e publicado romances.

Outra diferença entre o romance e as líricas e epopeias são os personagens. Enquanto as histórias épicas têm deuses e heróis como personagens e narram grandes feitos e descobertas, nos romances é o ser humano comum quem passa a assumir o centro da narrativa. É verdade que em *A revolução dos bichos* os protagonistas não são humanos, mas, se você notar bem, vai perceber que os bichos têm características e comportamento humanos, justamente porque a proposta de Orwell era criticar o comportamento deles e, metaforicamente, das pessoas: o egoísmo, a ganância, a vingança.

Por ser um texto longo, o romance permite um desenvolvimento mais lento e gradual da trama e dos personagens. Por exemplo, em *A revolução dos bichos,* é possível acompanhar os acontecimentos na fazenda ao longo de uma revolução. É comum, no romance, a existência de tramas paralelas, que se conectam em um ou mais pontos

da história. Já nos poemas, por exemplo, o foco não está na mensagem que o texto passa, mas nas palavras utilizadas, na sonoridade delas e na maneira como são usadas. A título de comparação, na poesia a palavra vai muito além da função comunicativa; ela própria se torna o objeto do fazer poético e serve de matéria-prima para a produção da arte literária. Enquanto um poeta se preocupa em escrever da maneira mais bonita e lírica possível, e disso extrair uma reflexão, um romancista pode preparar bem o terreno até entregar a mensagem ao leitor. Além disso, é interessante observar como o romance e a poesia têm outras diferenças importantes. A mais marcante é a forma como se apresentam: o romance é um texto de grande extensão, que costuma ultrapassar uma centena de páginas, enquanto os poemas, com uma preocupação mais detalhada no trabalho com a linguagem e na maneira como cada palavra é disposta, podem ter extensão bem mais flexível e variada.

As narrativas, dentre elas o romance, costumam apresentar a seguinte estrutura: começam com a apresentação dos fatos, convergem para um momento máximo de complicação (clímax) e se encaminham para uma resolução (desfecho). Em um romance, quem orquestra todos os elementos que compõem a narrativa é o autor, que o faz do jeito que lhe convém, para tentar alcançar os efeitos de sentido que deseja.

O conjunto de palavras que se desenvolve ao longo do romance *A revolução dos bichos* conduz o leitor pelos acontecimentos na rotina de uma fazenda. Esses acontecimentos não são descritos como nos jornais ou documentários, textos não literários cujo propósito principal é informar, porque, quando a intenção do texto é apenas informar, a clareza e a objetividade são cruciais. Por se tratar de um texto literário, o autor se vale, dentre outros recursos, de figuras de linguagem: há conteúdo relevante nas metáforas e analogias que ele constrói.

Que tal fazermos um exercício prático? Leia este trecho da obra *A revolução dos bichos*, em que o porco Major reúne os bichos no celeiro para contar um sonho que teve. Depois, veja como ele poderia ter sido contado caso tivesse sido escrito em forma de poema.

"E mesmo as vidas miseráveis que levamos não podem alcançar sua duração natural. Quanto a mim, não me queixo, pois sou dos mais afortunados. Estou com doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. É a vida natural de um porco. Mas, no fim, nenhum bicho escapa do cutelo. Vocês, jovens porcos sentados à minha frente, dentro de um ano, cada um se esvairá entre gritos entregando a vida sobre o cepo. Todos nós estamos destinados a este horror, vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Até cavalos e cachorros não têm melhor destino. Você, Tufão, no dia em que seus músculos poderosos perderem a força, será mandado por Jones ao matador de cavalos, que cortará a sua garganta e o cozerá para alimentar cães de caça. Quanto aos cachorros, quando envelhecem e perdem os dentes, Jones amarra um tijolo no pescoço deles e os afoga no laguinho mais próximo."

Veja agora como poderia ficar o mesmo trecho se *A revolução dos bichos* tivesse sido escrita em forma de poema.

Vidas miseráveis ou não, todas terão pouca duração.
Quanto a mim, não tenho do que me queixar.
Doze anos de vida e quatrocentos filhos para criar.
É a vida natural de um porco.
E, no final, todo bicho será apenas um corpo.
Vocês, jovens porcos, dentro de um ano,
não vão ver mais nenhum humano.
Tufão, no dia em que seus músculos perderem a força,
será mandado ao matador para ser comido com pimenta
[dedo-de-moça.
Já os cachorros, quando envelhecem e perdem os dentes,
são afogados no lago, param de correr e de latir contentes.

Vamos ver agora outro trecho do romance *A revolução dos bichos*.

“Não é claro, então, companheiros, que todo o mal desta nossa vida se deve à tirania dos seres humanos? Basta nos livrarmos do Homem e o produto do nosso trabalho nos pertencerá. Quase de um dia para o outro poderíamos nos tornar ricos e livres. O que, então, temos que fazer? Trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar a raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, companheiros: Revolução! Não sei quando esta Revolução acontecerá, pode ser daqui a uma semana ou daqui a cem anos, mas eu sei, assim como vejo esta palha debaixo dos meus pés, que mais cedo ou mais tarde a justiça será feita. Concentrem-se nisso, companheiros, pelo restante de sua curta vida! E, acima de tudo, passem esta minha mensagem aos que vierem depois de vocês, para que as gerações futuras levem a luta adiante, até a vitória.”

Se o livro tivesse sido escrito em forma de poema, esta seria uma possível adaptação do trecho:

Não é claro que todo o mal desta vida se deve aos humanos?
Nos livramos do Homem e acumulamos o trabalho de anos.
Quase de um dia para o outro poderíamos nos tornar
[ricos e livres.
O que temos que fazer? Trabalhar de sol a sol para
[encher os cofres.
Esta é a minha mensagem para vocês: Revolução!
Vamos garantir a liberdade da próxima geração!

Gostou de praticar esse exercício de variação de gêneros? Você pode continuar praticando e, se quiser, pode imaginar a mesma cena em formato de história em quadrinhos, por exemplo! Veja como poderiam ficar os dois trechos na linguagem dos quadrinhos.

Diferentemente da adaptação para o poema, em que a rima e a sonoridade características desse gênero textual se destacam, na versão para quadrinhos observa-se que as falas buscam manter a naturalidade; ou seja, a oralidade passa a ser mais importante.

Ao ler uma adaptação de uma obra clássica para quadrinhos, é preciso entender que adaptar não é negar o texto e a linguagem originais, mas aproximar o leitor da visão de mundo do autor por meio de uma linguagem contemporânea, com o recurso visual em destaque.

Em sua obra *Narrativas gráficas* (Devir, 2005), o famoso quadrinista estadunidense Will Eisner (1917-2005) afirma que histórias em quadrinhos, também chamadas HQs, quadrinhos ou gibis, são "a disposição impressa de arte e balões em sequência". As histórias em quadrinhos têm uma linguagem autônoma e utilizam mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. No gênero textual quadrinhos, predomina o modo de organização narrativo, como nos romances, embora se valha também de outros modos, tanto no texto verbal quanto no visual. Exemplo disso é o uso de onomatopeias e de formatos específicos de balões para indicar ao leitor se é uma fala, um sussurro ou um pensamento das personagens. Os balões simulam o discurso direto e a língua oral, por exemplo, e as histórias normalmente giram em torno de um personagem, que pode ser fixo ou não, e que conduz a ação. Além disso, as histórias são recheadas de metáforas visuais e é comum haver um narrador.

Interessante pensar nessa variação de gênero, não? A obra *A revolução dos bichos* é tão plural, universal e instigante que seu enredo permanece dinâmico mesmo com as variações de texto. E, como você leu no começo deste paratexto, ela também permite múltiplas adaptações de linguagens: você pode ver filmes, ler quadrinhos, ouvir músicas inspiradas nela. A intertextualidade existente na obra é vasta porque a temática abordada trata de sociedade, de política e das relações humanas, um assunto vivo, atemporal e pujante, que

ensina muito sobre o contexto em que a obra foi produzida, mas, sobretudo, ensina ainda mais sobre nosso presente e nosso futuro.

Ao ler *A revolução dos bichos*, você exercita a fruição literária e o prazer de ler. O bom texto literário tem muitas camadas de significado, que vão se revelando aos poucos à medida que lemos e relemos uma narrativa. Em um texto literário, o autor se preocupa com a escolha das palavras, com seu uso e com a relação entre elas para a construção de figuras de linguagem (ironia, metáfora, metonímia, eufemismo etc.). O aspecto visual e a organização das palavras na frase, das frases no parágrafo e dos parágrafos no capítulo também são preocupações autorais. Enfim, o texto literário tem uma estética própria: desloca a linguagem de seu aspecto funcional e instrumental, aquele utilizado para nos comunicarmos, como a linguagem de um manual de instruções, para uma linguagem que nos encanta também pelas imagens que descreve e constrói. Essa é a magia da literatura. Além dos ensinamentos em relação ao desenvolvimento e à prática da cidadania, e das reflexões sobre o nosso convívio social, ler um clássico como *A revolução dos bichos* é uma oportunidade única de desenvolver o prazer pela leitura.

Bom divertimento!

Em 1937, o jornalista inglês George Orwell voltou da Guerra Civil Espanhola decidido a escrever um livro que denunciasse os regimes totalitários. Orwell queria contar uma história de fácil compreensão, em uma linguagem direta, e passou anos tentando pensar numa trama. Até que um dia, ao ver um garoto no campo chicoteando um cavalo, imaginou que, se os animais tivessem consciência de sua força, jamais aceitariam o tratamento que recebem. Assim nascia *A revolução dos bichos*.

Esta história dos animais de fazenda que se organizam politicamente é uma das mais conhecidas críticas ao poder exercido com autoritarismo, manipulação e violência.

ISBN 978-65-89590-18-7
9 786589 590187
9280303000020